

MATRIZ		H. INICIAL										H. FINAL																																																																																									
		1										2																																																																																									
		1					2					1					2																																																																																				
		1					2					1					2																																																																																				
MULTIPLICA DO VECTO COM A MATRIZ	1	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
	2	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
	3	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
	4	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
	5	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
6	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100	
7	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100	
8	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100	
9	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100	
10	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100	
11	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100	
12	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100	
13	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100	
14	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100	
15	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100	
16	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100	
17	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72																													

TOTOLOTO PASSA A TER 47 NÚMEROS

Outras novidades: primeiro e quarto prémios descem percentualmente • segundo e terceiro sobem • o último prémio será sempre pago na percentagem actual • custo de duas apostas passa de 30 para 40 escudos • alterações entram em vigor já em Janeiro

Pág.5

Diário de Lisboa

ANO 67

N.º 22 495

Quinta-feira, 22 de Outubro de 1987

Preço 45\$00

MÁRIO MESQUITA

HOJE NO «DL»



«Crónica sem notícias dentro»

Salazarismo: a memória dividida

Ler na pág.3



Celestino Amaral e José António Saraiva

Alegado delito de abuso de liberdade de Imprensa

PENAS PESADAS PARA DOIS JORNALISTAS

O director e um jornalista do «Expresso» foram condenados pelo juiz Florindo Salpico a pesadas penas de prisão e ao pagamento de uma indemnização a um magistrado envolvido no caso D. Branca. O juiz é conhecido nomeadamente por uma sentença em que absolveu «O Diabo» com base na Lei de Imprensa e alegando que acabou a censura. O Sindicato dos Jornalistas anunciou já que vai levar este caso à Federação Internacional dos Jornalistas.

Pág.9

UM PRECEDENTE QUE SUSCITA PREOCUPAÇÃO

O director do semanário «Expresso», Arquitecto José António Saraiva, e o jornalista Celestino Amaral, foram condenados, pelo Juiz Dr. Florindo Salpico, a pesadas penas de prisão e ao pagamento de uma avultada indemnização por abuso de liberdade de imprensa. Não temos possibilidade de ajuizar se o alegado delito se verificou, ou se o jornalista se empenhou, como era seu dever profissional, em estabelecer a verdade dos factos e adiantar, legitimamente, pistas para o esclarecimento de ocorrências. O director do «Expresso» foi responsabilizado solidariamente, nos termos da legislação em vigor, e o seu «crime» consiste em ter confiado nas informações recolhidas, em não ter impedido o que considerou ser esclarecimento devido ao público.

As penas de prisão, num caso remível, noutro não, e a indemnização no montante de 7.000 contos, constituem, no nosso País, a penalização mais grave até hoje aplicada, nos termos da legislação vigente, à actividade de jornalistas.

Continua na pag. 24

ELOY QUEBRA SILÊNCIO SOBRE O "CASO" CEEETA



António Eloy: a defesa do CEEETA

É a Mafia das grandes negociatas que está a saltar sobre Pimenta

Dirigente da associação ecologista «Amigos da Terra» e, simultaneamente, um dos elementos que constituem o CEEETA, António Eloy resolveu falar sobre o «escândalo» que envolve aquele centro de estudos porque, diz, já é altura de passar ao contra-ataque. Na opinião deste ecologista, trata-se, neste caso, de uma «guerra» movida pelos testas-de-ferro dos grandes grupos económicos que se sentem atingidos pela actuação de Carlos Pimenta enquanto foi secretário de Estado do Ambiente.

Pág.4

NOBEL DA LITERATURA PARA O EXILADO SOVIÉTICO JOSEPH BRODSKY

O Prémio Nobel da Literatura foi hoje atribuído ao poeta soviético exilado nos Estados Unidos, Joseph Brodsky. A nomeação da Real Academia Sueca veio confirmar os rumores que indicavam Brodsky, a par do mexicano Octávio Paz e do peruano Maria Vargas Llosa, como um dos mais cotados candidatos.

Continua na pag. 24

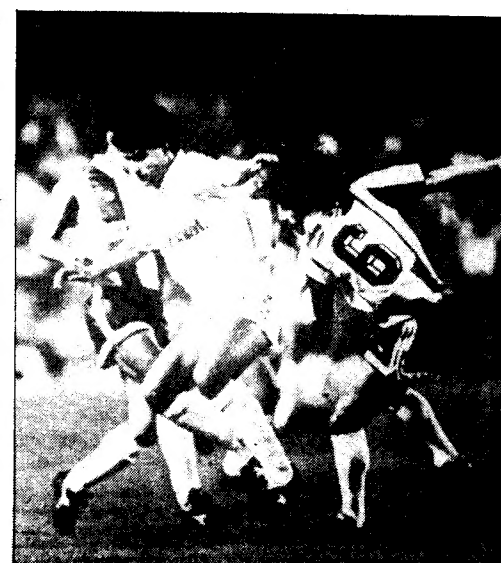
Mísseis em questão

Shultz e Schevardnaze reunidos em Moscovo

Págs 14 e 15



Porto a quinze dias do salto: em Valência os «dragões» bateram-se brilhantemente com os «merengues» do Real Madrid, chegando a ter vantagem de um gol; Sousa e Geraldão travam Chendo



AMANHÃ COM 64 PÁGINAS: NOVA EDIÇÃO DO «ANUÁRIO VÍDEO 87»



Com o Benfica na Dinamarca

Desconhecidos os temas a tratar

PAPA RECEBE RÁDIO RENASCENÇA DEPOIS DA AUDIÊNCIA COM CAVACO

Menos de uma semana depois de ter recebido o Primeiro-Ministro português, o Papa concede, depois de amanhã, uma audiência ao Conselho de Gerência da Rádio Renascença, acompanhado pelo Cardeal Patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro, que se encontra em Itália para participar no Sínodo.

A notícia desta audiência papal foi ontem divulgada pela própria emissora católica portuguesa que, contudo, nada adiantou sobre os assuntos a abordar entre o Sumo Pontífice e o Conselho de Gerência da Renascença.

No entanto, ou por isso mesmo, parece legítimo relacionar a viagem de Cavaco a Roma e a sua conversa com João Paulo II com esta audiência, muito embora o Primeiro-Ministro português tenha assegurado aos jornalistas portugueses que assuntos como a atribuição de um canal de televisão e a revisão da Lei do Aborto não foram tratados.

Assim se voltam a colocar algumas dúvidas sobre os temas e resultados reais da visita de Cavaco Silva a Roma, ou seja, até que ponto ele falou aos jornalistas sobre o que realmente tratou, tanto com o Governo italiano como no Vaticano, ou se apenas deixou «cair» para os jornalistas a matéria que lhe interessava.

Repercussões da visita na Imprensa italiana

Chegam, entretanto a Lisboa, ecos da visita do Chefe do Governo português a Itália, mais a partir da conferência de Imprensa que concedeu em Roma, pouco antes de regressar a Portugal, do que dos contactos que efectuou, nomeadamente com Francesco Cossiga e Giovanni Gorla.

É assim que, por exemplo, o «Paese Sera», se refere a um «quarentão, economista, protagonista do sucesso do Partido Social Democrata», que afirmou pretender «não afirmar medidas restritivas mas acções positivas para reequilibrar a balança comercial com a Itália».

Por sua vez, o «Il Popolo» titula que «há ampla abertura de Portugal a intervenções produtivas italianas», o que constitui um bom «favor» a Cavaco e às intenções que estiveram na base da sua deslocação à capital italiana.

Outros jornais italianos se referiram igualmente à deslocação de Cavaco ao seu

país e aos resultados possíveis. Por exemplo, «La Nazione», de Firenze, afirma que «Lisboa abre a porta a Itália», e em subtítulo: «O Primeiro-Ministro a Gorla: 'Somos um bom investimento'».

Quanto ao diário romano «L'Unità», abre a sua peça relativa à conferência de Imprensa caracterizando Cavaco como segue: «Sorridente, cordial, seguro de si, o Primeiro-Ministro português Aníbal Cavaco Silva, apresentou-se no encontro com a Imprensa nos ricos salões de Villa Barberini».

CIP reage a notícia do «Sole 24 ore»

Entretanto, a CIP divulgou um comunicado sobre uma notícia publicada pelo jornal económico-financeiro de Roma «Sole 24 ore», que, como referimos, integra declarações do presidente daquela associação ao jornalista que se deslocou a Lisboa.

Afirmando que todas as transcrições reproduzidas em jornais portugueses são iguais e aproveitando por isso, para os atacar, («leva a supor tratar-se de transcrição de agência o que é pecha vulgar nos nossos órgãos de comunicação»), a CIP afirma que tal mais não é do que

«uma extrapolação incorrecta».

(Aproveita-se para informar a CIP que a generalidade dos jornais fizeram deslocar a Roma enviados com Cavaco Silva e que portanto se trata de traduções da notícia publicada pelo «24 ore». A forma como a CIP trata o assunto revela uma leitura pouco cuidada dos serviços publicados pelos vários jornais o que é pecha de alguns «leitores»).

Segundo a associação patronal, o que foi afirmado foi o seguinte: «não houve grande acréscimo de investimento directo estrangeiro no nosso país na sequência da adesão de Portugal à CEE e que isto é verdade tanto para investimento oriundo da CEE como de países terceiros».

Segundo a CIP, «dentro desse relativo marasmo, os números ainda são menos favoráveis na área industrial do que noutras, nomeadamente a financeira e a turístico-imobiliária» e que «nos casos em que empresas industriais de dimensão significativa analisaram a hipótese de investir na indústria em Portugal optaram sempre, infelizmente, por outras localizações, nomeadamente em Espanha».



Soares é rijo

Ao «slogan» largamente usado na sua campanha eleitoral - «Soares é Fixe», pode acrescentar-se agora que «Soares é rijo». Na verdade, três dias depois da queda que deu em Paris, na escadaria da embaixada de Portugal, o Presidente da República visitou no Lumiar o Centro de Medicina Aeronáutica da Força Aérea, que promove os exames médicos de selecção e revisão do pessoal navegante da Força Aérea, pelo Departamento de Instrução e Prevenção, no qual se salienta a secção de Treino Fisiológico, onde o pessoal navegante é submetido a provas e testes em equipamentos que permitem avaliar os seus comportamentos e reacções nas diferentes condições de voo neles simuladas.

Submetido a estes exames, Mário Soares, «foi considerado apto para a realização de voos em aviões de reacção e supersónicos».

Este Centro de Medicina Aeronáutica possui instalações modernas e adequadas, equipadas com material sofisticado e complexo, equiparado ao que de melhor existe na Europa. Parte deste material foi obtido por contrapartidas, parte por aquisição e outra parte é mesmo de concepção e fabrico nacional.

O Presidente da República foi ali recebido pelo Chefe do Estado Maior da Força Aérea, general Brochado de Miranda e pelo director daquele Centro, coronel médico Melo Coelho.

Semanário do Rio critica posição do Brasil na UNESCO

O semanário brasileiro «O Mundo Português», do Rio de Janeiro, critica, na sua última edição, o voto do Brasil a favor da reeleição de Amador M'Bow para a direcção-geral da UNESCO, depois da abertura manifestada ao apoio ao candidato português, Sá Machado.

Num comentário do cronista Gonçalo Ramires, o semanário refere que «o episódio foi um balde de água fria, com jeito de represália ao

voto português na ONU, no ano passado, contra a proposta de Brasília de desarmamento do Atlântico Sul».

Segundo o articulista, apesar das diligências feitas pelo Presidente Soares, «a verdade é que o Brasil acabou mesmo votando no sr. M'Bow». Ramires aborda as relações luso-brasileiras e após salientar que «tudo não passa de conversa», pergunta: «Sarney vai a Portugal, Soares vem ao Brasil - e quais foram os resultados?»

Proposta de lei do Governo

Imprensa Regional em debate na A.R.

A Assembleia da República debate hoje uma proposta de lei que autoriza o Governo a aprovar o estatuto da Imprensa regional.

No preâmbulo do diploma salienta-se o facto de a Imprensa de expansão regional se confrontar «há muito anos com dificuldades, insuficiências e necessidades várias que, a não serem debeladas, ou pelo menos minoradas a curto prazo, podem comprometer o futuro e a própria sobrevivência de muitos jornais regionais».

A proposta do Executivo aponta como funções específicas da Imprensa regional, entre outras, «assegurar às

comunidades regionais e locais o fácil acesso à informação e proporcionar aos emigrantes portugueses no estrangeiro, informação geral sobre as suas comunidades de origem, fortalecendo os laços entre eles e as respectivas localidades e regiões».

O documento prevê que o Governo, em articulação com as autarquias, assegure «um acesso em condições especialmente favoráveis aos produtos informativos da

agência noticiosa nacional, através de acordos ou contratos-programa celebrados com esta entidade».

Governa forma jornalistas?

A formação de jornalistas e colaboradores da Imprensa regional, medidas de apoio à viabilidade técnica e económica, estímulo ao associativismo a nível dessa mesma Imprensa e sua articulação com os programas de desenvolvimento regional, serão competências e medidas que, segundo a proposta do diploma, caberá ao Governo central assegurar.

O artigo primeiro do Estatuto considera Imprensa Regional «todas as publicações periódicas de Informação Geral, conformes a Lei de Imprensa, que se destinem predominantemente às respectivas comunidades regionais e locais, dediquem, de forma regular, mais de metade da sua superfície redactorial a factos ou assuntos de ordem cultural, social, religiosa, económica e política, a elas respeitantes, e não estejam dependentes directamente ou por interpostas pessoas, de qualquer poder político, inclusivé o autárquico».

O PSD e a revisão constitucional

Entre a sedução e a ameaça ao PS

O líder parlamentar do PSD, Correia Afonso, em entrevista do «Povo Livre», órgão oficial dos socialdemocratas, acusa o Partido Socialista de preparar um ali-bi para «mascarar recusas injustificáveis na área da revisão constitucional, ao fazê-la depender de consensos alargados noutras áreas».

Correia Afonso afirma que, quando os socialistas falam

na necessidade de uma negociação global que inclua leis paraconstitucionais «seguem o seu caminho habitual de fugir às responsabilidades».

«No fundo, o PS fala na globalidade de acordos com o PSD para significar que se nuns pontos não obtiver consenso, nos outros será ele, PS, a recusá-lo, o que é uma forma, quanto a mim, ilegítima, de o PS valorizar a sua contribuição para se

conseguir os dois terços necessários à revisão constitucional», acrescenta Correia Afonso.

O líder parlamentar social-democrata não esquece todavia o jogo de sedução ao PS, encetado desde há meses pelo seu partido, e afirma que guarda, no entanto, a esperança de que o PS «caia em si no momento próprio e assumo o papel de grande partido nacional, para concluir

que deve dar o seu contributo à modernização da lei constitucional».

Garante ao mesmo tempo que o PSD, apesar de majoritário na Assembleia da República, «não esmagará ninguém e estará sempre pronto a ouvir e a debater as posições das minorias», mas adverte para que «não se confunda abertura e diálogo com falta de firmeza», pois

«quem governa são as maiorias e não as minorias».

Correia Afonso recorda que o seu grupo parlamentar prepara com os outros partidos a revisão da lei orgânica da Assembleia e já apresentou no Parlamento projectos de lei para alterar o regimento, condicionar a afixação de publicidade nas paredes e para revogar a Lei que determinava a participação da Assem-

bleia na formulação das políticas comunitárias.

Na base destas iniciativas, que objectivamente limitam poderes da Assembleia e das minorias, está, segundo Correia Afonso, a vontade de «fortalecer a democracia, tornando-a mais operante e contribuindo para uma melhor definição das regras do jogo».

Salazarismo: a memória dividida

Mário Mesquita

EVIDÊNCIAS HISTÓRICAS

A nova classe política nasceu da confluência da oposição ao salazarismo e dos herdeiros pragmáticos do antigo regime. A área oposicionista abrangia republicanos, sociais-democratas, socialistas, comunistas, «esquerdistas», católicos e até monárquicos de esquerda. A área proveniente do regime (ou das suas franjas) englobava salazaristas, marcelistas, monárquicos, integralistas e «liberalizantes».

De um lado, a oposição, de Artur Cunha Leal a Álvaro Cunhal, sem esquecer a extrema-esquerda; do outro o regime, de Adriano Moreira a Sá Carneiro. Nem toda a oposição aderiu ao sistema político emergente do 25 de Abril: veja-se o destino de uma parte da «esquerda revolucionária» (Otelo, por exemplo). Nem toda a direita se integrou nas instituições democráticas: atente-se aos destinos dissemelhantes de dois antigos ministros e candidatos à sucessão de Salazar; enquanto um deles se assumiu como líder partidário, o outro remeteu-se à função de biógrafo oficial de Salazar.

O núcleo central da classe política, gerado sob tutela militar, após o separar de águas do 25 de Novembro de 1975, é constituído pelos herdeiros da oposição moderada ao antigo regime (predominantes no PS) e da liberalização marcelista (predominantes no PPD-PSD).

A par de quadros com «passado político» registado no curriculum vitae, foram-se, naturalmente, verificando sucessivos aflusos de recém-iniciados na vida política



«Em Portugal a direita não tem uma tradição de resistência...»



ca: pessoas sem actividade política notória sob o antigo regime; novas gerações vindas da Universidade, dos negócios, dos próprios partidos e do sindicalismo...

José Medeiros Ferreira disse, a esse propósito, num depoimento acerca da crise académica de 1962, que, «da mesma forma que, em Itália ou em França, houve pressa em fazer chegar aos postos de direcção gerações que não tiveram de optar entre a colaboração e a resistência», in «Diário de Notícias», 19 de Março de 1987.

QUESTÕES DE LEGITIMIDADE

Ao contrário do que sucedeu na França do pós-guerra — onde

ao factor ideológico (governo de Vichy) acrescia o elemento nacionalista (ocupante alemão) —, não havia em Portugal nenhuma corrente de direita que tivesse participado activamente na resistência ao salazarismo.

A fronteira regime-oposição quase coincidia com a fronteira direita-esquerda. O quase deve-se aos homens que, no início da década de 60, não acompanharam a cisão de Mário Soares no Directório Democrata-Social (da qual resultaria a fundação da Acção Socialista Portuguesa) e permaneceram fiéis à democracia liberal, mas também a uma certa ideia do Ultramar.

O centro-direita, proveniente da «liberalização» marcelista, procurou, após o 25 de Abril, consolidar a sua legitimidade apelando aos notáveis das correntes moderadas herdeiras da I Re-

pública. O caso mais notório é o Nuno Rodrigues dos Santos, que veio a ser presidente do PSD. Mas os vagos mea culpa da direita diluíram-se nas confrontações do Verão quente, que tiveram costas largas...

A VERSÃO DESCULPABILIZANTE

A pouco e pouco, foram ganhando direito de cidade as versões desculpabilizantes do passado salazarista. Evoca-se o lado «paternalista e brando» da ditadura; esquece-se a vertente repressiva, policial e censória do regime, como se de incómodo «pormenor» se tratasse.

No caso francês, por exemplo, as «memórias» que se confrontaram no pós-guerra — desde os gaullistas aos comunistas — baseavam-se na reconstrução, a

posteriori, de uma França quase exclusivamente resistente» (Jean-Marie Colombani, «La mémoire longue», in Le Monde, 22 de Setembro de 1987).

Em Portugal, a origem bipolar da nova classe política reflectiu-se em imagens contraditórias do passado recente. A memória oposicionista não mostrou força bastante para impor a sua hegemonia na fase de construção da democracia.

O novo sistema político ganhou forma entre as inspirações da Primavera marcelista e da resistência ao salazarismo; entre o legado dos candidatos a reformadores do antigo regime e a herança da oposição propriamente dita.

A visão do salazarismo transportada pelos «liberais» do tempo de Marcelo Caetano era, naturalmente, benévola: qualquer coisa como um fascismo lusitano, civilizado, piedoso, à medida dos nossos brandos costumes, que seria susceptível de se metamorfosear em democracia comum pouco mais de civilização, piedade e brandura, a ex-oposição — ou, pelo menos, parte dela — teimava, apesar de tudo, em lembrar, indelicadamente, a supressão das liberdades, a censura e a polícia política.

Entretanto, a biografia apologética de Salazar, da autoria do seu talentoso ex-ministro Franco Nogueira, figura em lugar cada vez mais destacado na reduzida biblioteca básica de muitas famílias da classe média portuguesa...

PRÓXIMO TEXTO:

«Vantagens da amnésia política»

Garante António Paulouro

Não se deu no Fundão o apagamento total do PRD

A propósito da reportagem sobre a eleição intercalar no Fundão publicada na edição de segunda-feira, 19, do Diário de Lisboa, recebemos a seguinte mensagem de António Paulouro, Director do Jornal do Fundão e ex-deputado do PRD à Assembleia da República:

«Meu caro Daniel Reis:

Dormitava Homero, mas não dormita você. A rapidez, seu trunfo estimável, não o deixará dormir mas pode prejudicar o rigor das conclusões. Foi o que aconteceu agora. Não se deu o apagamento total do PRD, como afirmou.

Dos 28 mil eleitores só 12 mil foram às urnas. Sem Juntas de Freguesia, óleo lubrificante da máquina eleitoral, sem caciquismos nem promessas de benefícios, sem os largos meios financeiros que outros usaram, ficámos com 386 votos e não com 86 como por lapso, perdão, por gralha, diz a meio do seu texto.

Convinha também saber como ac tuou o nosso vereador na Câmara, cuja queda ele apressou. Queda que o ministro da tutela, o Conselho de Ministros e o Presidente da República determinaram, face às deliberações das Assembleias Municipais e Distritais e às conclusões da inspecção administrativa que apurou um rol de ilegalidades su ficiente para derrubar meia dúzia de câmaras (algumas não caem,

mas isso é outra história).

Tinhamos razão. Todavia pagámos os custos da luta contra a inércia, o deixa correr. Continuamos a pagar por uma política afirmada e praticada de honestidade e eficácia.

Vale a pena? Claro que sim, embora tenha que se dar tempo ao tempo.

Um abraço amigo do António Paulouro.»

Nota do Redactor:

Para além da óbvia gralha sobre o número de eleitores que continuam a manifestar pelo voto a sua fé no PRD (foram, efectivamente, 386 como, aliás, está escrito no texto publicado — parágrafo anterior àquele em que, por ter caído o 3, se concluiria ter o PRD minguado ainda mais), vale a pena acrescentar um pequeno contributo ao rigor das conclusões. Isto pela consideração que nos merece o nosso interlocutor, António Paulouro, pois sobre as eleições propriamente ditas já escrevemos que baste, tal como sobre a crise que as precedeu.

Assim, levando o rigor até à pesquisa das primeiras eleições a que o PRD concorreu no Fundão, verifica-se que dos 5.065 votos recolhidos a 6 de Outubro de 85 só restavam, dois anos e 12 dias depois, 386 eleitores ex-

pressamente fiéis ao partido. Minguaram rápida e regularmente pelo caminho: 2.833 nas autárquicas de 85 e 1.143 nas legislativas de Julho passado.

Significa isto o apagamento total? Eleitoralmente, entendemos que sim; mas não é forçoso que outros comunguem da mesma opinião, até porque em matéria desta o «rigor» afere-o, subjectivamente, cada força partidária. Mas, de facto, se olharmos apenas à votação de 18 de Outubro, o PRD não conta, eleitoralmente, no concelho do Fundão. Os seus 0,3 por cento, um peso inferior ao do próprio MDP, falam por si.

Mas é claro que o rigor exige completar a afirmação com a reserva de que um partido ou outra qualquer organização social, não se avalia apenas pelo número dos seus membros. Quicá conta muito mais a qualidade deles. Neste caso do PRD do Fundão, eles são poucos mas bons. Pelo menos os que conhecemos.

De modo que, meu caro António Paulouro, nem sequer posso ser acusado de gritar, gratuitamente, «Vae victis!». O problema é que é tal o fragor da queda do PRD, que até Homero despertaria sobressaltado se ainda por cá dormitasse. E enquanto não se puder demitir o povo que vota...

Cordialmente seu

Daniel Reis

A VOZ DO OPERÁRIO

CURSOS DE INGLÊS, FRANCÊS E ALEMÃO
Mensalidades: 1 300\$00
Abertas Inscrições

Início das aulas a 2 Nov.
Rua da Voz do Operário, 13 Telefone: 8621 55/6/7



CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA

DEPARTAMENTO DE URBANISMO

DIVISÃO DE RECUPERAÇÃO DE LOTEAMENTOS ILEGAIS

EDITAL N.º 151/87

Fernando Jorge Amaral Tavares de Carvalho, presidente da Câmara Municipal de Sintra:

Faz público que um:

Foi iniciada a recuperação do bairro da Estrada da Cavaleira, na freguesia de Algueirão - Mem-Martins, com a adjudicação da elaboração dos respectivos planos e projectos a uma das equipas técnicas que se apresentaram ao concurso efectuado pela Associação de Proprietários e Moradores da Estrada da Cavaleira. Sendo a recuperação financiada pelos proprietários dos lotes e dos terrenos abrangidos pelo Plano em elaboração, torna-se necessário, nos termos da alínea e do número um do Artigo 6.º e do Artigo 9.º do Decreto-Lei número 804/76 de 6 de Novembro, definir para a presente fase o montante e a forma de pagamento das participações que cabem a cada um daqueles proprietários, devendo o critério ser aprovado pela sua maioria.

Aprovados o montante e a forma de pagamento das participações a sua aplicação será extensiva a todos os proprietários, sob pena do disposto no número um do Artigo 10.º do supracitado diploma.

Assim os proprietários de lotes e terrenos situados no bairro da Estrada da Cavaleira dentro da área delimitada na carta anexa deverão pronunciar-se no prazo de um mês a partir da data da publicação do presente edital, acerca do seguinte:

Um — todos os proprietários dos lotes ou terrenos localizados no bairro da Estrada da Cavaleira deverão entregar à Associação de Proprietários e Moradores da Estrada da Cavaleira a quantia de nove mil novecentos e trinta e um escudos e cinquenta centavos referentes a estudos e projectos até ao dia 30 de Novembro de 1987.

Os proprietários que não concordarem com o estabelecido no número um ou que pretendam apresentar propostas alternativas deverão fazê-lo por escrito no livro existente para o efeito na sede da Associação de Proprietários e Moradores da Estrada da Cavaleira.

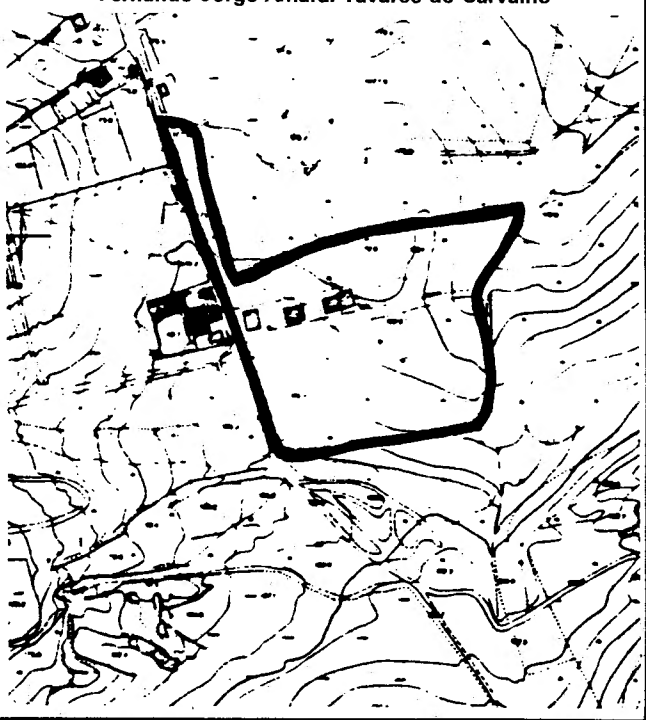
Para constar se publique este Edital, e outros de igual teor nos lugares públicos do costume.

E eu,

Director do Departamento Administrativo o subscrevo.
Paços do Concelho de Sintra, 1 de Outubro de 1987.

O Presidente da Câmara

Fernando Jorge Amaral Tavares de Carvalho



António Eloy acusa

"ESCÂNDALO" DO CEEETA É UMA GUERRA MOVIDA PELOS GRUPOS ECONÓMICOS

Rui Eduardo Paes

António Eloy, dirigente dos Amigos da Terra portugueses e membro do CEEETA, entidade sobre a qual pendem acusações de corrupção, resolve-se e dá a cara, falando sobre um assunto até ao momento silenciado mas que ainda dará pano para mangas. Toda esta «guerra» a propósito do CEEETA, diz ao dL, é movida «pelos testas-de-ferro dos grandes grupos económicos».

O CEEETA, como o leitor já saberá nesta altura dos acontecimentos, é um centro de estudos de características universitárias, constituído para dar pareceres técnicos sobre questões ligadas à energia, aos transportes e ao ambiente, sem propósitos lucrativos. O escândalo rebentou quando se soube que o centro de estudos incluía como fundadores o antigo secretário de Estado do Ambiente, Carlos Pimenta, e o actual ocupante do n.º 51 da Rua do Século, Macário Correia, e ainda outros membros do Governo de Cavaco Silva: o ministro da Juventude, Artur Couto dos Santos, e Nuno Ribeiro da Silva, secretário de Estado da Energia, que entretanto abanouna a equipa.

Mas tudo ficou agravado quando se tornou público que o CEEETA funcionava nas próprias instalações da Secretaria e Estado do Ambiente e Recursos Naturais, gerando-se a (pelo menos) estranha situação de um organismo privado parasitário de uma instituição do Estado. O caso, saliente-se, não é único nos nossos ministérios e secretarias de Estado, começando a ser habituais estes organismos juridicamente ambíguos.

Neste momento decorre na Alta Autoridade Contra a Corrupção uma investigação quanto às acusações feitas ao CEEETA, designadamente no que diz respeito às contas do centro de estudos, e entretanto António Eloy vem à praça, pelo que nos diz, não propriamente para defender aquele colectivo mas com o propósito de esclarecer a verdade. Carlos Pimenta, por seu lado, também terá revelado a sua intenção de reagir às acusações que lhe são dirigidas, o que fará, pelo que o «dL» apurou, muito brevemente.

Foi assinado protocolo de cedência

Para já, Eloy adianta ao nosso jornal que o CEEETA é anterior à ida para o Governo de qualquer das pessoas que o fundaram, não se tratando de um centro do PSD, a funcionar em circuito fechado: «Dele também fazem parte socialistas ou personalidades próxima do PS, como Leonor Coutinho e Consiglieri Pedrosa, ou do PCP, como Mota Redol e Vítor Martins, para além de

mim, que não tenho nada a ver com o Partido Social-Democrata».

E mostra-nos um documento do gabinete do secretário de Estado do Ambiente onde se dá conta de um «protocolo de cedência temporária de instalações e equipamentos pertencentes à Secretaria de Estado do Ambiente e dos Recursos Naturais ao Centro de Estudos em Economia da Energia, dos Transportes e do Ambiente, no âmbito dos trabalhos que o CEEETA desenvolve com entidades tuteladas pela secretaria de Estado».

Aé se refere que, «para efeitos de instalação e funcionamento» do CEEETA, no período de tempo em que proceder à coordenação de um programa de investigação sobre política de valorização dos recursos energéticos endógenos que harmonize o desenvolvimento local e preservação do ambiente, se cede «o direito de ocupação» das instalações na Rua do Século, englobando o uso de sete salas, cinco números de telefone e ainda de telex.

Segundo António Eloy, recorrer ao CEEETA para proceder a identificações e levantamentos na área do ambiente, é para a Secretaria de Estado uma necessidade óbvia, porque, sustenta, «não existe mais nenhum centro de estudos que se dedique a questões do ambiente». A polémica surgida, acrescenta ao repórter do «dL», «está a ser movida por um sector do PSD, que é um partido cheio de barões, movidos pelos interesses económicos que foram de algum modo 'prejudicados' por Carlos Pimenta».

Este, quando era secretário de Estado, impediu o avanço da marina da ria Formosa («uma escandaleira — diz António Eloy —, que neste momento está em stand by, com intervenção de capitais de Marselha»), a «destruição do litoral alentejano» pela Cimiant, o desrespeito da área protegida do Alentejo pelo turismo dos árabes e ainda projectos protagonizados por Stanley Ho e Queirós de Andrada. «É a mafia das grandes negociatas que está agora a saltar sobre Carlos Pimenta», diz-nos o dirigente ecologista.

António Eloy, que acha serem o ambiente e o desenvolvimento incompatíveis entre si, («e foi

essa muitas vezes a ingenuidade do Pimenta, pois tentava harmonizá-los, diz), particulariza a denúncia na figura do antigo presidente da EPAL, Van Hoof Ribeiro, «um testa de ferro honesto ataque ao CEEETA e à Secretaria de Estado do Ambiente».

«Lobbies» prejudicados por Carlos Pimenta

E explica-nos a sua afirmação: «O centro de estudos procedeu ao levantamento das possibilidades de pequeno aproveitamento hidráulico por meio de minibarragens, o que proporciona investimentos de tipo camarário. Ora, isto vai evidentemente contra o interesse dos grandes 'lobbies' da construção civil e do cimento, como a Cimiant. Fizeram-se muitos milhões com os negócios da água, e não é de estranhar que o actual responsável pela Cimiant, o eng.º Queirós Pereira, tivesse sido antes de 1974 o presidente das Águas Livres.»

A política das águas, que só recentemente entrou no âmbito ambiental, «era uma política de produção, não de uso, e aí estão os contratos firmados por Van Hoff com a Saniservice e a Cimiant, que Carlos Pimenta não assinou, porque achava que deviam ser submetidos à consideração da tutela». Tudo somado, diz o nosso interlocutor que surgiu para alguns a necessidade de «cortar a cabeça ao Pimenta», porque «é mais fácil abater políticas abatendo os seus protagonistas».

E conta-nos António Eloy que assistiu, no gabinete de Carlos Pimenta, a ameaças telefónicas dirigidas a este, como pôde igualmente testemunhar algumas tentativas de corrupção na pessoa do antigo secretário de Estado: «Houve uma empresa algarvia que até tentou depositar uma quantia em dinheiro em nome da filha dele.»

Mas algumas vezes Carlos Pimenta foi derrotado nos seus intentos, acrescenta o elemento do CEEETA, «e essas derrotas foram também derrotas do ambiente», na sua perspectiva. Foram os casos, sustenta, da central de carvão do Pego («a EDP protelou sistematicamente o sistema de despoluição e o transporte do carvão ainda está por resolver»), da barragem do Torrão, em Amarante, ou da Arrábida («a falta de um plano de ordenamento, por inércia dos serviços, levou à especulação a que agora se assiste»).

Outro aspecto negativo, e que vem dando também que falar, é a questão das bandeiras azuis da CEE em algumas praias que, pelo seu índice de poluição, não deve-

riam ter direito a tal concessão, como é o caso da do Estoril. Os Amigos da Terra, recorde-se, fizeram queixa contra a Comissão do Ano Europeu do Ambiente, acrescentando que a subcomissão de fundos daquela entidade, constituída por representantes de grupos ecologistas, de sindicatos e universidades, atribuiu donativos, segundo a associação que Eloy dirige, a estruturas «fantasmas» como a Comissão Ecológica Independente, ligada ao PRD, ou puramente inexistentes, como a CAQV, de Aveiro. Decorre ainda o processo nas instâncias da Alta-Autoridade Contra a Corrupção.

Não faça cedências com o Poder

Na altura, o semanário «Expresso» dava conta da reacção — um tanto irada — de Carlos Pimenta à acusação dos Amigos da Terra, mas António Eloy afirma-nos, preto no branco, que o actual deputado social-democrata em Estrasburgo não proferiu essas declarações, segundo garantia do próprio ao dirigente ecologista e confirmação da jornalista estagiária Paula Sá, que lhe disse terem-lhe «mexido no texto». Os inimigos de Pimenta e Macário Correia, continua, encontram-se igualmente dentro da própria Secretaria de Estado do Ambiente, «como confirma o facto de documentos internos surgirem nos jornais não se sabe como».

Mas não estará afinal António Eloy a defender os movimentos de Carlos Pimenta em toda esta história? Foi o que lhe perguntámos, mas respondeu: «Não faço cedências com o Poder, e até acho que o Pimenta foi extremamente ingénuo enquanto secretário de Estado. Eu não apoiei o Carlos Pimenta por si próprio, mas pela política de ambiente correcta que ele estava a desenvolver. Se fosse o José Francisco faria precisamente o mesmo, e aliás não posso deixar de lembrar as más relações que os Amigos da Terra tiveram com outros responsáveis governamentais pelo ambiente, como a Margarida Borges de Carvalho e o Oliveira Fernandes.»

Quanto ao «encosto» de Eloy aos governantes sociais-democratas, acontecendo o mesmo a nível autárquico em relação ao PPM, o ecologista afirma que «a minha aproximação com os partidos políticos acontece só em casos pontuais». A actividade dos Amigos da Terra, conclui, «pode ser de oposição e crítica como de apoio e até convergência, tudo dependendo da política ambiental que estiver a ser seguida».

Já no concurso de 2 de Janeiro de 1988

TOTOLOTO COM MAIS DOIS NÚMEROS

O Totoloto passará a ter 47 números já a partir do primeiro concurso de 1988, em 2 de Janeiro, de acordo com uma portaria do Ministério do Emprego e da Segurança Social hoje inserta no «Diário da República». O mesmo diploma determina várias alterações à percentagem dos valores dos prémios, retirando seis por cento ao 1.º e atribuindo mais 3% ao segundo e 5 por cento ao 3.º prémio.

Quanto às alterações às percentagens dos cinco prémios, só o último mantém os mesmos 33%, porque também o quarto desce — como o primeiro —, mas apenas dois pontos: de 22 para 20 por cento. Apesar destas descidas e subidas, o valor real dos prémios será substancialmente maior, em todos os casos, porque o preço das apostas também subirá, na ordem dos trinta por cento.

O «DIÁRIO DE Lisboa» apurou ainda que o quinto prémio passará sempre a ser pago aos apostadores que acertarem em três números, o que presentemente não acontece. Esta alteração — que interessa a milhões de apostadores — não consta da portaria hoje publicada na folha oficial, mas é uma certeza adquirida.

Desde o primeiro sorteio que o último prémio, sempre que o valor seja inferior a 75\$00, reverte para o prémio acima, concretamente o quarto. É o próprio regulamento que prevê no ponto 11 do Art.º 16.º. O diploma, hoje publicado, para entrar em vigor a partir de 1 de Janeiro, elimina essa disposição de pres-

crição de valor mínimo. O regulamento geral dos concursos do Totoloto objecto de algumas alterações pela portaria em questão, além de estabelecer o que acima referimos, nomeadamente o alargamento para mais dois números (do 1 ao 47) para marcação dos prognósticos, admite que em caso de extravio ou inutilização do recibo, seja mais fácil receber o valor do hipotético prémio ganho, solicitando uma credencial a troco de 75 escudos em selos de correio, e liberaliza o uso das cores na marcação dos números, pormenor que não integra a matéria legislativa.

Com efeito, além do azul e do preto, passará — a partir de 2 de Janeiro, de 1988 — a ser autorizada a sua inscrição com tinta de cor vermelha ou verde, ou qualquer outra, desde que seja perceptível.

O preenchimento dos prognósticos nas apostas simples e múltiplas mantém-se, continuando portanto a fazer-se através da marcação de seis dos números, cujo total passa de 45 para 47. Claro que o sorteio passará a integrar tantas bolas como as dos

números de apostas: 47. O custo destas, como acima se diz, aumenta em cerca de trinta por cento, subindo o mínimo de 30 para 40 escudos — apurou esta manhã o «DL».

A mesma folha oficial de hoje publica uma portaria relativa ao regulamento geral dos concursos do Totobola, por razões meramente processuais. As alterações a introduzir, já a partir de 2 de

Janeiro, são mínimas, salvaguardando — nas mesmas condições do Totoloto — o extravio ou inutilização do recibo, a troco de selos dos CTT no valor de 75 escudos, no período de trinta dias a partir da data do concurso. Também no Totobola os prémios passam a ser pagos qualquer que seja o seu valor.

Segundo os especialistas, o alargamento de 45 para 47 números

do boletim do Totoloto torna mais difícil o aparecimento de totalistas, uma vez que cada aposta passa a ter apenas uma probabilidade em 10.738 milhões de acertar nos seis números sorteados. Presentemente, essa proporção ou probabilidade é de 1 para 8.145 milhões. A probabilidade de alcançar o 1.º prémio, segundo cálculos de especialistas, passa a ser cerca de 24

por cento mais baixa.

O preço dos serviços de «última hora», que agora custa cinco escudos, passa para 10 por bilhete, quer no Totobola quer no Totoloto. Com base nesse acréscimo e no aumento previsível de receitas resultantes da subida de cada aposta do Totoloto, a Santa Casa da Misericórdia admite que o valor de todos os prémios cresça em proporção.

Assaltantes de sexagenária capturados no Barreiro

Dois jovens foram ontem detidos no Barreiro sob a acusação de terem assaltado naquela cidade, na rua e em pleno dia, uma senhora de 62 anos, Corina Santos, reformada, a quem tentaram roubar a carteira, agarrando-a pelo pescoço e ameaçando-a com uma faca de ponta-e-mola.

Aconteceu que aos gritos da vítima acorreram vários popula-

res que conseguiram imobilizar no local um dos assaltantes, Rocha, de 18 anos, desempregado, tendo o outro, Marques, de 19 anos, estudante, sido capturado mais tarde pela PSP.

Os dois carteiristas, ambos residentes na Baixa da Banheira, recolheram à cadeia do Montijo, onde vão aguardar julgamento.

Atingido a tiro pelo cunhado num acidente de caça

A GNR, através da sua Repartição de Relações Públicas, refere, em comunicado, que, na região de Alcobaça, um caçador, cuja identidade não revela, foi atingido numa perna com um tiro de espingarda disparado acidentalmente pelo seu cunhado.

O comunicado menciona ain-

da a detenção de quatro indivíduos por caça ilegal (três em S. Romão, no concelho de Vila Viçosa e um em Pedrógão Grande, no distrito da Guarda).

Posteriormente todos eles foram libertados até à realização dos respectivos julgamentos.

CLÍNICA MÉDICO-DENTÁRIA REPÚBLICA DOENÇAS DA BOCA E DENTES

Competência a Preços Acessíveis
Aberto aos sábados e domingos

Urgências sem marcação
Av. da República, 99-5.º-Esq.º (ao Campo Pequeno)
Telef. 760569

OBRIGAÇÕES 1987

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

**Subscrição pública, não sujeita a rateio,
de 7 000 000 de Obrigações
de valor nominal de 1000\$00 cada**

SUBSCRIÇÃO

De 19 a 23 de Outubro, em qualquer Balcão do Banco Pinto & Sotto Mayor.
Da totalidade da emissão, 60 % será reservada às subscrições de montante não superior a 500 contos, durante os dois primeiros dias.

TAXA DE JURO

1. A taxa de juro do primeiro cupão é de 15,25 %.
2. Para cada um dos cupões seguintes a taxa de juro nominal será a taxa de referência fixada em Aviso do Banco de Portugal em vigor no primeiro dia de cada período de vencimento de juros, deduzida de 1,5 %, conferindo um rendimento nominal de 15 %, nas condições actuais.
Considerando a capitalização semestral, nas condições actuais a taxa de juro efectiva anual é de 15,6 %.

VANTAGENS FISCAIS

As Obrigações gozam de isenção de Imposto Complementar, Imposto de Capitais e Imposto Sobre Sucessões e Doações.

PAGAMENTO DE JUROS

Ao semestre, em 15 de Fevereiro e 15 de Agosto, ocorrendo o pagamento do 1.º cupão em 15 de Fevereiro de 1988, pela importância correspondente ao período efectivamente decorrido.

REEMBOLSO

Ao par, de uma só vez, oito anos após o termo do período de subscrição.

ADMISSÃO A COTAÇÃO

Nas Bolsas de Valores de Lisboa e Porto.

UMA BOA OPÇÃO PARA AS SUAS POUPANÇAS



BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

Padre curandeiro não salvou ninguém

A GRANDE FUGA

Rui Eduardo Paes

O padre Fisher não curou ninguém na noite de ontem, conforme estava previsto que acontecesse numa sala da Casa do Ribatejo. Noticiou-o um matutino lisboeta, enquanto apresentava também uma entrevista com aquele sacerdote anglicano que diz ter a faculdade de curar por imposição das mãos qualquer doença física ou psíquica cancro incluído. A verdade, porém, é que as portas não se abriram ao muito povo concentrado na rua do Salitre, e o padre inglês Eric Fisher não se chegou por perto.

A conferência e a sessão estavam marcadas para as 21 e 30, e passava das 22 quando os populares acharam que tinham brincado com eles. Gente devota e ansiosa por algo e alguém que lhes extravasasse toda a imensa carga de fé mal direccionada, ou gente triste e visivelmente doente que se transportava com muletas ou tinha lágrimas nos olhos. «Quando estamos todos juntos é porque Deus está entre nós», dizia uma voz na multidão, acalmando os ânimos. O bode expiatório era... o matutino e todos haviam acreditado que o

padre curandeiro iria operar os seus milagres naquele local e àquela hora. «Mas afinal brincaram com o povo de Deus, dizendo o contrário do certo», comentava um operário de 50 anos com patilhas até ao meio da cara e dificuldades de expressão, depois de manar calar a mulher, porque «não percebia nada disso».

Uma mulher, que de desculpou por ser pecadora e analfabeta, subiu a uma caixa da EDP e entrou em transe: «Que Deus espalhe os seus fluidos sobre nós.» E convidou ao assalto às instala-

ções do nosso colega matutino. Bateram-lhe palmas, claro, mas ninguém arredou pé — alguém aconselhara o amor e a paz de Deus, assegurando que «as vibrações são positivas». Escaramuças pequenas só com os condutores que tentavam passar e já mal conseguiam.

«Não foi por mal»

Mas contemos a verdade dos factos que levaram a tal situação: Margarida Costa, do Grupo de Oração do padre Fisher, disse ao jornalista do matutino que a sessão de cura se realizaria na Casa do Ribatejo quando a maior verdade era dizer que iria decorrer na sala ocupada pela Associação Vegetariana Portuguesa cedida por aquela instituição: «Julguei que era mais fácil para as pessoas darem com o sítio, não foi por mal», disse ao repórter do «DL» a devota.

Bom, a questão é que a direcção da Casa do Ribatejo achou um abuso de referência já que não tinham conhecimento de nada. E não foi de meias medidas: resolveu não deixar entrar os



Ao centro o padre Fisher no momento da fuga. À direita o jovem da «força interior»

populares, que acabaram por entupir a Rua do Salitre.

Margarida Costa, de qualquer modo, continuava a insistir para os circundantes que o padre curandeiro ainda viria, atrasado que se encontrava cerca de uma hora, e actuaria ali mesmo no passeio. Não se passou assim. O religioso surgiu, sim, mas apenas no começo da rua, onde os olhares sófregos e zangados dos fiéis não o vissem, transportado num automóvel escuro.

Não terá agradado ao padre Fisher o que observou à distância, e um seu «guarda-costas», um jovem sinistro que segurava um livrinho chamado «A Força Interior», pretendeu proibir o nosso repórter fotográfico de tirar algumas fotos ao sacerdote. O anglicano, esse, não fez mais nada, mandou o seu motorista fazer marcha-atrás, em transgressão e desapareceu.

Entretanto, Margarida Costa descia a rua, sem ainda ter podido falar com o curandeiro. «Vou esperar o padre...» Seguimo-la, e atrás de nós ouvimos uma voz referir que «há ali um carro dum jornal estacionado», o nosso. E alguém respondeu: «Não faz mal, não o deixamos sair.»

Telefonema e fuga

A senhora seguiu até à Rua Alexandre Herculano e fomos atrás dela e dos seus acompanhantes. Do padre nem sinal. Entrou numa cabina telefónica, marcou

um número, falou, e sem surpresa nos mandou imediatamente parar um táxi. Os jornalistas deste seu jornal fizeram o mesmo, mas, chegados à Rua das Amoreiras passámos de «perseguidores» a perseguidos, tal era o desespero da fuga daqueles responsáveis pelo fiasco que foi a sessão de cura de ontem.

Mandámos parar o nosso táxi, e o outro travou exactamente atrás de nós. Do outro lado da rua um carro de patrulha da PSP estava estacionado e os seus ocupantes olhavam para nós com aquela expressão de quem não está a perceber nada. Foi quando o outro táxi recuou e continuou em direcção ao seu destino, que nós pretendíamos descobrir qual seria, a fim de podermos chegar à fala com o padre inglês e perguntar-lhe das razões da sua escapada.

Seguimo-lo novamente. À entrada da Travessa da Fábrica das Sedas saíram os ocupantes que iam no táxi. O tal jovem da «força interior» aproximou-se ameaçadoramente do nosso e preferimos afastar-nos, desorientados já dos fundamentalismos deste mundo.

O padre Fisher esperava na esquina junto ao número um, protegido pelo motorista e duas senhoras inquietas. Breve conversa e, à nossa aproximação, o curandeiro entrou no automóvel escuro com a matrícula 00-01-94 e fugiu. Perdê-lo na auto-estrada,

quando desapareceu na noite em direcção do Estoril ou de Sintra.

De volta à Rua do Salitre, já o acesso aos veículos se proporcionara: o chefe Domingues da esquadra das Mercês havia dispersado a multidão de doentes e esfaimados de salvação, pacificamente, conversando com as pessoas. Uma das senhoras da organização, eram 23 horas, prestava declarações à Polícia. Depois pediu protecção policial até ao seu carro, por ali estacionado. Daí a pouco entrava em sua casa na Travessa do Fala-Só.

Na Rua do Salitre este repórter cruzou-se com uma mulher que tem um cancro na garganta e mal conseguia falar. Ia-se embora: «Não faz mal, já estou curada, Jesus já me curou». Na mão segurava uma Bíblia e na lombada estava escrito, a caneta «bic» a palavra «amo-te».

As 23 e 20, ainda se encontra no mesmo local — não chegámos a perceber porquê — o grupo que na Travessa da Fábrica das Sedas se juntara ao padre Eric Fisher, entre eles Margarida Costa. Desmentiu-nos tudo o que víamos antes.

No próximo dia 31, outra sessão de cura está programada, nas instalações do INATEL da Vitor Cordon. O padre curandeiro aparecerá, ou a estas horas já seguiu de avião para o seu país natal?



Algumas centenas de pessoas já impediam os automóveis de passar



**ASSOCIAÇÃO DE CEGOS
"LUIZ BRAILLE"**
ORGANIZAÇÃO DE PROTECÇÃO AOS CEGOS
FUNDADA EM 25 DE JUNHO DE 1927
Rua de São José, 86 1.º — Telefone 32 55 42
LISBOA (PORTUGAL)

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Nos termos do Art.º 27.º, alínea A), dos Estatutos, convoco os sócios da Associação de Cegos Luis Braille, para a Assembleia Geral Ordinária a realizar no dia 7 de Novembro de mil novecentos e oitenta e sete, na sua Sede, sita na R. de S. José, oitenta e seis, primeiro andar, em Lisboa, pelas quatorze horas e trinta minutos, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

- 1 — Ponto (Prévio): Informações e Sugestões;
- 2 — Programa de acção para o ano de 1988;
- 3 — Orçamento para o ano de 1988.

Se à hora marcada para a abertura da Sessão não se encontrar presente o número legal de sócios, esta encerrará, reabrindo trinta minutos mais tarde, funcionando a Assembleia em segunda Convocatória, com qualquer número de sócios inscritos, com a Ordem de Trabalhos acima indicada.

Lisboa, 19 de Outubro de 1987.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Maria Odete Cara D'Anjo

TRIBUNAL JUDICIAL DO

16.º JUÍZO CÍVEL DE LISBOA

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da 2.ª e última publicação do anúncio.

Execução Ordinária n.º 8000 2.ª secção. Exequentes: Banco Fonsecas & Burnay E.P. Executado: JOSÉ MANUEL DIAS ROSA e mulher ROSA MARIA ROXO HEITOR ROSA — residentes na Rua da Maceira, n.º 22 PORTALEGRE.

Lisboa, 13. Outubro. 87

O Juiz de Direito
Joaquim M. Ferreira Pascoal

O Escrivão de Direito
Ilda Dias

«DL» — 22/10/87 — 1.ª Pub.

Temos mais sida do que dizem as estatísticas

Um médico especialista em doenças transmissíveis afirmou ontem que o número de casos de sida em Portugal deve ser superior em 20 por cento aos 67 casos declarados em Julho à Organização Mundial de Saúde.

Abílio Morgado, do Departamento de Doenças Transmissíveis do Hospital Curry Cabral, falava no final de um programa informativo sobre o Síndrome de Imunodeficiência Adquirida destinado a técnicos de saúde.

Inquirido sobre a incidência da doença em Portugal, Abílio Morgado referiu desconhecer-se actualmente o número exacto de casos, nomeadamente no seu hospital onde «os doentes vão e vêm, deambulam, recebem tratamento e vão para casa».

Aquele especialista confirmou manter-se a existência de mais homens afectados do

que mulheres, provenientes dos chamados «grupos de risco», que incluem os homossexuais, os hemofílicos e os toxicómanos.

Abílio Morgado explicou a 80 profissionais de saúde dos Hospitais Cívicos de Lisboa e de outros pontos do país aspectos sobre a parte clínica e epidemiológica do Síndrome da imunodeficiência Adquirida.

O curso pretende contribuir para a melhoria dos cuidados prestados a doentes com sida ou a indivíduos portadores do vírus, sensibilizando igualmente os profissionais para o seu papel na prevenção da doença.

Este programa, o primeiro sobre a sida promovido pelo Departamento de Educação Permanente dos Hospitais Cívicos de Lisboa, insere-se no âmbito de uma média de

120 cursos por ano que este Departamento aninha, sobre as diferentes especialidades médicas.

Abílio Morgado corroborou a sugestão de alguns participantes do curso da necessidade de tornar extensivo este tipo de programas de informação a todos os departamentos hospitalares.

O especialista acentuou a necessidade dos técnicos tomarem consciência dos cuidados a ter com o material de higiene, esclarecendo que o vírus morre rapidamente «em terreno seco» e

desaconselhou também a ida de doentes com sida aos bares dos hospitais, explicando que tal pode impressionar pelo facto de alguns estarem igualmente afectados pelo sarcoma de kaposi, apresentando manchas na pele.

Governo procura figura com carisma

MISERICÓRDIA DE LISBOA HÁ QUATRO MESES SEM PROVEDOR

O Governo está a sentir algumas dificuldades no preenchimento da vaga de provedor da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, apesar de não faltarem nomes para o cargo. O ex-secretário de Estado do Trabalho, Fernando Marques, não aceitou o convite que lhe foi feito este Verão e os nomes que de vez em quando surgem não reúnem «carisma» suficiente para as funções. A acção social da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa tem, por essa e outras razões, perdido eficácia, dispensando-se num emaranhado de interesses e conflitos.

É praticamente seguro que a vogal da mesa que preside aos destinos da Misericórdia (e que na ausência do provedor o substitui para todos os efeitos), não venha a ser indicada para o

cargo, enquanto o terceiro elemento o mesmo órgão, Joaquina Madeira, aguarda «luz verde» para ir para a CEE, onde espera um cargo importante. Depois de Fernando Marques outros nomes se perfilaram como potenciais sucessores de Damasceno Campos, mas todos foram ultrapassados: Irene Sleixo (governadora civil de Setúbal), Maria Luís Salinas (Casa Pia de Lisboa, de onde viera Damasceno Campos) e o padre Virgílio Lopes, da União das Misericórdias de Lisboa.

Dois outros nomes, com peso político e carisma, apareceram na última fase deste processo de procura do futuro provedor da Misericórdia de Lisboa, qualquer deles — segundo fontes ligadas à solidariedade social — com conhecimentos do sector e da

acção que lhe compete. Até ao momento, e três meses depois da exoneração de amasceno Campos (por razões que os agentes de solidariedade e acção social nunca perceberam) o lugar continua vago. Um dos candidatos, o deputado e ex-governador civil de Lisboa, Alonzo Moura Guedes, mantém-se como hipótese, assim como o presidente de uma instituição bancária lisboeta.

A provedora adjunta, Maria

José Pinto, dirige interinamente a Misericórdia, ao mesmo tempo que se assiste à perda de eficácia da sua razão de ser — a acção social e se acumulam os problemas resultantes da demissão da directora de acção social e das chefias do sector. A actual mesa não renovou — nem sequer explicou as razões do seu procedimento — qualquer das chefias, numa decisão que está a ser contestada internamente e que quanto

à acção social que cabe à Misericórdia se traduz no facto das quatro divisões em que desdobra a instituição em toda a cidade de Lisboa se defrontarem com problemas graves, muito embora o pelouro funcione. A desconexão entre a Mesa e o pelouro entrava a execução da acção social que funcionava de modo exemplar até ao dia em que o Ministério da tutela (então do Trabalho e Segurança Social) exonerou, por des-

pacho de Mira Amaral, o provedor Damasceno Campos, considerado um «independente» face ao Governo, apesar de ser do PSD e da confiança do ministro.

Uma fonte da instituição disse ao «DL» que a Misericórdia «não é uma secção do Estado», razão pela qual, depois de Damasceno Campos, não tem sido fácil ao Governo encontrar sucessor à altura do cargo e das responsabilidades reais que dele decorrem.

Com falta de espaço

Conservatório Nacional deverá abrir em Novembro

A abertura das aulas no Conservatório de Lisboa está prevista para meados de Novembro.

Obras de manutenção e racionalização de espaços, sem o que o ano lectivo não seria viável no velho edifício da Rua dos Caetanos, provocaram o atraso do início das aulas.

Há muito que o espaço do Conservatório vem rebentando pelas costuras, especialmente desde que pelo Decreto-Lei 310 de 1983 ali foram criadas três escolas superiores — de Dança, Música e Teatro/Cinema, integradas em 1985 no Instituto Politécnico de Lisboa — e as de Dança de Lisboa e de Música de Lisboa, ambas ao nível do ensino preparatório e secundário.

Na Escola de Dança de Lisboa ministra-se desde 1986 ensino integrado, ou seja, a par do ensino específico daquela arte, o das disciplinas do ciclo preparatório e secundário até ao décimo segundo ano.

Estas alterações acarretaram um inevitável aumento não só de alunos mas também de professores e maiores exigências de espaço.

Em consequência, além das más condições em que as escolas vêm funcionando, no passado ano lectivo as escolas Superior de Dança e Superior de Música não tiveram espaço nas instalações do Conservatório Nacional, e tiveram de encontrá-lo fora, através de alugueres.

Este ano lectivo, a Comissão Coordenadora de Reconversão, composta pelos presidentes das cinco escolas e presidida desde Agosto último pela presidente da Escola Superior de Dança, Wanda Ribeiro da Silva, decidiu que reivindicaria junto do Ministério da Educação condições para que todas as escolas funcionassem, ainda que provisoriamente, neste ano lectivo, no edifício da Rua dos Caetanos, depois de feitas

obras e racionalizado o espaço existente.

M)As obras estão a ser executadas para melhoria de instalações sanitárias, balneários, etc. Todas as escolas tiveram de abdicar de alguns espaços, sendo distribuídas por andares: Superiores de Dança e Cinema ficam no rés-do-chão, as Músicas no primeiro andar e Teatro no segundo. O salão nobre, a cantina e a biblioteca são espaços comuns às cinco escolas. Nenhuma tem sala exclusivamente para os professores e todas tiveram de fazer cedências.

Os espaços atribuídos a cada escola têm de ter um aproveitamento máximo de tempo.

Ainda como consequência destes «cortes» de espaço, o ensino integrado da Escola de Dança de Lisboa funcionará este ano apenas até ao oitavo ano unificado.

Por outro lado, os números clausus foram drasticamente reduzidos, deixando de fora inúmeros jovens que, sem possibilidade de pagar as mensalidades do ensino particular e sem a oportunidade de frequentar o ensino oficial gratuito não podem seguir a carreira que gostariam. Exemplo disso foi o que se passou este ano com a Escola de Dança de Lisboa à qual se candidataram 300 crianças e foram apenas admitidas 25...

As escolas de Dança têm do Ministério da Educação a promessa de novas instalações para ao ano lectivo de 88/89. Por razões técnicas e pedagógicas, a Escola Superior de Dança e a Escola de Dança de Lisboa pretendem ficar juntas ou muito próximas, visto que inclusivamente têm professores comuns. Se o ME cumprir a promessa, a situação deste ano lectivo será provisória pelo menos para estas duas escolas.



SERVIÇO de INFORMAÇÃO PERMANENTE

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

A qualquer hora do dia levante o auscultador, marque o número e receba a informação BPSM

Cotações da Bolsa de Valores

LISBOA: 32 33 33 - 32 33 43 - 32 33 39 - 32 39 99 - 32 35 11 - 32 35 23
 COIMBRA: (Informação da Bolsa de Valores de Lisboa): 243 16 - 244 24 - 247 16 - 249 24 - 250 88 - 253 74
 PORTO: 31 23 55 - 31 24 80 - 31 29 60 - 31 29 85 - 31 31 35 - 31 32 35

Cotações das principais divisas

LISBOA: 32 29 78
 COIMBRA: 256 19
 PORTO: 31 42 18

Taxas de juro de depósitos e empréstimos praticadas pelo BPSM

LISBOA: 32 40 12
 COIMBRA: 259 25
 PORTO: 31 42 68

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

Com os postos de superintendentes, intendentes e subintendentes

PSP INTEGROU NAS SUAS FILEIRAS 22 OFICIAIS ORIUNDOS DO EXÉRCITO

O general Amílcar Morgado, comandante-geral da PSP, presidiu ontem à tarde à cerimónia de integração definitiva naquela instituição de vinte e dois oficiais do Exército, entre os quais o coronel Anjos Martins, actual superintendente-geral, cargo que corresponde ao 3.º lugar da hierarquia.



Um aspecto da cerimónia de posse dos novos oficiais superiores de Polícia.

A cerimónia decorreu no quartel do Comando Geral, à Penha de França, tendo resultado de um

despacho conjunto dos Ministérios da Defesa e da Administração Interna que equiparou cinco coro-

néis a superintendentes, sete tenentes-coronéis a intendentes e dez maiores a subintendentes.

A integração ontem iniciada de oficiais do Exército na instituição foi considerada pelo general Amílcar Morgado como um acto de «certa relevância na vida da PSP», integrado numa fase de «reorganização, evolução e expansão que a Polícia de Segurança Pública atravessa, visando transformá-la numa Polícia moderna e eficiente, indispensável ao Estado democrático».

Esta fase transitória, que deverá prolongar-se até ao ano 2000, altura em que a PSP deverá prescindir em definitivo de quadros do Exército, incluindo os dois oficiais gerais que exercem as funções de 1.º e 2.º comandantes, assumirá um maior significado a partir de Julho do próximo ano quando estiver concluído o 1.º curso da Escola Superior de Polícia.

Aproveitando a oportunidade para realçar que a Polícia começou a ser comandada há 96 anos por oficiais do Exército, o general Amílcar Morgado considerou que «a participação limitada de oficiais do Exército na PSP continuará a ser importante e imprescindível nos próximos anos».

Recorde-se que, em Abril deste ano, o Conselho Superior de Polícia recusou o pedido de reintegração nos quadros da PSP de alguns oficiais do Exército que prestavam há vários anos serviço nas suas fileiras, com destaque para o coronel Matoso Ramalho, que era o 2.º comandante da PSP de Lisboa, para o major João Ventosa que comandava a 1.ª Divisão da PSP de Lisboa (Praça da Alegria), para o major Arnaldo Ribeiro que estava à frente do Corpo da PSP do Porto de Lisboa, e para o major Silva Dias que chefiava o Serviço de Material do Comando da PSP do Porto.

Quatro jogadores de cartas detidos pela GNR em Alcanena

A GNR deteve quatro indivíduos acusados de jogo ilícito que foram surpreendidos em flagrante delito nas instalações de um clube em Vila Moreira, Alcanena, no distrito de Santarém.

Em seu poder foram encontrados seis baralhos de cartas, três caixas de fichas de jogo, 23 900 escudos em dinheiro e dois cheques no valor de 30 contos.

Presentes no Tribunal de Alcanena, os jogadores etidos viram o julgamento adiado «sine die».

Pistolas e artigos roubados apreendidos em Marvila

Vinte e duas pistolas das marcas «Star» e «Reck», adaptadas para calibre 6.35, e ainda uma máquina de calcular do tipo comercial, uma máquina de escrever, um gira-discos e um amplificador foram apreendidos pela Secção de Justiça da PSP de Lisboa numa residência no «Bairro Chinês», em Marvila, habitada pelo cidadão cabo-verdiano Luís Santos, de 42 anos, acusado de comercializar armas e artigos roubados.

Em poder do locatário, que foi detido, estavam ainda bilhetes de identidade, cartas de condução e passaportes falsificados.

Cadáver de mendigo numa praia do Algarve

UM indivíduo que se dedicava à mendicância na zona do Carvoeiro foi encontrado, ao princípio da tarde de ontem, afogado ao largo da praia da Senhora da Rocha, em Lagoa, Algarve.

De acordo com a GNR, o cadáver de Joaquim dos Santos Guerreiro, por alcunha «O Sopa», foi recolhido por pescadores, não havendo, em princípio, suspeitas de crime.

Tribunal de Leiria poderá condená-lo a 20 anos de cadeia

Bancário que matou sete pessoas considerado «imputável e narcísico»

Vítor Manuel Simões Jorge, o empregado bancário que, no próximo dia 23 de Novembro, vai começar a ser julgado no Tribunal Judicial de Leiria, como réu confesso de sete mortes (entre as quais a da mulher e de uma filha), foi considerado pelos psiquiatras que o observaram como «imputável, embora revele uma personalidade do tipo narcísico».

O início do julgamento poderá ainda vir a ser adiado pois a presença de jurados requerida pela defesa é susceptível de gerar algumas dificuldades quanto aos sorteados, como o facto de alguns deles não saberem ler, escrever ou exercerem profissões incompatíveis

com a função.

O júri será presidido pelo juiz de círculo, dr. Gregório Eduardo Simões, que se encontra no Tribunal de Leiria há quinze dias, após ter sido transferido da Marinha Grande, onde era juiz da comarca.

Os vários crimes imputados a Vítor Jorge pelo Ministério Público «não apontam taxativamente para os 20 anos de cadeia», referiu uma fonte do tribunal, a qual acrescentou que «o Ministério Público enumerou os crimes em que incorre o réu e que são puníveis com penas que podem ir até aos 20 anos, mas não pediu concretamente uma sentença de 20 anos».

Entretanto, o tribunal não

decidiu ainda se vai reforçar ou não as medidas de segurança tornando-se provável que seja destacado um contingente de agentes das forças de segurança, superior ao que é habitual e tomadas outras medidas especiais, designadamente a utilização do detector de metais à entrada para a sala de audiências. «Este tipo de julgamento suscita paixões que se exacerbam nestas alturas», comentou a mesma fonte.

Quanto à sala de audiências, é ampla mas tem poucas cadeiras, cabendo ao juiz decidir se podem ficar pessoas de pé.

Recorde-se que o juiz instrutor do processo foi o dr. Eduardo Lobo.

Temporal nos Açores deixou Santa Maria às escuras

O forte temporal que, na madrugada de ontem assolou a ilha de Santa Maria, nos Açores, provocou a destruição de postos e linhas de transporte e energia eléctrica deixando às escuras as freguesias rurais. Um porta-voz da Empresa de Electricidade dos

Açores (EDA) disse que ficou também privada de energia eléctrica parte das instalações do aeroporto local, estando a ser inventariado o volume dos prejuízos, ao mesmo tempo que se procedem a reparações, dando prioridade às linhas de média

tensão, dado que estas abastecem os equipamentos de bombagem de água para consumo público.

Os trabalhos enfrentam, no entanto, dificuldades decorrentes da obstrução de caminhos provocada por árvores derrubadas pela ventania.

Mário
Castrim



Confesso. Se há coisas que eu veja muito, é televisão. Que é que vocês querem, a televisão sempre é uma companhia, o pior é quando ela acaba e nós ficamos sozinhos e temos de nos ir deitar com aqueles medos todos dentro da cabeça. Eu nunca cheguei a perceber bem se a TV faz a política do terror ou o terror da política. Se calhar uma coisa ajuda a outra. Bem. Mas vamos ao que importa e deixemo-nos de prolegómenos.

Vi no Telejornal (ou foi no programa do Hitchcock? Olhem, para ser franco não me lembro) primeiro o porta-voz do Governo e depois o próprio Primeiro-Ministro, a dizer que o Governo se ia empenhar em lutar contra a corrupção, doesse a quem doesse, dado que a imagem do Governo estava a ser afectada.

Esta foi a decisão. Eu, porém, declaro-o desde já, não acredito. Não acredito, repito, que o Governo se vá empenhar a fundo no combate à corrupção e quero desde já acentuar que, nessa minha desacreditação, não entra nenhuma componente política. Não é que não pudesse haver, entendamo-nos. Se em Portugal um homem já não pode comer nem passear nem casar, o que é que lhe fica se lhe tirarem a política?

Factos, são factos. Não é, portanto, a política que me faz falar, mas o bom senso.

Sabe-se que o bom senso passa por ser a coisa mais bem distribuída do mundo mas, infelizmente, não é a mais usada... com bom senso.

Resumindo: ninguém discutirá que um governo se faz para governar. A isto se chama um axioma que eu não faço ideia do que seja, mas fica sempre bem dizer, dá um ar geometricamente culto.

Agora e aqui sempre quero que, com a vossa boca, me respondam ao seguinte: se o Governo combatesse a fundo a corrupção, que tempo lhe sobejava para governar? Nenhum.

Não sei se estão a ver...

Juiz Salpico, colaborador do "Diabo" deu a sentença

DOIS JORNALISTAS DO "EXPRESSO" CONDENADOS POR DENÚNCIA DE CORRUPÇÃO NA MAGISTRATURA

Dois jornalistas do seminário «Expresso» foram ontem condenados ao pagamento de sete mil contos de indemnização ao magistrado João Parracho como reparação por alegado delito de injúria e difamação. Esta condenação, mais pesada que se verificou depois de 1974, foi dada pelo juiz Florindo Salpico.

Ao jornalista Celestino Amaral foi aplicada a pena de 10 meses de prisão e 100 dias de multa à razão de 600 escudos por dia (60 mil escudos) ou, em alternativa, a 66 dias de prisão. Ao director do «Expresso», José António Saraiva, foram aplicados cinco meses de prisão, remíveis a mil escudos por dia e 50 dias de multa de valor idêntico (50 mil escudos) com a alternativa de 133 dias de prisão.

O juiz Salpico declarou perdoados um ano de prisão de Celestino Amaral, ao abrigo da Lei de Amnistia, ao mesmo tempo que perdoou a José António Saraiva a prisão alternativa à multa aplicada. Celestino Amaral fica, ainda, com seis dias de prisão para cumprir.

Numa das primeiras sessões do julgamento, a defesa levantou um incidente de suspeição contra o juiz Florindo Salpico, defen-

dendo a nomeação de outro magistrado, devido ao facto de Salpico ter trabalhado durante cinco anos com o queixoso, João Manuel Parracho.

A suspeição contudo não foi aceite e subiu para o Tribunal da Relação juntamente com o recurso da decisão judicial.

Este julgamento decorre do facto de João Parracho ter sido citado, em Agosto de 1985, como autor de um despacho judicial que mandava entregar, a D. Branca, 20 mil contos antes apreendidos a um receptor. Na notícia afirmava-se ainda que o magistrado tinha passado por cima de todas as regras normais do processo e da investigação.

Suborno

O «Expresso» apresentou elementos que levavam a con-

cluir que o caso metiera suborno pelo meio, atingindo o magistrado Parracho. Imediatamente, este magistrado escreveu ao jornal negando ser o autor do despacho que mandava devolver os 20 mil contos a D. Branca, bem como ter qualquer intervenção no processo.

Contudo, este julgamento dos dois jornalistas decorre antes da conclusão de uma investigação, pendente na Procuradoria-Geral da República, e de um processo-crime, pendente na Relação, sobre o envolvimento de Parracho no processo de D. Branca e no caso da devolução dos 20 mil contos.

Mas, o caso — e as dúvidas que alguns dos seus aspectos levantam — não se fica por aqui. O juiz Salpico não juntou aos autos, como lhe fora solicitado pelos jornalistas, vária documentação considerada pertinente para o apuramento dos factos. Os elementos que não deram entrada no processo relacionavam-se com o caso de D. Branca e o juiz Salpico garantiu que o pedido

de inclusão seria considerado pelo tribunal que, apesar disso, acabou por não fazer as diligências necessárias.

E eram estes os documentos que permitiam a Celestino Amaral provar que estava convencido da total veracidade da notícia.

O juiz, por outro lado, não diligenciou para que fossem ouvidas as gravações de que o «Expresso» dispunha, onde está o registo do testemunho prestado pela fonte de informação do jornalista, o subinspector Carneiro, da Polícia Judiciária.

Este subinspector, que trabalhou no caso de D. Branca, era a principal testemunha indicada pelos réus. Ele confirmara, mesmo depois da carta em que João Parracho negava o seu envolvimento, as informações prestadas. Porém o subinspector nunca compareceu no Tribunal, embora o juiz Salpico tenha chegado a declarar que a testemunha iria à barra, nem que fosse sob custódia.

O subinspector Carneiro, que, entretanto esteve destacado nos Açores, encontra-se presente-

mente com parte de doente na Polícia Judiciária de Lisboa.

Sentença iníqua

Celestino Amaral declarou, entretanto, ao «Diário de Lisboa», que «a sentença é iníqua pois não foi considerada uma prova produzida em tribunal e não foram possibilitados todos os meios de defesa que a lei consagra».

Esta condenação é ainda «intimidatória para o jornalismo de investigação quanto à possibilidade de se referir a alguém ligado à magistratura sem depois ser julgado pela própria corporação de magistrados».

No entanto, Celestino Amaral pensa que este caso «não tem que ver com a magistratura, mas tão-só com a personalidade do juiz», que é colaborador de «O Diabo» e absolve sistematicamente Vera Lagoa. Numa das suas sentenças, Salpico fez um elogio de Salazar e da censura referindo que se haviam acabado com a censura não esperassem agora que fossem os tribunais a condenar os jornalistas.

Sindicato leva caso à FIJ.

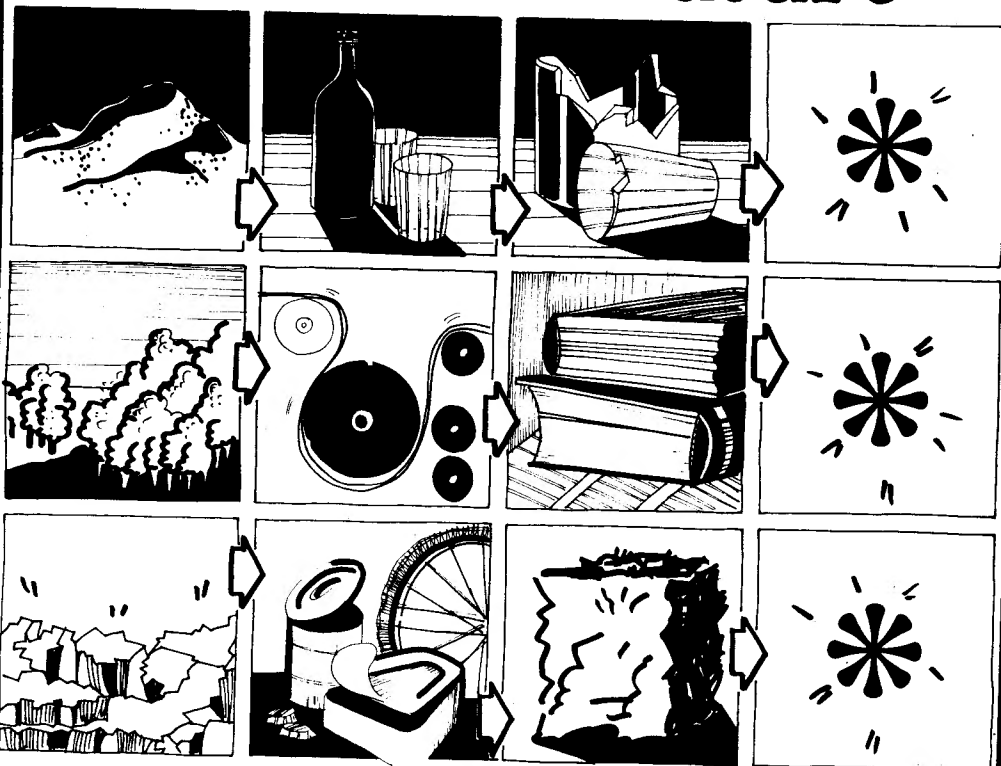
A direcção do Sindicato dos

Jornalistas, em comunicado, lamenta que «a mais pesada pena aplicada a jornalistas, desde a restauração da liberdade de Imprensa em Portugal, puna propósitos sérios e objectivos louváveis — os de moralizar a administração pública e os de satisfazer o direito à informação».

O Sindicato dos Jornalistas acrescenta que esse facto é tanto mais lamentável «quando tal sucede ao abrigo da mesma Lei de Imprensa que tanta benevolência tem inspirado aos nossos tribunais em casos graves de calúnia e de difamação».

Recusando que a sua posição possa ser interpretada como atitude corporativa, a direcção do Sindicato dos Jornalistas recorda à opinião pública que «os jornalistas agora condenados foram levados a tribunal por, no legítimo exercício da sua profissão, terem denunciado actos de corrupção nos quais poderiam estar envolvidos magistrados que viriam a constituir-se em parte queixosa neste processo».

Deitar Fora é Gastar o Futuro



Os resíduos, também designados por desperdícios, detritos ou "lixo", são o resultado do acto de rejeição, de "deitar fora" o que não se utiliza.

Acontece, porém, que, com o aumento e a diversidade de bens de consumo, com a crescente utilização de embalagens de plástico, papel, metal e vidro para a comercialização dos produtos, com o desenvolvimento industrial, incorporando muitas vezes uma variedade de substâncias perigosas para a saúde pública, as gerações de hoje têm vindo a conhecer um aumento exponencial da quantidade e diversidade de resíduos.

"Deitar fora o que não se utiliza", ocupando o pouco espaço disponível face ao crescimento demográfico, consumir os recursos, alguns irrenováveis outros limitados, criará certamente problemas à sobrevivência e à qualidade de vida das futuras gerações.

Poder-se-á pois perguntar, se assim continuarmos, o que encontrarão os nossos filhos? Um acumular de "lixo" disperso por todo o espaço disponível, um esgotamento quase total dos recursos naturais e uma

degradação de todos os eventuais recursos ainda existentes. E pois um dever desta geração, que ainda foi privilegiada neste domínio, suportar os custos necessários para que a próxima geração encontre um ambiente, pelo menos, tão bom como esta geração encontrou.

Recuperar os resíduos é a resposta!!!!!!

Uma resposta que traz consigo grandes benefícios económicos, evitando a saída de divisas e criando simultaneamente novos postos de trabalho.

Reciclar é Preservar a Vida!



ANO EUROPEU DO AMBIENTE

COMISSÃO NACIONAL PARA

O ANO EUROPEU DO AMBIENTE

Direcção Geral da Qualidade do Ambiente



EXPOSIÇÃO

Os trabalhos premiados e outros seleccionados pelos júris no Concurso de Fotografia e Cartaz "A Água e o Ambiente", ficarão expostos de 23/10 a 1/11, em Vila Franca de Xira, nas instalações da ~~discoteca~~ Rua Almirante Reis, n.º 104 (cedidas aos SMAS para esta exposição)

Os SMAS convidam os concorrentes e o público em geral a visitar esta exposição que terá o seguinte horário:

Sexta-feira 23/10 — 20,00 h (inauguração)
— 22,00 h (encerramento)

Dias seguintes:
Sábados e Domingos: 10,00 h - 21,30 h.

Dias da Semana: 10,00 h - 15,00 h e 17,00 h - 20,00 h

INFORMAÇÃO
Câmara Municipal de Vila Franca de Xira **smas**

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP - Electricidade de Portugal - EP, Direcção Distribuição Tejo a que se refere o processo n.º 1/3346, arquivo 95, para o estabelecimento na freguesia de Ponte de Sor, concelho de Ponte de Sor de linha de alta tensão, aérea, a 30 KV, com a extensão de 20 m, com início no apoio n.º 10 da linha para o PT n.º 225 de Longomel e com término no posto de transformação da Herdade de Água de Salteiros, propriedade de Manuel Machado Lobato da Cruz Bucho.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, dentro do citado prazo.

Lisboa, em 23 de Julho de 1987

Pol.º ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS

(assinatura ilegível)

DÉCIMO QUINTO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

AVENIDA DUQUE DE LOULÉ, N.º 104 - CAVE
NOTÁRIA

Lic. Amélia Josefina de Queirós Lopes

CERTIFICO, para efeitos de publicação, que por escritura de 25 de Novembro de 1986, lavrada a folhas 52 do Livro 10-G, das notas deste Cartório, o sr. eng.º civil ORLANDO CARLOS PIREZ FERREIRA BOTELHO, casado, natural da freguesia e concelho de Fafe e residente na Rua Eça de Queirós, n.º 4 - 2.º Dt.º, Carnaxide, Oeiras, e a sr.ª eng.ª Tec.ª D. MARIA ALICE PEREIRA ALVES DE FARIA, casada, natural de Moçambique e residente na Rua da República da Bolívia, n.º 36 - 6.º Dt.º, em Lisboa, respectivamente Presidente e Vogal efectivo da Direcção da Cooperativa dos Funcionários dos Serviços Hidráulicos, SCRL, do ramo de consumo, com sede em Lisboa, Trav. do Almada, n.º 13, e de harmonia com o deliberado na Assembleia Geral da referida Cooperativa que representam, realizada em 18 de Dezembro de 1985, remodelaram integralmente os respectivos estatutos para os adaptar às novas disposições do Código Cooperativo de acordo com as alterações introduzidas pelo DL n.º 454/80, de 9 de Outubro, na redacção que lhe foi dada pela Lei n.º 1/83, de 10 de Janeiro, substituíram a denominação pela de «COOPERATIVA DOS FUNCIONÁRIOS DOS SERVIÇOS HIDRÁULICOS, CRL», mudaram o ramo para cultura, transferiram a sede para a Av.ª Almirante Gago Coutinho, n.º 30 em Lisboa, freguesia São João de Deus, e passou o seu objecto a ser o seguinte:

Dinamizar a promoção cultural dos seus membros através das realizações julgadas convenientes para a difusão das mais variadas formas de cultura; - Promover a solidariedade cooperativista, sob todas e quaisquer formas e modalidades de que se possam revestir; - Fornecer aos seus membros serviços e bens destinados ao seu desenvolvimento integral como cidadãos; - Criar ou coadjuvar instituições ou serviços de utilidade para os seus membros.

É certidão de narrativa que vai conforme ao original.

Lisboa, vinte e oito de Novembro de mil novecentos e oitenta e seis.

O Adjunto-estagiário

(José Fernando Correia Pereira)

DL 22/10/1987

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamar o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do anúncio.

Execução de Sentença n.º 52-A - 2.ª secção.

Exequentes - PORTUGAL PREVIDENTE, COMPANHIA DE SEGUROS, S.A.R.L.

Executado - JOÃO DA PIEDADE SILVA e JOSÉ AUGUSTO DA SILVA BOTELHO, residente em Ponte de Celeiro, Santarém.

Lisboa, 13 de Outubro de 1987.

O Juiz de Direito,

Jaime Manuel Belém Santana Guapo

D.L. 22/10/87 - 1.ª Pub.

8.º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 2.ª SECÇÃO ANÚNCIO

FAZ SABER que por este JUÍZO, 2.ª Secção, nos autos de acção de despejo n.º 5308, que Joaquim Fernandes move contra JOSÉ ZEFERINO CORREIA, residente, última morada conhecida, na Vila Fernandes, n.º 2, R/C - Rua de Moçambique, Prior-o-Velho - SACAVERM, é por este meio citado aquele Réu para comparecer neste Tribunal no dia 18 de Novembro de 1987, pelas 10 horas, ou fazer representar-se por mandatário com poderes para transigir, a fim de ter lugar tentativa de conciliação a que alude a al. a) do art.º 972.º do CPC pela redacção que lhe foi dada pelo Dec. Lei 368/77 de 3.9. ou ainda para contestar o pedido formulado pelos A. na petição inicial, sob a cominação de não fazendo vir a ser condenado no pedido.

A contestação deverá ser apresentada no prazo de 10 dias, findos trinta dias éditos, a contar da data designada para a tentativa de conciliação e no caso da mesma se frustrar.

Os duplicados da PI encontrando-se na Secretaria deste Tribunal, que lhe serão entregues desde que solicitados.

Lisboa, 12 de Outubro de 1987

O Juiz de Direito

(assinatura ilegível)

O Escrivão Adjunto

(assinatura ilegível)

D.L. 22/10/87 - 2.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DA MARINHA GRANDE

ANÚNCIO

FAZ-SE SABER que pela 2.ª Secção da secretaria Judicial desta comarca, nos autos de EXECUÇÃO SUMÁRIA N.º 147/83 movida por MARIO RAMALHO Ld.ª, com sede na Avenida Fernão Magalhães, n.º 577 Coimbra, correm éditos de VINTE DIAS, contados da 2.ª e última publicação do anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados AUTO TRANSPORTES CENTRAL DE RIO MOINHOS Ld.ª e FERNANDO DE JESUS DE SOUSA BERNARDES, casado, industrial, com sede e residência na Avenida Vitor Gallo, n.º 72 - 1.º Esq. - Marinha Grande, para no prazo de DEZ DIAS, posterior àquele dos éditos, reclamarem o pagamento dos seus créditos, pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real.

Marinha Grande, 12 de Outubro de 1987

O Juiz de Direito,

(Alberto M.G. Mendes)

A escuritória,

(Lurdes Maria Caetano)

22/10/87 - 2.ª Pub.

EMPRESTO

S/automóveis

Tel. 66 58 10



PRAÇAS FINANCEIRAS MUNDIAIS RESPIRAM DE NOVO

A maior parte das Bolsas mundiais, encorajadas pela recuperação de Wall Street, registaram ontem subidas que anularam parcialmente as quebras registadas desde o princípio da semana. A descida das taxas de juro, as declarações tranquilizantes feitas pelas autoridades monetárias norte-americanas e alemãs federais e a injeção de liquidez por parte da Reserva Federal constituem como que um balão de oxigénio para os mercados bolsistas. As Bolsas recuperam o fôlego, normalizam o pulso e a respiração. Entretanto, levanta-se a questão sobre quais terão sido os verdadeiros efeitos do «crash», quem ganhou e quem perdeu...

Ontem, as Bolsas asiáticas espelharam a recuperação sentida em Wall Street na terça-feira. Em Tóquio, por exemplo, o índice de referência recuperou mais de metade do terreno perdido na véspera. Mais tarde, na Europa, a tendência foi igualmente para a alta, mas foi necessário esperar que a abertura de Wall Street confirmasse a tendência alista, para que as Bolsas europeias esquecessem as suas reservas.

Em Londres, após o recuo forte de segunda-feira e a descida menos acentuada de terça, registou-se ontem uma progressão de cerca de 8 por cento, que permitiu recuperar cerca de um terço das perdas totais dos dois «dias negros» anteriores. Em Frankfurt, a evolução foi idêntica, com uma recuperação de 7 por cento, depois de uma terça-feira particularmente difícil. Em Paris, o dia terminou com uma subida de 3,6 por cento, mas é de notar que a capital francesa fora uma das poucas praças que registara uma subida na terça-feira, ainda que ínfima: 0,8 por cento. Em contraste com este panorama estão as bolsas espanholas, com excepção da de Barcelona. As Bolsas de Madrid, Valência e Bilbao registaram ontem descidas ligeiras.

Privatizações em causa em França e Inglaterra

Entretanto, analistas consideram que a importante quebra no princípio da semana na Bolsa de Paris, na sequência do pânico mundial provocado por Wall Street, pode prejudicar o programa de privatizações do primeiro ministro Jacques Chirac. O ministro das finanças, Edouard Balladur, anunciou hoje que os planos para a oferta de venda de acções da «Matra», que deveria ter começado na segunda-feira, foram alterados. Mesmo antes da contracção das Bolsas já havia receios de que o mercado francês não tivesse suficiente capacidade de absorção, neste momento.

Situação idêntica vive-se em Inglaterra, em relação à política de privatizações de Thatcher, nomeadamente em relação à venda das acções da BP. Há a intenção de levar a operação por diante, até porque as acções já foram subscritas, mas os analistas de mercado receiam que os pequenos investidores estejam demasiado nervosos e que as instituições financeiras tenham de comprar a maior parte das acções e suportar eventuais perdas.

A recuperação sentida terça-feira na Bolsa de Nova Iorque continuou ontem com uma subida record no índice industrial «Dow Jones», que ganhou 186,84 pontos, fixando-se nos 2027,85 pontos. Também os índices «Dow Jones» dos transportes e dos serviços públicos registaram igualmente bons ganhos, proporcionando uma subida de 60,43 pontos no

índice médio. As transacções de ontem proporcionaram 1.748 subidas contra 211 descidas, espelhando o volume de ordens de compra de investidores e especuladores nacionais e estrangeiros.

Os corretores alegam que a capacidade de resistência e estabilização do mercado se fica a dever, igualmente, à virtual ausência de transacções via programa de computador, tal como aliás fora pedido pelas autoridades da Bolsa. Tal pedido, «levou a que fossem alteradas as transacções automáticas por programa de computador e contive a volatilidade» do mercado, disse um responsável de uma importante firma norte-americana.

Reserva Federal entra em cena

Outro factor positivo, foram os indícios de que a administração Reagan está empenhada na redução do défice orçamental norte-americano, além da firmeza que vigora no mercado de obrigações do Estado e do aligeirar das taxas de juro. Entretanto, a Reserva Federal, que funciona como banco central dos EUA, injectou ontem liquidez suplementar no sistema financeiro, para fazer baixar as taxas de juro e dar confiança aos mercados - afirmaram responsáveis bancários em Washington, que acrescentaram que medidas semelhantes tinham já sido tomadas terça-feira.

Alan Greenspan, presidente da Reserva Federal, vai ter de seguir uma via estreita entre uma política de crédito fácil mas inflacionista e uma política de apertar os cordões à bolsa que poderá lançar a economia numa recessão. A entrada em cena da Reserva Federal, marca uma viragem total na sua política: no início de Setembro, a mesma instituição tinha elevado a sua taxa de desconto em meio ponto, a fim de minorar as tensões inflacionistas e de apoiar um dólar em queda.

Também ontem, Ronald Reagan enviou os seus principais conselheiros ao Congresso para conversações sobre os meios de reduzir o enorme défice orçamental (cerca de 160 mil milhões de dólares). Reagan continua, no entanto, a opor-se a um aumento dos impostos.

A subida de ontem, que desta vez abrangeu todos os sectores da Wall Street, deveu-se, segundo os analistas, à persistência das ordens de compra das grandes empresas, que licitam sobre as suas próprias emissões, e ao regresso de outros grandes investidores em resposta às baixas cotações, autêntico preço de saldo, que tornaram particularmente interessantes alguns papéis.

Pequenas empresas são quem mais perde

Surge entretanto a questão de saber-se quem terá perdido com esta crise. Wall Street perdeu segunda-feira mais de 500 mil milhões de dólares, mas isso não significa que os cidadãos ou a economia dos EUA, tenham perdido essa quantia, que representa um mês e meio do total da produção norte-americana - comentam os analistas. É ainda difícil determinar quem perdeu com esta crise, e para muitos as perdas são apenas de papel. Essas perdas - para os que venderam - representam a diferença entre os preços de sexta e segunda-feira.

Ao que parece, os fundos de reforma terão participado pouco no pânico de segunda-feira e alguns foram mesmo compradores em plena vaga de vendas, aproveitando as cotações baixas.

As principais vítimas da «segunda-feira negra» de Wall Street devem procurar-se entre certas sociedades de pequena e média dimensão que poderão, devido à quebra, registar dificuldades de tesouraria. Esta foi uma das razões pela qual a Reserva Federal decidiu facilitar o crédito.

Até Agosto deste ano

DÉFICE COMERCIAL ATINGIU 377 MILHÕES

O défice comercial português acumulado nos primeiros oito meses de 1987 atingiu 377,5 milhões de contos, valor superior em 58,4 por cento ao de igual período de 1986, indicam as últimas estatísticas oficiais, hoje divulgadas.

Dados do Instituto Nacional de Estatística (INE) revelam que o valor das importações, nesse período, ascendeu a cerca de 1,2 mil milhões de contos, o equivalente a um acréscimo de 29 por cento, relativamente ao período homólogo do ano passado, enquanto as exportações registavam um montante de 830,7 milhões de contos, contra 697,9 milhões em 1986, representando um aumento de 19 por cento.

Assim, a taxa de cobertura das importações pelas exportações redundou num acréscimo de quase 6 pontos, passando de 74,54 por cento em Agosto de 1986 para 68,76 por cento no mês homólogo deste ano.

Contabilizado na divisa nor-

te-americana, verifica-se que o défice aumentou 68,1 por cento, sobretudo centrado, segundo dados do INE, nas importações de máquinas, aparelhos e material eléctrico que atingiram, nos primeiros oito meses deste ano, 231,7 milhões de contos, o correspondente a um acréscimo de 40,9 por cento, relativamente a igual período de 1986.

Segundo o INE, voltou a verificar-se em Agosto último a atenuação dos fluxos comerciais externos, que é característica daquele período do ano, tendo havido quebras significativas quer na importação quer na exportação.

As vendas para o exterior de Portugal foram as mais atingidas por esta quebra, cerca de 32,5 por cento relativamente à média dos sete meses anteriores, enquanto as importações tiveram descidas de 24,6 por cento.

De Janeiro a Agosto deste ano, os seis países maiores fornecedores do mercado português, por ordem decrescente, foram, res-

pectivamente, a Alemanha Federal (176,4 milhões de contos), Espanha (140,9 milhões), França (135,7 milhões), Itália (110,9 milhões), Reino Unido (101,6 milhões) e Estados Unidos (60,6 milhões).

Estes países venderam a Portugal um total de 726,1 milhões de contos, correspondentes a 60,1 por cento do total das importações.

Os seis maiores clientes foram, no período em análise, a França (137,4 milhões de contos), Alemanha Federal (127,6 milhões), Reino Unido (113,2 milhões), Espanha (70,3 milhões), Países Baixos (55,1 milhões) e Estados Unidos (54,2 milhões), os quais compraram a Portugal 557,8 milhões de contos, ou seja 67,1 por cento do total das exportações.

Da Comunidade Europeia, Portugal importou até final de Agosto 773,4 milhões de contos de mercadorias (64 por cento do total das compras), o que equi-

vale a um acréscimo de 43,7 por cento, relativamente ao mesmo período do ano passado.

As exportações para a CEE passaram de 468,1 milhões em 1986 para 585,2 milhões de contos este ano, cerca de 70,4 por cento do total e representando um acréscimo de 25 por cento.

O défice da balança comercial com a CEE foi, assim, bastante superior ao de igual período de 1986, passando de 70,1 milhões para 188,2 milhões de contos.

Com os países africanos de expressão portuguesa (PAEOP), verificou-se uma quebra significativa das importações portuguesas de Angola, mas o saldo comercial com aquele conjunto de países continuou a ser favorável a Portugal com cerca de 7,7 milhões de contos.

O comércio com a OPEP — Organização dos Países Exportadores de Petróleo — diminuiu devido ao decréscimo das importações de ramas e petróleo daqueles países, que baixaram de 78,6 para 62,6 milhões de contos

Empresas europeias vendem ilegalmente tecnologia à URSS

Várias empresas europeias forneceram ilegalmente à União Soviética tecnologia aplicada à construção de armas nucleares e navios militares, referem informações hoje divulgadas.

O «Washington Post», citando fontes oficiais do Governo norte-americano, afirma que a polícia norueguesa descobriu que empresas francesas, italianas, norueguesas e da Alemanha Federal forneceram alta tecnologia à União Soviética.

Os investigadores noruegueses chamam às vendas «um padrão de uma década de transferências ilegais de alta tecnologia para a União Soviética», afirma o jornal.

A polícia tomou conhecimento das transgressões enquanto investigava as vendas ilegais da Kongsberg Vaapenfabrikk, uma empresa de fabrico de armamento pertencente ao Estado.

A investigação começou quando se descobriu que a Kongsberg e a Toshiba, do Japão, tinham vendido instrumentos computadorizados aos soviéticos, uma transacção que permitiu a Moscovo desenvolver propulsores para submarinos tão silenciosos que escapam à vigilância militar norte-americana.

Segundo o «New York Times», descobriu-se que cinco outras empresas participaram em vendas ilegais: Innocenti, de Roma, Domauwerke, de Passau, Alemanha Federal, Schiess AG de Dusseldorf, também da Alemanha Federal, KTM Machine Tools Holdings, de Londres e Ratier-Forest, de Paris.

Uma outra fonte disse, entretanto, ser provável que as vendas ilegais tenham também abrangido empresas norte-americanas.

PEDIP é um fracasso do Governo

- afirma Vítor Constâncio

Vítor Constâncio, secretário-geral do Partido Socialista, afirmou em Bruxelas que o PEDIP — Programa Específico de Desenvolvimento da Indústria Portuguesa — «é um fracasso do Governo».

O líder socialista, que se avisou na capital belga com responsáveis do grupo socialista do Parlamento Europeu, reuniu ontem e hoje em Paris à reunião dos Partidos Socialistas e Sociais-Democratas da Comunidade Europeia.

Em declarações à Imprensa, Vítor Constâncio mostrou-se extremamente crítico em relação ao PEDIP e à posição portuguesa em matéria de orçamento.

«O Governo fez uma operação de propaganda visto que o PEDIP não implica um aumento das verbas que Portugal vai receber

da Comunidade Europeia», disse Vítor Constâncio, sublinhando que apenas 50 por cento das verbas provêm dos fundos e os restantes 50 por cento de empréstimos do BEI — Banco Europeu de Investimentos.

De acordo com Vítor Constâncio, o programa «não dá nem mais um tostão adicional a Portugal» com a excepção dos empréstimos do BEI.

Vítor Constâncio sublinhou ainda o perigo de eventuais «prejuízos» que poderão sofrer certas verbas destinadas aos fundos social e regional, tendo afirmado que «poderão ser prejudicados outros programas, alguns dos quais já financiados, como os do quadro do Fundo Social, por exemplo».

«Considero inaceitável que o Governo português tenha dado a

sua aprovação ao orçamento comunitário aparentemente com o argumento de que o País iria beneficiar de uma linha específica para a indústria», disse o responsável socialista, criticando a estratégia adoptada pelo Governo português em relação ao orçamento comunitário para 1988.

O líder socialista considera igualmente «inaceitável» que o Governo português «se baseie num argumento que não existe» e sublinha que «Portugal não obteve nada em troca do seu voto favorável ao orçamento».

Referindo-se à situação actual na Comunidade Europeia e às perspectivas para a cimeira de Copenhaga, Constâncio destacou «a necessidade de obter uma concessão dos doze sobre o futuro da Comunidade Europeia».

Bolsa de Lisboa continua em baixa

A situação de baixa no mercado oficial da Bolsa de Valores de Lisboa agravou-se ontem com maior número de papéis a descerem o máximo de 5 por cento permitido por lei.

Enquanto na terça-feira tinham sido sessenta os papéis a descer, a variação máxima de ontem foram 63, o que quer dizer que 69,2 por cento dos papéis cotados quebraram o máximo.

A sessão movimentou no total 231 mil títulos, no total de 1,424 milhões de contos, bastante abaixo dos mais de 3 milhões de contos de terça-feira. Uma vez mais, o mercado oficial de acções foi responsável pelo maior número de transacções, tendo apenas registado subidas nas cotações de oito papéis.

Na origem destas situação está a pressão contínua por parte de quem pretende alienar papel, tudo indicando que a sessão de hoje voltará a registar uma baixa declarada.

Na Bolsa de Valores do Porto a situação é semelhante, com o mercado oficial de acções a fechar em baixa acentuada de 53 títulos, 51 dos quais ao mfo que mantiveram a cotação.

Entretanto, a «baixa» pronunciada dos prazos financeiros mundiais foi considerada por Vítor Constâncio, secretário-geral do Partido Socialista, como uma «vingança da economia sobre a especulação».

O ex-governador do Banco de Portugal referiu, em relação à actual situação nos mercados

financeiros, que «o lado real da economia acaba sempre por se vingar da especulação financeira».

Vítor Constâncio considera que o mundo atravessa «uma fase de especulação financeira sem fundamento, ainda mais acentuada no caso de Portugal».

A vingança da economia real é, de acordo com o secretário-geral do PS, desencadeada pela pouca disciplina existente na economia mundial e pelo défice externo norte-americano.

Sobre a situação no Sistema Monetário Europeu (SME), Constâncio referiu que «o SME vai sofrer um período de tensão, mas tudo vai depender do grau de queda do dólar».

EFTA financia empresas portuguesas

A comissão directiva do fundo EFTA para o desenvolvimento industrial de Portugal, reunida recentemente no Funchal, aprovou três novos empréstimos a empresas portuguesas, no valor total de 975 mil contos.

O empréstimo mais vultoso, no valor de 375 mil contos, foi concedido à empresa M. e J. Pestana - Sociedade de Turismo da Madeira, SA - para ampliação da capacidade de alojamento de uma sua unidade hoteleira. Os outros dois empréstimos, ambos de 300 mil contos e ambos destinados a financiar um investimento de um milhão de contos, foram atribuídos à empresa Sofopel - Sociedade de Fomento de Pesca, Lda. e a uma das maiores cooperativas portuguesas no ramo agro-alimentar.

Desde o início das suas actividades em Portugal, em 1977, o fundo EFTA aprovou 526 empréstimos, num total superior a 25,3 milhões de contos e referentes a investimentos de cerca de 67 milhões de contos que permitiram a criação de 5 mil novos postos de trabalho.

BNP Factor constitui-se amanhã

A BNP Factor vai ser formalmente constituída amanhã com um capital social de 200 mil contos, sendo a quarta sociedade a formar-se em Portugal com o objectivo específico de tomar facturas e cobrá-las.

A BNP Factor tem por accionistas a Banque Nationale de Paris com 75 por cento do capital, Banco Borges e Irmão com uma participação de vinte por cento e a UAP ainda com os restantes cinco por cento.

Embora seja a quarta «Factor» a constituir-se formalmente, a BNP vai ser a terceira a operar, o que deverá acontecer em Novembro.

A Nacional Factoring, SA, com escritura outorgada em 7 de Outubro, foi a terceira sociedade a formar-se para desenvolver este serviço específico, que pode denominar-se por «compra de facturas», mas só tencionava começar a operar no início de 1988, provavelmente no fim do primeiro trimestre.

A Nacional tem também um capital social de 200 mil contos, vinte por cento do Banco Comercial Português (BCP) e os restantes oitenta por cento divididos por vários accionistas do mesmo banco.

Entretanto, uma quinta Factor aguarda autorização governamental para ser formalmente constituída: a Factorpor, Sociedade Portuguesa de Factoring, SA.

Figuram entre os seus promotores, que terão um capital social de 400 mil contos, o Banco Português do Atlântico, o grupo Hispano-Americano, a Factor Chain International e o IPE.

O «Factoring», em Portugal, tem estado a ser desenvolvido por apenas duas empresas, a Heller Factoring e a International Factors, que tiveram, no conjunto, em 1986, um volume de negócios da ordem dos 10,6 milhões de contos, com a Heller a deter cerca de noventa por cento da quota de mercado.

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)		
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	51\$10	61\$10
ALEMANHA FED. (marco)	78\$20	79\$40
ÁUSTRIA (xelim)	11\$10	11\$30
BÉLGICA (franco)	3\$561	3\$811
BRASIL (cruzado)	1\$350	2\$350
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	107\$75	110\$25
(notas de 5 a 1000)	108\$25	110\$75
DINAMARCA (coroa)	20\$35	20\$75
ESPAÑA (peseta)	1\$171	1\$291
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	141\$65	145\$15
(notas de 5 a 1000)	142\$15	145\$65
FINLÂNDIA (marka)	32\$40	33\$00
FRANÇA (franco)	23\$40	24\$10
HOLANDA (florim)	69\$50	70\$60
IRLÂNDIA (libra)	210\$50	214\$50
ITÁLIA (lira)	\$099	\$114
JAPÃO (iene)	\$943	\$998
NORUEGA (coroa)	21\$35	21\$85
REINO UNIDO (libra)	235\$20	239\$70
SUÉCIA (coroa)	22\$20	22\$70
SUIÇA (franco)	94\$20	95\$70
VENEZUELA (bolívar)	3\$981	4\$981

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.



Um soldado filipino bloqueia a passagem de uma manifestação de extrema-esquerda em Manila. Ontem, responsáveis militares anunciaram ter descoberto um plano de golpe contra a presidente Corazon Aquino

Oitenta e cinco espanhóis que foram para o México quando crianças, durante a guerra civil de 1936-39, regressaram ao seu país como pensionistas - informou o Ministério espanhol do Trabalho. O grupo encontra-se numa visita de 17 dias a Espanha, paga pelas autoridades espanholas e por um instituto hispano-americano, 50 anos depois de ter partido para o México. Muitas pessoas residentes em áreas controladas pelos republicanos enviaram os seus filhos para o estrangeiro, durante a guerra civil que levou à ditadura de 40 anos do general Franco. Com esta visita pretende-se assinalar o 50º aniversário da chegada ao México de um grupo de 467 crianças enviadas para fora de Espanha em Junho de 1937, a fim de as poupar à guerra civil. As crianças no México foram internadas em escolas sob a tutela do então Presidente general Lázaro Cárdenas.



Habitantes de Jaffna, no norte do Sri Lanka, os rebeldes tamil e as tropas indianas, que exigem a independência

Bélgica com governos de gestão

O primeiro-ministro, Wilfried Martens, foi ontem empossado pelo rei Balduino na chefia de um governo de poderes limitados, após ter chegado a acordo com os seus parceiros de coligação, informou a porta-voz do palácio real. O governo de centro-direita da Bélgica caiu segunda-feira depois de uma disputa sobre questões linguísticas. Martens foi chamado pelo rei para formar um novo governo até à realização de eleições antecipadas, mas com poder para apresentar um projecto de revisão da Constituição. O elenco do governo de gestão será igual ao anterior. O executivo terá um mandato limitado para identificar áreas da Constituição susceptíveis de serem modificadas, de forma a diluir tensões entre os dois grupos linguísticos do país, francês e flamengo. Martens já deu a entender que pretende a realização de eleições o mais brevemente possível, talvez em Dezembro.

Novas medidas repressivas no Chile

Os militantes marxistas chilenos podem a partir de agora ser suspenso dos seus empregos. Esta uma das medidas aprovadas pela junta militar que governa o país, que se decidiu ainda pela aplicação de multas a órgãos de informação que publiquem pontos de vista considerados marxistas. Analistas políticos referem que estas medidas se destinam a impedir qualquer actividade de elementos da área numa altura em que o governo de Pinochet se prepara para as eleições presidenciais do próximo ano com um candidato único. Entretanto, uma delegação da oposição chilena iniciou, em Madrid, onde foi recebida por Felipe Gonzalez, uma série de visitas às capitais da Europa Ocidental à procura de solidariedade para um projecto de substituição pacífica da ditadura de Pinochet. A delegação é constituída por democratas-cristãos e socialistas que integram o «Comité Nacional para Eleições Livres no Chile».

Presidenciais geram disputa em França

Ainda faltam vários meses para as eleições presidenciais em França, mas as acusações de corrupção, os insultos e os ataques pessoais já começaram a voar entre a esquerda e a direita. Um antigo ministro socialista enfrenta uma possível acusação legal, enquanto o actual ministro da Justiça afirma que processará um jornal que o acusou de envolvimento num escândalo relacionado com uma empresa de joalharia. O jornal «Le Monde» afirmou recentemente que o ministro Albin Chalandon tinha conta bancária não oficial nos joalheiros Chaumet, que estariam a funcionar como um banco paralelo. Enquanto os socialistas acusam o primeiro-ministro Jacques Chirac de estar a utilizar as acusações existentes contra o antigo ministro do PSF, Christian Nucci, que alegadamente desviou fundos públicos, como manobra eleitoral. O fogo cruzado surge ainda antes de os principais candidatos presidenciais serem declarados abertamente que estão na corrida para o Eliseu. Só Jean-Marie Le Pen, o dirigente ultra-conservador da Frente Nacional, e dois dirigentes comunistas, anunciaram já publicamente as suas candidaturas. O cântico suíço de Genebra proibiu, entretanto, Le Pen de discursar numa conferência, afirmando que a sua presença representava uma ameaça para a ordem pública.

Cimeira Reagan-Gorbachev só no próximo Verão?

SHULTZ EM MOSCOVO VIAGEM DECISIVA PARA ACORDO DE DESARMAMENTO

O secretário norte-americano de Estado, George Shultz, chegou hoje a Moscovo para dois dias de conversações com os dirigentes soviéticos, durante os quais deverá ser estabelecida a data da próxima cimeira entre Ronald Reagan e Mikhail Gorbachev. Este encontro, que será provavelmente o palco da assinatura do primeiro tratado da história que prevê a eliminação de armas nucleares já instaladas, poderá, contudo, não se realizar ainda este ano.

Numa conferência de imprensa realizada em Helsínquia, pouco antes de partir para Moscovo, Shultz afirmou que a próxima cimeira entre os líderes das duas superpotências poderia realizar-se no próximo Verão em Washington. As declarações de Shultz contrariam as expectativas existentes que apontavam para a realização de uma cimeira entre os dois grandes antes do fim do ano.

A concretizar-se a data avançada pelo secretário de Estado, então a cimeira será, sem dúvida, o último grande acto da Presidência Reagan, uma vez que as eleições para a Casa Branca têm lugar em Novembro de 1988.

Shultz viajou toda a noite de comboio, desde Helsínquia, porque os aeroportos de Moscovo se encontram encerrados há cinco dias devido a denso nevoeiro.

À sua chegada à estação Leninegrado da capital soviética, o secretário norte-americano foi recebido pelos vice-ministros dos Negócios Estrangeiros Yuli Vorontsov e Alexander Bessmertnykh.

Shultz começou de imediato as conversações com o seu homólogo soviético, Eduard Shevardnadze, e para amanhã tem previsto um encontro com o secretário-geral do Partido Comunista da URSS, Mikhail Gorbachev.

Os pontos de discórdia

Os negociadores norte-americanos e soviéticos em Genebra não concluíram o esboço de tratado de eliminação dos mísseis nucleares de alcance intermédio, deixando por definir pormenores técnicos e políticos que serão objecto das conversações que George Shultz mantém em Moscovo com o seu homólogo soviético, Eduard Shevardnadze, e com Gorbachev.

Segundo fontes da delegação norte-americana nas conversações de Genebra, a URSS não forneceu ainda informações técnicas consideradas fundamentais pelos Estados Unidos, enquanto por outro lado ainda não foi definido o tipo de medidas de verificação necessárias para evitar o não cumprimento do acordo.

Washington concorda com a utilização de inspectores soviéticos para verificarem a destruição dos mísseis de médio alcance da NATO. Cruzeiro e Pershing-2 estacionados na Alemanha Federal, Itália, Grã-Bretanha e Bélgica, mas Moscovo exige igualmente o direito de inspeccionar outros campos militares de países da Europa Ocidental.

A questão dos 72 mísseis Pershing-1A instalados na RFA há 16 anos, e que pertencem agora a este país embora as suas ogivas permaneçam sob controlo norte-americano, também ainda está em aberto. O chanceler da RFA, Helmut Kohl, contribuiu para desbloquear a situação quando, em Agosto, anunciou estar disposto a eliminar os Pershing-1A. Kohl diria, contudo, que esta medida só seria implementada após a eliminação dos mísseis soviéticos e norte-americanos.



O secretário de Estado George Shultz à sua partida de Helsínquia com destino a Moscovo. Shultz fez a viagem de comboio.

Por seu lado, Washington concordou com Moscovo acerca da necessidade de se eliminar também estas armas, mas até hoje não aceitou incluir formalmente estas questões no tratado sobre forças nucleares de alcance intermédio (INF). A Casa Branca diz que é uma questão de princípio, uma vez que as duas superpotências acordaram em não negociar os mísseis pertencentes a outros países (França e Grã-Bretanha). No entanto, Moscovo considera que o problema dos Pershing-1A é diferente, uma vez que as ogivas destes mísseis estão sob controlo dos Estados Unidos.

Os Pershing-1A são os únicos mísseis de curto alcance norte-americanos instalados na Europa Ocidental.

Filme de um acordo

As questões ainda em aberto são, contudo, menores quando comparadas com os itens a que se já chegou a acordo e que tornam possível a assinatura do primeiro tratado da era nuclear que prevê a eliminação de armas já existentes e instaladas.

Segundo o líder soviético, o ponto de viragem aconteceu em Reiquejavique, em Outubro de 1986, quando da segunda cimeira Reagan-Gorbachev. Ali, o número um do Kremlin retomou, pela primeira vez, a «opção zero» proposta por Reagan em 1979, e que consistia na retirada da Europa dos mísseis de médio alcance soviéticos e norte-americanos: os SS-20 e os Pershing-2 e Cruzeiro.

No entanto, em Reiquejavique, não seria possível um acordo. Moscovo insistia

Irão renova ameaças de retaliação contra os Estados Unidos

O Irão renovou as suas ameaças de retaliação contra os Estados Unidos pelos seus ataques a instalações petrolíferas no Golfo, disse a rádio de Teerão. A emissora, captada em Nicósia, afirmou que o executivo iraniano discutiu os ataques da Marinha norte-americana e «realçou a necessidade de responder resoluta e apropriadamente contra este acto aventureirista da América».

Entretanto o Kuwait confirmou que um míssil iraniano de fabrico chinês pôs em chamas o seu principal terminal petrolífero no Golfo Pérsico.

Os danos são pesados e, segundo informações navais, é possível que haja vítimas.

O míssil atingiu «em cheio» a plataforma artificial 14 quilómetros ao largo da costa do Kuwait, que está ligada por um oleoduto ao território.

Informadores navais disseram que este míssil, tal como os dois que na semana passada atingiram dois petroleiros do Kuwait, foram lançados a partir do território iraniano, da pequena península de Faw, a apenas 100 quilómetros do Kuwait.

As ameaças do Irão foram feitas depois de as fragatas dos EUA terem bombardeado duas plataformas, na segunda-

feira, numa acção que foi considerada por Washington como «uma operação de retaliação proporcional a um ataque a um petroleiro kuwaitiano, em águas do Kuwait».

O presidente do Parlamento de Teerão declarou que a resposta iraniana seria dada «nos próximos dias».

Senado reforça posição de Reagan

O Senado norte-americano votou entretanto, por unanimidade, uma proposta destinada a reafirmar a autoridade do Presidente Ronald Reagan aos navios e tropas do país no Golfo.

O senadores aprovaram por 94 votos a favor e nenhum voto contra uma emenda do líder da minoria republicana, Robert Dole, cujo objectivo é sublinhar o poder de Reagan,

comandante-chefe das Forças Armadas, sobre as forças navais que se encontram no Médio Oriente.

«Penso que o Presidente tem o direito de fazer o que está a fazer: não a desencadear a guerra, mas a proteger as rotas marítimas», afirmou o senador, em defesa da sua proposta.

A votação da emenda surgiu quando a câmara se prepara para aprovar o adiamento, até 1988, de qualquer tomada de decisão importante sobre a política global de Reagan na região.

«Nada deve limitar o direito do comandante-chefe de proteger as forças norte-americanas», lê-se no texto da emenda de Dole. Essa autoridade já está consubstanciada na Constituição, mas pretende-se reafirmá-la como parte da actual tentativa do Senado de reagir formalmente à sua política no Golfo».

A liberdade de navegação na região foi também alvo de declarações por parte do Governo britânico que, pela voz do seu ministro dos Negócios Estrangeiros, sir Geoffrey Howe, reafirmou a sua determinação em proteger os navios que ali navegam.

Presas no Tibete dezenas de pessoas envolvidas em protestos antichineses

As autoridades do Tibete prenderam dezenas de pessoas alegadamente envolvidas em protestos anti-chineses na capital, Lhasa, e controlam minuciosamente as deslocações de estrangeiros para aquela região do Himalaia, disseram funcionários locais e estrangeiros.

As informações sobre as detenções surgem num momento em que a China intensifica as suas críticas ao apoio do Congresso norte-americano ao Dalai Lama, líder espiritual dos monges tibetanos, acusando-o de não respeitar as suas próprias minorias.

«A Polícia prendeu muitas pessoas nas suas residências desde 15 de Outubro», afirmou

um viajante francês em Lhasa.

As autoridades chinesas determinaram que esse seria o último dia para que os indivíduos envolvidos em motins, ocorridos no princípio de Outubro, se entregassem.

Citando residentes locais, o francês acrescentou que entre 100 e 800 pessoas foram detidas nas suas casas.

Entrevistado pelo telefone, um porta-voz do gabinete de Assuntos Externos do Governo do Tibete disse que o acesso de estrangeiros à região está interditado «até próxima ordem».

Várias testemunhas relataram que camiões transportando polícias com armas automáticas patrulham diariamente a cidade, desde que protestos

violentos abalaram Lhasa entre 27 de Setembro e 6 do corrente mês.

Em Washington, um grupo de congressistas exortou o Presidente Ronald Reagan a apoiar um plano de paz proposto pelo Dalai Lama em que se apela à saída das tropas chinesas do Tibete e à realização de conversações sobre o futuro do território.

Na sua carta, os congressistas exortam Reagan «a usar a sua considerável influência e todos os recursos diplomáticos do Governo dos EUA para encorajar e favorecer uma resolução favorável do estatuto do Tibete em consonância com as linhas propostas pelo Dalai Lama».

Era vice-primeiro-ministro

Geidar Aliev afastado do Politburo do Partido Comunista soviético

O vice-primeiro-ministro soviético para a área da Educação e Transportes, Geidar Aliev, que parecia cada vez menos consoante com a política de reformas do líder do Kremlin, Mikhail Gorbachev, foi afastado quarta-feira do Politburo por «razões de saúde». A reforma de Aliev, 64 anos, que fontes soviéticas dizem ter estado doente durante quase todo o ano, foi decidida numa reunião do Comité Central do Partido Comunista da União

Soviética. Analistas políticos comentam que a saída de Aliev não representa uma grande mudança no Politburo, mas faz pender a balança mais um pouco para o lado de Gorbachev. Aliev era responsável pelos transportes e alguns serviços sociais, áreas que têm sido alvo de grandes ataques pela imprensa por não terem conseguido atingir as metas de eficiência exigidas pelo Kremlin.

Em Fevereiro, Aliev defen-

deu publicamente as lojas especiais, serviços médicos e outros privilégios da elite soviética, os quais têm sido alvo de críticas por parte dos reformadores próximos de Gorbachev.

Aliev é o quinto dirigente a abandonar o Politburo desde que Gorbachev assumiu o poder em Março de 1985. Com a sua saída, a composição do Politburo passou a ser de 13 membros permanentes e seis sem direito a voto.

24 HORAS

Tentativa de rebelião nas Filipinas

As autoridades militares filipinas anunciaram a descoberta de mais um plano de soldados rebeldes para provocarem um levantamento no quartel-general do exército, em Manila. Os soldados, sob as ordens do oficial fugitivo Reynaldo Cabautan, entraram no Forte Bonifácio e entregaram contra-senhas a pelo menos 54 pessoas, disse o porta-voz militar coronel Oscar Florendo. Cabautan é identificado com as forças leais ao ex-Presidente Ferdinand Marcos, deposto em Fevereiro de 1986 na sequência da revolução popular que colocou Aquino no poder. A infiltração tinha por objectivo gerar um movimento de rebelião, mas os soldados do forte não corresponderam, o que levou ao abandono do plano, adiantou Florendo.

Burkina Faso: ex-ministros detidos

Dois antigos ministros do Governo de Sankara foram detidos e incriminados por promoverem uma campanha de desinformação contra a revolução, disse o novo dirigente do Burkina Faso. O capitão Blaise Compaore indicou que os dois presos são Mongma Ernest Quedraogo, ministro da Administração Territorial, e Eugene Talata Dondasse, ministro das Finanças. «Depois de termos provas de que alguns ministros estavam a tentar excitar os habitantes da capital, ordenamos a sua prisão», disse a jornalista estrangeira. Sankara foi morto no passado dia 15, durante o assalto ao palácio presidencial pelas tropas sublevadas pelo capitão Compaore.

Ministro moçambicano em Madrid

O ministro moçambicano dos Negócios Estrangeiros, Pascoal Mocumbi, foi recebido pelo Presidente do Governo espanhol, Felipe Gonzalez, com quem debateu a situação na África Austral e a cooperação entre os dois países. O ministro moçambicano, em visita de quatro dias a Espanha, a convite do seu homólogo, Francisco Ordóñez, solicitou apoio a Gonzalez para iniciativas de recuperação no seu país e explicou-lhe que já se regista uma melhoria, sendo positivas as expectativas, de acordo com a opinião do Clube de Paris. Mocumbi é hoje recebido pelo rei Juan Carlos.

Efeitos da guerra em Moçambique

A responsável sueca pela cooperação com países africanos, Annie Sundbon, disse à Lusa em Maputo que os efeitos da guerra em Moçambique «são assustadores e difíceis de imaginar». Sundbon, que efectua uma visita a Moçambique, disse ter ficado «perturbada com a situação de penúria que se vive em Luabo e Maganja da Costa», na província da Zambézia, onde esteve na semana passada. O Governo da Suécia atribuiu já 200 milhões de coroas suecas ao programa de emergência moçambicano, referiu Annie Sundbon.

Remodelação governamental no Brasil

O Presidente do Brasil, José Sarney, concluiu uma remodelação do seu Governo com a integração de três deputados, pondo fim a uma crise originada há quatro semanas com a ruptura da coligação governamental. As mudanças não afectaram a relação entre os dois partidos que apoiam o Governo, o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) e o partido da Frente Liberal. «O Presidente convidou três parlamentares para o Governo», disse o porta-voz presidencial António Frota Neto ao anunciar as mudanças.

Pretória: estado de emergência

O Governo sul-africano não tem intenção de revogar proximamente o estado de emergência decretado em Julho de 1985, disse o vice-ministro da Lei e da Ordem, Roelf Meyer. Em entrevista ao «Business Day», Meyer afirmou também que o Governo não retirará as forças de segurança actualmente estacionadas nas cidades negras. A presença das forças de segurança nas cidades negras é necessária porque ajuda o Governo a introduzir «melhorias», disse Meyer depois de visitar a cidade de Alexandra, a Norte de Joanesburgo.

A saúde de Hirohito

O imperador japonês Hirohito recebeu nos últimos dias cinco transfusões de sangue para combater a anemia de que sofre em consequência da operação cirúrgica a que foi sujeito há um mês, informou a televisão japonesa. O estado de saúde do imperador, de 86 anos, continua a suscitar preocupações, embora os médicos afirmem que os seus rins e fígado funcionam de novo normalmente. A televisão nipónica acrescentou que Hirohito não poderá assumir de novo, a curto prazo, as funções de Chefe de Estado, actualmente desempenhadas pelo príncipe herdeiro Akihito.

Futebol uefeiro

PIGMEUS BATERAM GIGANTES

Alves Henriques

Naturalmente, que a cidade de Valência era o principal pólo de atracção da ronda dos 28 encontros (um já se tinha efectuado e três ficaram adiados) a contar para as provas do calendário da UEFA, que ontem se realizaram em catorze palcos europeus, desde Chaves até Moscovo. Real Madrid que já averbava por seis vezes a conquista do mais prestigiado título europeu e o FC Porto que concluiu em Viena de Austria uma época coberta de louros trazendo para Portugal o troféu que provoca mais cobiça nos clubes do Continente e que, até ver, está colocada no painel de honra do glorioso clube das Antas, discutiam, no palco do Valência, a primeira parte do entusiástico confronto ibérico que no dia 4 de Novembro será continuado no bonito Estádio que constitui um marco de orgulho de todos os portuenses. Venceu o Real madrileno por tangencial 2-1 um jogo em que a sorte esteve virada à Espanha, já que a nove minutos do derradeiro silvo do árbitro inglês Hackett o «score» era favorável à turma dos campeões europeus. Houve ali uma desatenção indesculpável e muito semelhante ao que oportunamente sucedera em Barcelona com o Belenenses. A decisão fica suspensa por mais 15 dias, como aliás com os demais encontros da segunda passagem pela peneira.

Benfica e Sporting não deverão consentir que ocorra um qualquer «escândalo» e, quanto ao Guimarães e Desportivo de Chaves, o optimismo terá de ser medido por outra bitola, já que, no que respeita aos minhotos um golo é margem muito escassa para a Bélgica e os flavienses não se afiguram com a «matreirice», experiência e capacidade para anular a desvantagem de 1-2 com que partirão para terras magiares.

Campeões

Muito equilíbrio dos oito jogos entre os «campeões», cabendo o maior destaque aos triunfos registados fora, pelo Anderlecht e o PSV de Eindhoven, o que dá indicações de que venham a

figurar entre os «continuadores». O Steaua de Bucareste, foi o único a ir além da «tangente» frente aos modestos cipriotas do Omónia. Sobre os demais tudo parece ter ficado na «lista de espera» ainda que os «nulos», quer do Benfica quer do Bordéus, deixem perspectivas animadoras para 4 de Novembro.

Taças

Sete jogos e apenas oito golos o que indicia ter havido planificação táctica com fortes diques na frente das catorze redes. Realce para o triunfo do Ajax frente ao Hamburgo em área germânica e dos finlandeses do Rvanemi, em Albânia. As previsões apontam para o favoritismo do Sporting, Atalanta, Young Boys (mau grado as derrotas sofridas) Dinamo de Minsk, St. Mirren e obviamente os já citados Ajax e Rvanemi.

UEFA

A principal curiosidade reside no facto dos italianos da Juventus, Milão e do Inter haverem perdido o outro clube transalpino (Verona) ficou-se pelo «nulo». Borussia de Dortmund, Brondby, spañol de Barcelona (excelente trínfo obtido frente ao Milão, em S. Ciro), Honved, e Estrela Vermelha de Belgrado parecem dispostos a não abandonar a rota, mas atenção que faltam ainda 90 minutos de jogo.

Nota final: depois de Nápoles ter saído da TCE (missão que coube ao Real Madrid), na jornada de ontem nenhum dos cinco clubes italianos averbou qualquer triunfo, o que de algum odo pode explicar a existência de crise no futebol italiano. Outra curiosidade: os dois clubes finlandeses venceram em campo alheio.

Real Madrid, 2 - F.C. Porto, 1

Salve, Rui Barros!

Eugénio Alves

Juho passado, em Paris, no final do «particular» Porto-Flamengo(ainda com Mozer), fui às cabines dar um abraço a Artur Jorge. Manifestei-lhe espanto pela exibição de Rui Barros. Confidência do competente e astuto técnico: «vai ser o melhor jogador português nos próximos anos!».

Esta entrada da crónica explica-se: o «pequeno Maradona» português mostrou a noite passada no estádio valenciano que a «boca» do agora técnico do Racing tinha conta, peso e medida. Saído Futre, e descontando talvez Diamantino, Rui Barros não deve ter rival já no nosso futebol. Rapidez, força, técnica, sentido colectivo e uma incrível alegria de jogo, tudo isso revelou ontem o pequeno-grande jogador no confronto com o fabuloso Real Madrid.

E, para as dezenas de privilegiados espectadores, que no auditório da RTP, na 5 de Outubro, puderam, como eu, ver o jogo em directo, ficou a dúvida: se Ivic não tem substituído Rui Barros por Jaime Pacheco, os madrilenos poderiam chegar dentro de duas semanas às Antas com a desvantagem de um golo.

Felino, corajoso, sagaz, Rui Barros correu 70 infatigáveis minutos, ora no «pressing» defensivo(a marcar e a desarmar), ora a reter a bola ora a entrar isolado pelo corredor direito(Jaime Magalhães funcionou sobretudo como trinco), desorientando a jovem e robusta defensiva espanhola. O seu toque de calcanhar ao 13º mi-

nuto da segunda parte para Madjer deu «apenas» o golo! Mas, já escassos minutos antes, Rui entrara isolado pelo flanco esquerdo da defesa contrária para, a meio da linha de cabeceira, levantar a cabeça e fazer o esférico partir rigoroso para Madjer que, sem ninguém a estorvar cabeceou para fora.

Erro de Ivic?

A intenção de Ivic, ao fazer entrar Jaime Pacheco, foi boa. Era preciso congelar e controlar ainda mais o «miolo» e o médio portista é especialista na matéria. Só que Jaime está sem força e sem ritmo de jogo e a sua posição, mais defensiva, facilitou a decisão do Real de partir em bloco para o ataque. Madjer, sem Rui Barros para combinar, não estava em condições de novos sustos para Buyo. E o argelino acabou também por sair e sabe-se que Juary para «funcionar» precisa de mais alguém na frente, como se provou em Viena, e noutros jogos, nos minutos decisivos.

Foi pena. A defesa portista, que durante praticamente toda a partida, bem comandada pelo guardião polaco e pelo central Celso(bela exi-



Rui Barros

bição), e apenas com Inácio menos seguro, fez o que quiz

Árbitro: Keith Steve Hackett (Inglaterra).

As equipas alinharam:

Real Madrid: Buyo; Chendo, Sanchiz, Tendillo e Solana (Santillana 71); Michel, Jankovic, Martin Vasquez (Paco Llorente 59, e Gordillo; Butragueño e Hugo Sanchez.

FC Porto: Mlynarczyk; João Pinto, Geraldão, Celso e Inácio; Jaime Magalhães, Frasco, André e Rui Barros (Jaime Pacheco 71); Sousa e Madjer (Juary 79).

Ao intervalo: 0-0.

Golos: 0-1, Madjer, 58 minutos; 1-1, Hugo Sanchez, 81 e 2-1, Sanchis, 90.

Disciplina: cartão amarelo a André (34), Inácio (38) e Rui Barros (44).

de Hugo Sanchez, Butragueño e Gordillo, não merecia os «gelados» e afortunados golos da equipa de Madrid. Mlynarczyk cometeu apenas um deslize imperdoável para um jogador da sua craveira.

Foi um erro que deu o primeiro golo ao adversário. Ao pontapear a bola, fora da área, fê-lo para dentro do terreno quando, naquelas circunstâncias, a bancada(ou o terceiro anel se existisse...) seria o destino certo. Geraldão adivinhou o «desastre» e colocou-se entre os postes, evitando, de cabeça, o «chapéu» de Llorente. Marcado, porém, o canto, Santillana subiu mais alto que o guarda-redes e que os centrais portistas e foi o empate... a abrir caminho para o segundo golo, também de bola parada, quando o écran da TV-espanhola marcava já 47 minutos!

Foi pena, pois. Mas se a dupla maravilhosa, Madjer - Rui Barros, carburar na noite de 4 de Novembro, a antecipada «final» europeia terá o justo e português vencedor: o F. C. do Porto.



Valência: Michel servido em sanduiche

A 'primeira parte' foi assim

Realmente as esperanças mantêm-se intactas para as cinco equipas portuguesas, ainda que o Desportivo de Chaves, com uma derrota no seu estádio tenha a «vida» um pouco complicada e o Vitória de Guimarães com um reduzido golo no boral não possa alimentar grandes ilusões na Bélgica. Quanto ao Sporting, com o golo negativo, tem todas as possibilidades de continuar em prova e o Benfica seria «escandaloso» não passar. No que toca ao grande confronto ibérico tudo poderá acontecer tão nivelados são os artistas em confronto, mas estamos em crer que os «dragões» terão boas razões para confiar. Isto no que respeita aos portugueses, já que, quanto aos demais, se nos afigura existirem casos arrumados, como, por exemplo, o Anderlecht e o PSV que triunfaram em campo alheio para a TCE, o Rvanemi, Ajax, St. Mirren e Dynamo de Minsk na TT e o Vikto-vice, Brondby, Pollouseura, Español, Verona e Bayer Leverkusen que, pelos resultados averbados, também parecem encaminhados para prosseguir na Taça UEFA.

Vejamos como estão as coisas:

Taça dos Campeões

Neuchatel Xamax (Suíça)-Bayern Munique (RFA)	2-1
Real Madrid (Espanha)-FC Porto (Portugal)	2-1
Lillestrøm (Noruega)-Bordéus (França)	0-0
Aarhus (Noruega)-Benfica (Portugal)	0-0
Glasgow Rangers (Escócia)-Gornik Zabrze (Polónia)	3-1
Sparta Praga (Checoslováquia)-Anderlecht (Bélgica)	1-2
Rapid Viena (Áustria)-PSV Eindhoven (Holanda)	1-2
Steaua Bucareste (Roménia)-Omónia Nicósia (Chipre)	3-1

Taça das Taças

Vlázna (Albânia)-Rovaniemi (Finlândia)	0-1
OFI (Grécia)-Atalanta (Itália)	1-0
Den Haag (Holanda)-Young-Boys (Suíça)	2-1
Real Sociedad (Espanha)-Dynamo Minsk (URSS)	1-1
Kalmar (Suécia)-Sporting (Portugal)	1-0
Hamburgo (RFA)-Ajax (Holanda)	0-1
Maline (Bélgica)-St. Mirren (Escócia)	0-0
Marselha (França)-Hajduk Split (Jugoslávia)	(a)

(a) Disputa-se hoje.

Taça UEFA

Borússia Dortmund (RFA)-Velez Mostar (Jugoslávia)	2-0
Dundee United (Escócia)-Vitkovice (Checoslováquia)	1-2
Spartak Moscovo (URSS)-Werder Bremen (RFA)	adiado
Brondby (Dinamarca)-Sportul (Roménia)	3-0
Inter Milão (Itália)-Palloseura (Finlândia)	0-1
V. Guimarães (Portugal)-Beveren (Bélgica)	1-0
Milão A.C. (Itália)-Español (Espanha)	0-2
Wismut Aue (RDA)-Flamurtari Vlora (Albânia)	1-0
Aberdeen (Escócia)-Feyenoord (Holanda)	2-1
Chaves (Portugal)-Honved (Hungria)	1-2
Utrecht (Holanda)-Hellas Verona (Itália)	1-1
Barcelona (Espanha)-Dynamo Moscovo (URSS)	2-0
Toulouse (França)-Bayer Leverkusen (RFA)	1-1
Panathinaikos (Grécia)-Juventus (Itália)	1-0
Estrela Vermelha (Jugoslávia)-Bruges (Bélgica)	3-1
Victoria Bucareste (Roménia)-Dynamo Tbilissi(URSS)	(a)

(a) Disputa-se hoje.

Empate em Aarhus: 0-0

BENFICA À PORTA DO TEMPO PERDIDO

Neves de Sousa

Enviado especial

Muito mal, Benfica? Bem longe disso, até porque os dinamarqueses, emergindo da fase puramente amadora, começam a estar habituados a exportar técnicos e jogadores até paragens onde a cornucópia de ouro vai permitindo todos os devaneios futebolísticos. Muito bem, Benfica? Nem tanto ao mar nem tanto à terra até porque todos sabemos que (em plano de clubes) nunca o colectivo dinamarquês teve espelho condizente, num Aarhus que está distante do actual Brøndby, até porque não possui nenhum talento de plano extra que possa servir para deslumbamento do visitante imbuído para o adepto local. E apenas uma equipa arrumadinha.

Então, em que ficamos? Para já e por agora nesta autêntica verdade: o Benfica sobe a olhos vistos, dia-a-dia, está recuperando a personalidade que deve legitimamente ostentar entre os grandes blocos do futebol mundial. E, se perante o Salgueiros já esse reencontro com a velha imagem esteve assumido, é inegável que (fundamentalmente) se saude de chapéu na mão a turma que esteve ontem em acção, mostrando arrojo e tremenda vontade de vencer os obstáculos, patenteando energia a rodos e uma nítida e bem evidente melhoria de poderio físico a par de maior entrosamento entre a defesa e o ataque, na charneira onde se decidem os duelos.

O que faltou para um regresso a casa já com o pássaro inteiramente na gaiola?

Uma serena observação dos factos vividos no parque municipal da verdejante Aarhus obriga a que se coloque esta chancela no tecido dinamarquês: os recepcionistas viram um remate esbarhar no poste direito, um pontapé de canto tocar na trave superior, dois disparos de impressionante precisão serem recolhidos pelas mãos de Silvino e, na grande personalidade (torçadamente concedida pelo juiz finlandês a pedido de várias famílias das redondezas), constatarem também como o nosso guarda-redes mergulhava para o canto esquerdo e detinha a esterlinha mesmo a um milímetro de se escoar para dentro do viveiro.

E aqui, conto um caso curioso: no Aarhus, quem costuma cobrar as grandes penalidades é Bartram, mas o rapaz já tinha sido rendido quando o árbitro contemplou a esmagadora latia da plateia com uma ajuda para rubis e esmeraldas. Só que, antes do «tiro», Eusébio industriou Silvino: «se for o Rasmussen, atira-te logo para a esquerda, porque ele é canhoto e só chuta para aquele lado». Assim sucedeu: de muita coisa vale ter ao nosso lado o maior de quantos até hoje belamente nos deleitaram com futebol milionário.

Quer dizer, por incrível que pareça, o Aarhus até podia ter vencido a esgrima, não fora (por exemplo) o magnífico Mozer ter

conquistado as cinco estrelas e o sensacional Silvino ter rapidamente passado uma esponja sobre dois ou três momentos de hesitação na saída aos «cantos» e velozmente acelerado para uma exibição digna de quase vinte valores. Aliás, todos sabemos que o «central» brasileiro é considerado dos melhores deste Planeta e que também o moço de Setúbal não deve ter muitos competidores por estas áreas e bem merece não continuar sendo votado ao ostracismo por um Juca que não pode desconhecer a real valia do guardião rubro.

Agora, fale-se das oportunidades benfiquistas, especialmente naquele raide que Águas magistralmente conduziu e acabou desperdiçando por deslumbamento, da «chance» oferecida em bandeja de ouro e que Nunes não concluiu porque (disse-nos) julgava que se encontrava fora-de-jogo. Mais ainda: quando Chiquinho, à boca do tesouro, preferiu chutar contra as botas do defesa a endossar a um dos dois parceiros que tinha à direita e se preparavam já para calibrar a alça. Logo (portanto) dividiram-se pelos dois campos os instantes de susto ou esperança. Pena que, no cómputo geral, o espectáculo tivesse frequentemente resvalado para uma espécie de sonolência, de monotonia, de entorpecimento que foi dezenas de vezes concluído com passes de meio quilómetro para os guar-



Aarhus: o lance da «lunática» grande penalidade. Pinger e Mozer na relva

da-redes, o receio de dar um passo em frente perfeitamente visível no temor das duas formações em leal conflito.

Nunca o Aarhus conseguiu as rédeas da carruagem: e foi o Benfica que, em períodos de quinze minutos bem divididos pelo «show», esteve em plano de superioridade vencida. No tempo de abertura, mal se libertou da esperada tentativa de «pressing»: e as palmas de tango arrojadas aos dinamarqueses pelos compatriotas disseram bem do seu desagrado. Então, Mozer e Nunes, Shéu e Dito, Alvaro e Diamantino, Águas e Silvino estavam em pleno, apenas faltando um comandante-patrão, daqueles que já surgiram e se chamaram Francisco Ferreira, Coluna ou Toni. Um jogador de porte atlético e vozeirão, que impressionasse a clientela que (como pedia o bem saudosos Pedroto) fosse aviar o cliente ao domicílio, longe da

olhar frequentemente. E, no entanto, é fundamental motivá-lo novamente para as jornadas de epopeia: Carlos Manuel é um artista de rompage, de espada desembainhada quando se imagina que está a ler o jornal. Simplesmente carece de ajuda mental e renovação do ar nos pulmões e da própria caixa de velocidades, porque parece começar a não acreditar que vai jogar a tempo inteiro e fica-se nas covas, magiçando com o travesseiro ou com o espelho quando a sua recuperação implicava que se estendessem todos os braços a quem tanto tem ainda para ofertar a este luso pontapé na bola. A Portugal e ao Benfica.

Em tempo de auscultação, o jogo foi confuso até dizer acabou. Ninguém se entendia e qualquer dos blocos andava ao monte, não raro aparecendo dez ou doze homens em pequeno círculo, com a bola maltratada, chutada em parafuso ou atirada contra as nuvens mais altas. Os dinamarqueses são duros e muito velozes: daí que este escriba não comungue da euforia geral que passou no avião que esta madrugada nos depositou na Portela e onde, no mínimo, já se faziam planos para um Benfica-Porto na próxima eliminatória. Creio que a boa gente que foi até Aarhus enquadrar a água deveria recordar a fábula da leiteira que ia para o mercado deitando palpites sobre o que seria como o dinheiro da venda do espremer das vaquinhas. Já tinha conquistado o universo quando despertou: no chão, em pedaços, estava a bilha e o leite derramava-se pela estrada. Para bom entendedor não valeria a pena acrescentar que, neste momento, falta (principalmente) que tando o Porto como o Benfica se desvençassem dos competidores desta rodada...

É que os nórdicos (e aqui o problema rubro) são sujeitos de partir pedra que, embora tendo prémios simbólicos e ganhem só uma percentagemzinha da bilheteira, jogam com o amadorismo na camisola, coladinho ao emblema.

Adiante. Fica-se com a retina presa aos cintilantes Mozer e Silvino, mas não pode

esquecer-se como foi importante o trabalho de Veloso e Alvaro, o «internacional» de S. João da Madeira a recuperar a forma, o craque de Lamego em plena pujança física e atlética. De como se terá de aplaudir o tempo de abertura assinado por Dito, como o espantoso afino de Tueba, especialmente quando se virou a página e a tática ficou ajustada às circunstâncias, a requerer do zairense asas nos pés e 'drible' de entontecer. De como Nunes foi carregador de pianos e estilista da filigrana e Rui Águas venceu o período de pouca confiança resultante de lesão muito chata e aí está (ofuscante!) novamente como atirador de turno, especialmente quando mestre Diamantino toca na redonda e abre o compêndio de infinitos ecurros e mágicas soluções. De como o «capitão» Shéu vende o espantalho a quem ousa travá-lo, pincelando com harmonia e classe o quadro das suas cores. Só nos pareceu (desculpem a confusão) que o bom do Chiquinho anda com a borda a tocar o rio: momento passageiro?

Muita coisa está ainda por contar: e, aqui uma palavra de muito apreço pela tarefa que esta situação benfiquista (presidida por João Santos) está levando a cabo, todos os executivos se esmerando (o excepcional Marcel de Almeida, o eficiente Gaspar Ramos, os correctíssimos Miguel Magalhães e João Loureiro) mas merecendo uma muito especial nota a actividade de José Gomes Machado (homem de sete instrumentos ao permanente serviço do seu clube) ou o companheirismo de José Diogo (sempre de vela ao vento para a alegria), dois óptimos «reações públicas», desses que nenhuma entidade desperdiçava de colocar bem alto nos seus quadros. Que sorte, Benfica!

Ebbe Skovdhal é simpatíssimo, talvez o mais fotogénico dos treinadores deste universo: Epa Skoudal, como se pronuncia o nome na Dinamarca, está nas mãos do empresário Lantz e só Deus sabe em que medida a associação é (ou não) vantajosa para o salto que pretende, vindo de actividade muito secundária

Continua na pág 16



ALL STAR
CONVERSE

A
**ESCOLHA
DAS
ESTRELAS**

Kalmar, 1 - Sporting, 0

LEÕES COM POUCA JUBA

Um golode **Torbjor Arvidsson** a escassos três minutos do fim garantiu aos modestos suecos do Kalmar uma vitória (1-0) frente ao Sporting em encontro da primeira mão da segunda eliminatória da Taça das Taças.

A turma do Kalmar recém-despromovida à terceira divisão sueca, conseguiu o seu tento solitário já perto do final, quando o empate sem golos parecia o desfecho mais provável, depois de 87 minutos de mau futebol, com ambas as equipas a demonstrarem falta de inspiração no ataque.

Os «leões», que estiveram muito abaixo das suas capacida-

des, raramente souberam criar perigo em redor da baliza à guarda de Tellqvist, enquanto os nórdicos, apesar de correrem todo o terreno, exibiram falta de soluções, ofensivas para romper a bem organizada defesa dos forasteiros.

O frio intenso que se fez sentir no Estádio Fredriksson poderá ter prejudicado a actuação do Sporting, que continua a ser o grande favorito da eliminatória, estando ao seu alcance rectificar a derrota tangencial em Alvalade e perante o seu público.

Ninguém seria capaz de advinhar a fraca qualidade do espectáculo quando o Kalmar surgiu de rompante nos primeiros minu-

tos do encontro, pressionando o Sporting e colocando sempre dois jogadores em redor do adversário na posse da bola.

Aos 13 minutos, Holmberg esteve à beira de marcar, mas o disparo saiu a rasar o poste da baliza de Rui Correia, tendo o conjunto leonino reagido, aos 30, quando Paulinho Cascavel falhou por um triz a antecipação ao guarda-redes nórdico, após jogada de João Luís.

Os suecos atacaram sempre mais, mas sem discernimento, com os cruzamentos largos a serem prontamente anulados pela defesa contrária, com Duílio e Morato em plano de destaque. O fraco nível do futebol pra-

tificado por ambas as equipas manteve-se no período complementar, com o Sporting a não conseguir impor o seu futebol mais experiente frente a uma formação muito aguerrida, mas sem grandes valores individuais.

O avançado Erlandsson, um dos elementos que causou maiores problemas aos defesas leoninos, teve um remate perigoso, aos 55 minutos, mas o esférico saiu ao lado da baliza de Rui Correia, que volvidos cinco minutos teve uma intervenção difícil com os punhos na sequência de um cruzamento para o interior da área.

A entrada de Carlos Xavier e Marlon para as hostes sportin-



Oceano é perigo para homens de Kalmar

guistas por troca com Litos e visíveis ao rendimento dos Cascavel não trouxe melhorias «leões».

No Estádio Fredrikshkan, em Kalmar, sob a arbitragem do inglês Midgley, as equipas alinharam:

Kalmar: Tellqvist; Jagerbrink, Hakan Arvidsson, Wigstedt e Marko; Jan Jansson, Earlandsson (Landberg, aos 75), Torbjorn Arvidsson e Landsdowne; Peter Nilsson e Holmberg.

Sporting: Rui Correia; João Luís, Morato, Duílio e Fernando Mendes; Litos (Carlos Xavier, aos 60), Oceano, Mário Jorge e Silvinho; Paulinho Cascavel (Marlon, aos 72) e Tony Sealy. Golo aos 88 minutos, por Torbjorn Nilsson.

Chaves, 1 - Honved, 2

O custo da ingenuidade

Uma grande penalidade desperdiçada, duas bolas ao poste e uma elevada dose de inexperiência e ingenuidade estiveram na origem da derrota do Chaves frente ao Honved por 2-1 em encontro da primeira «mão» da segunda eliminatória da Taça U.E.F.A.

Com esta derrota, o Chaves comprometeu seriamente as suas aspirações na prova mas pode-se queixar mais de si próprio do que de alguma demonstração de futebol de outro nível revelada pelos húngaros.

O Honved teve, isso sim, o mérito de ter sabido aproveitar a ingenuidade e inexperiência patenteadas pela equipa de Raul Águas a qual criou oportunidades suficientes para garantir a vitória, mesmo uma vitória folgada, mas os avançados flavienses revelaram-se demasiado perdulários.

O resultado final ficou registado em apenas 16 minutos, precisamente os últimos do encontro e o Honved chegou ao 2-0 com golos de Kovacs aos 74 minutos e de Fodor aos 8, sendo o tento solitário dos flavienses apontado de cabeça pelo búlgaro Radi no último minuto da partida e na sequência de um pontapé de canto marcado por David.

Para além da infelicidade da turma portuguesa, que logo nos primeiros minutos atirou uma

bola ao poste, o Chaves desperdiçou inúmeras oportunidades de baliza aberta, e, com o resultado ainda em branco, Júlio Sérgio desperdiçou uma grande penalidade, com um remate muito denunciado, aos 72 minutos.

O guarda-redes húngaro não teve dificuldades em detender o remate sem convicção desferido pelo autor da grnde penalidade que ditou a vitória do Chaves frente ao Benfica há pouco mais de duas semanas.

Apesar da derrota, de certa forma injusta dos flavienses e que castigou exactamente a sua inexperiência internacional, o Chaves dominou todo o encontro, criou vários lances de perigo mas cometeu um erro fatal em jogos da U.E.F.A: a falta de concentração na finalização.

Como exemplo, pode salientar-se o sucedido no primeiro tempo em que o Chaves actuando desde o início do encontro no meio campo adversário nunca conseguiu a lucidez necessária para contrariar a defensiva húngara, enquanto o Honved, optando pelo contra-ataque, conseguiu em duas ocasiões forçar o guarda-redes Fonseca a duas intervenções muito difíceis dando sinais da sua maior capacidade ofensiva, concretizada na segunda parte em dois golos inesperados.



Chaves: luta de dentes cerrados

Em futebol os erros paga-se caro e depois de surgir na segunda parte muito mais perigoso, o Chaves desperdiçou várias ocasiões de baliza aberta, tanto por Radi como por César e depois Júlio Sérgio.

Também dois minutos após o tento húngaro, os flavienses voltaram a não contar com a felicidade pelo seu lado, quando Gar-

rido atirou de cabeça a bola ao poste.

O golo de honra do Chaves, um golo merecido, chegou a um minuto do termo do encontro e por isso mesmo não registou o mínimo testeio por parte quer dos jogadores portugueses que dos adeptos, uma boa parte dos quais já tinha abandonado o Estádio Municipal.

Jogo em Chaves, dirigido por Joseph Carly (R.F.A.).

Chaves: Fonseca; Cerqueira, Garrido, Jorginho e Rogério (David aos 45m); Gilberto, Radi, Diamantino (Júlio Sérgio aos 65m) e Serra; César e Vermelhinho.

Honved: Peter Diszti; Sallai, Cseh, Laszlo Diszti e Fitos; Kovacs, Csuaay, Sass e Lippai (Romanek aos 88 m); Fodor e Sikedi.

Resultado ao intervalo: 0-0.

Marcadores: 0-1, por Kovacs, aos 74 minutos, 0-2, por Fodor, aos 82 m e 1-2, por Radi, aos 89m.

Ação disciplinar: cartão amarelo a Kovacs aos 44 minutos e a Serra aos 52 minutos.

BENFICA EM FRENTE

Continuação da pág. 15

para um símbolo patronal de alta expressão. Simplesmente o Benfica foi perdendo várias corridas e talvez não tivesse melhor recurso de contratação, acontecendo a sorte ao treinador como a Magnusson, este a custar quase tanto como um Polster de renome e prestígio por essa terra fora...

O seleccionador dinamarquês Sepp Piontek não gostou dos portugueses: Manniche fartou-se de

ovacionar os antigos colegas. Machado Leite («Macieira») quer dar dinheiro a ganhar ao actual comandante do «team» da Luz: publicidade em bonezinhos, como sucedeu com Eriksson. Na balança das sedutoras propostas também mora um prémio individual de meio milhão de Donas Marias a cada benfiquista que passar esta barreira uefeira.

Mas, que vale sonhar hoje? Toca a fechar as audácias em cofre com bom cadeado: neste momento, apenas interessa que o Benfica volte a dar aos seus ami-

gos a imagem completa do esplendor que rodeia o seu em-

blema e a fama ainda próxima. É tempo: cabeça e pés à obra. Já!

Exceptuando o ter assinalado a grande penalidade (que não pareceu registado, porque Mozer se fez ao lance para efectuar um corte na linha de topo), actuou bem o árbitro finlandês Ero Aho (que esteve acompanhado por dois fiscais (Kaj Natri e Ulf Arlin) com falta de visão em alguns lances para «fora de jogo»).

AAHUS: Rasmussen; Wachmann (Westerdahl, 77), Kristensen, Stamp e Bartram; Per Beck, Thomas Anderssem, Karsten Christensen (Kenny Andersen, 62) e Pingel; Lundqvist e Lauridsen. Suplentes: Jetersen, Allain Reese e Jorgen Hinge.

BENFICA: Silvino; Dito; Veloso, Mozer e Alvaro; Tueba, Shéu, Nunes e Diamantino; Rui Águas e Chiquinho (Carlos Manuel, 69); Suplentes: Bento, Carlos Pereira, Chalana e Vando.



Guimarães: certa serenidade perante o Beveren

Guimarães, 1 - Beveren, 0

Conquistadores sem lanças

Um golo do brasileiro **Ademir**, aos 66 minutos, na marcação de uma grande penalidade, deu ao Guimarães uma magra vitória (1-0) frente aos belgas do Beveren, em encontro da primeira «mão» da segunda eliminatória da Taça U.E.F.A.

O tento solitário do desafio surgiu numa grande penalidade de castigar uma falta de Pfaff sobre o próprio Ademir no interior da área, depois de um lançamento em profundidade de Nascimento.

Os vimaranenses só animaram depois do golo do avançado brasileiro, pois até aí a equipa produziu uma exibição desgarrada e sem brio, acusando nervosismo e excesso de calculismo no seu jogo, cabendo aos belgas o primeiro sinal de perigo, logo aos três minutos, no seguimento de um livre, com Nené a falhar a intercepção e Kusto a rematar forte, mas com Jesus a adivinhar a trajectória da bola.

O Guimarães jogou sempre no terreno do adversário, mas não conseguiu criar perigo, não tendo tirado proveito dos cantos sucessivos a seu favor,

Árbitro: Ramos Marco (Espanha).

V. Guimarães: Jesus; Costeado, Miguel, Nené e Basílio; Carvalho (Rui Vieira 58), Nascimento, René (Kipulo 41) e N'Kama; Ademir e Adão.

Beveren: Rosez; Ladders, Lambrichs, Pfaff e Maes (Beeraer 48); Stalmans, Schedding (Guy 69), Fairclough e Britson; Kusto e Van Der Heygen.

Golo de Ademir, aos 66 m, de grande penalidade.

Ação disciplinar: amarelos para Kusto (20 minutos) e Lambrichs (84).

JORDÃO TREINA PARA TER UM... BOM FIM

Rui Jordão que, em tempo não muito distante, foi «mandado às urtigas» por Manuel José, parece disposto a desmentir aquele técnico e aos dirigentes do Sporting que sancionaram o parecer do actual treinador do SC Braga, de que teria chegado a hora de arumar as «chuteiras». Surgiu agora no Estádio do Bonfim e, após conversações com a direcção do clube sadino, iniciou uma fase de treinos junto a Manuel Fernandes, Meszaros, Eurico, Ademar e demais futebolistas em que Fernando Oliveira muito confia.

Sobre a eventualidade de Jor-

dão assinar contrato com o Vitória de Setúbal, é hipótese muito provável ainda que não tenha sido tomada qualquer decisão. Já estaremos dispostos a transmitir o vigoroso aplauso que recentemente tributámos a Manuel Fernandes e a Eurico que, por razões indecifráveis, foram forçados a mudar de camisola.

Meade assina pelo Leeds United

O avançado inglês, Raphael Meade, que jogou no Sportin até final da temporada passada, vai assinar esta semana um contrato

com o Leeds United, na II Divisão inglesa.

Meade, 24 anos, que também já jogou no Arsenal, deverá estreiar-se pela sua nova equipa no sábado frente ao Bournemouth.

Sacavenense mais uma «chicotada»

Em virtude dos maus resultados obtidos ao longo das 6 jornadas já disputadas, o Sacavenense rltveu rescindir o contrato com o técnico Celestino Ruas, e, enquanto não é encontrado o seu substituto, a equipa será orientada pelo «adjunto» Rafael Gomes.

União da Madeira contrata brasileiro

O União da Madeira assegurou o concurso do ponta-de-lança brasileiro Vasconcelos.

O jogador, que esteve à experiência durante três semanas no clube, obteve a concordância do técnico Carlos Cardoso e assinou um contrato válido até final da temporada.

Reservas: Benfica-Belenenses esta tarde na Luz

Está marcada para hoje a rea-

lização da 8.ª jornada do campeonato de reservas da AFL com o seguinte «calendário»: Benfica-Belenenses (Luz, 15 horas), Atlético-Estrela da Amadora (Tapadinha — 19.30), Torreense-Sporting (Torres Vedras, 21 h), Sacavenense-Estoril (Sacavém, 21 h) e Oriental-Vilafranquense (Marvila, 21 h).

Estrela-Oriental é dia do clube

Aproveitando a circunstância da visita do Clube Oriental de Lisboa (orientado pelo professor Rui Silva), o Estrela da Amadora

(de Meirim) resolveu considerar domingo o «Dia do Clube» pelo que os seus associados, que desejem assistir ao importante «derby», deverão munir-se de um bilhete especial que custará 150\$00

Moçambique: título para o Matchedje

O Matchedje tornou-se virtual campeão moçambicano de futebol, ao vencer o Namutequeliua por 1-0 na penúltima jornada da prova, ganha pelo Maxaquene nas duas últimas temporadas.

Hotel Auramar vence torneio de futebol entre hoteleiros



Futebolistas do Hotel Auramar

Teve lugar no Pavilhão do Imortal em Albufeira, ao longo de cinco jornadas (quinze dias), o II Torneio de Futebol de Salão do Grupo Fernando Barata — Algarve.

Concorreram 5 equipas (Hotel Auramar, Hotel Sol e Mar, Conjunto Residencial Vila Recife, Aldeamento Forte de S. João e Similares) tendo saído vencedora, tal como no I Torneio em 1986, a do Hotel Auramar, «capitaneada» por Fernando Cabrita.

O Auramar somou 7 pontos, seguido de perto pelo Sol e Mar (2.º lugar, 6 pontos) e em 3.º lugar, pelo Forte de S. João (3 pontos).

Fernando Barata apoiou ciclismo no Portimonense



Ciclistas do Portimonense

Foi com o apoio do Hotel São João (da Arquitur, S.A. — Grupo Fernando Barata), onde se alojou, durante uma semana (em regime de oferta de quarto e pequeno almoço) a selecção regional de ciclismo de Faro — composta por quatro corredores seniores do Portimonense Sporting Clube, com existência federada desde há quatro anos, e que ali disputou a 15.ª Volta à Madeira em Bicicleta.

Acompanhada pelo dirigente Reis Luis, a equipa barlaventina contou ainda com uma ajuda da Companhia de Seguros Eagle Star (Vie) e teve a par dum comportamento social impecável uma actuação desportiva que, se não a levou aos lugares de honra, foi de molde a permitir augurar-se-lhe um bom futuro, caso continue a trabalhar com o devido afinco.

Federação de esgrima selecciona

Com vista à participação lusa na prova internacional «A» (Airborne Trophy) em espada, a realizar nos dias 7 e 8 de Novembro em Arnhem (Holanda), a Federação Portuguesa de Esgrima deliberou seleccionar os seguintes atiradores: José Bandeira, Óscar Pinto e Roberto Durão.

EM PORTUGAL

	T. 6 h	Min.	Prec.	As 13 h.
Bragança	5	4	0,0	P. nub.
V. Castelo	9	7	0,0	M. nub.
Vila Real	6	6	0,0	Encob.
Porto	10	9	0,0	Neblina
Coimbra	10	8	0,0	Encob.
C. Carvoeiro ..	13	13	0,0	Encob.
C. Branco	8	8	0,0	Neblina
Portalegre	11	10	0,0	Chuva
Lisboa	12	12	0,0	Chuva
Évora	11	11	0,0	M. nub.
Beja	11	11	0,0	Encob.
Faro	13	13	0,0	Chuva
Sagres	13	13	0,0	Chuva
P. Delgada	15	14	0,0	M. nub.
Funchal	21	20	0,0	Aguac.

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 17, Porto 15, Faro 20, Ponta Delgada 18, Funchal 23.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

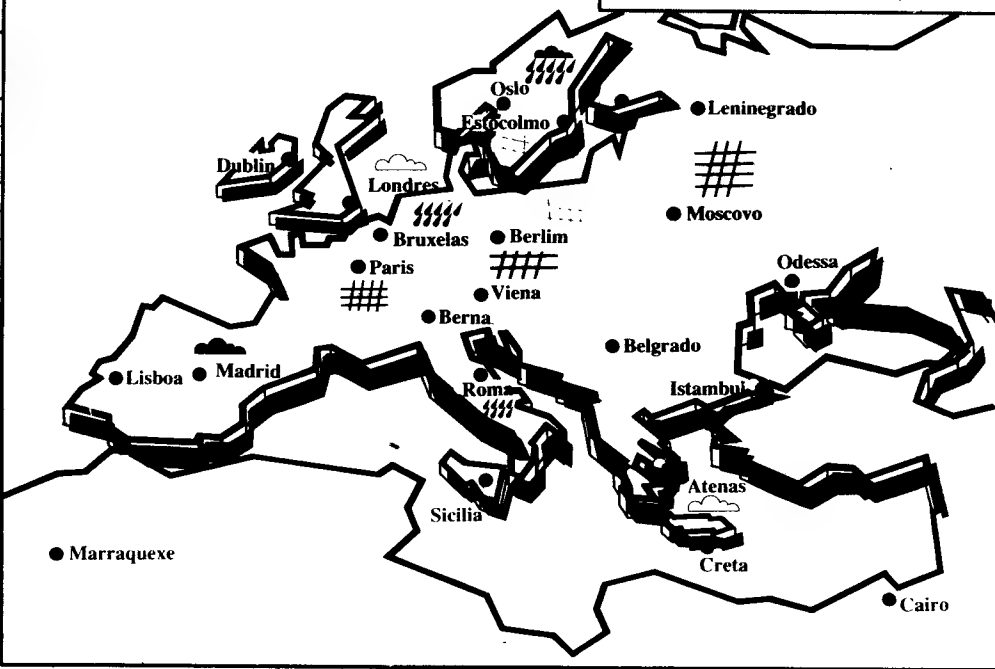
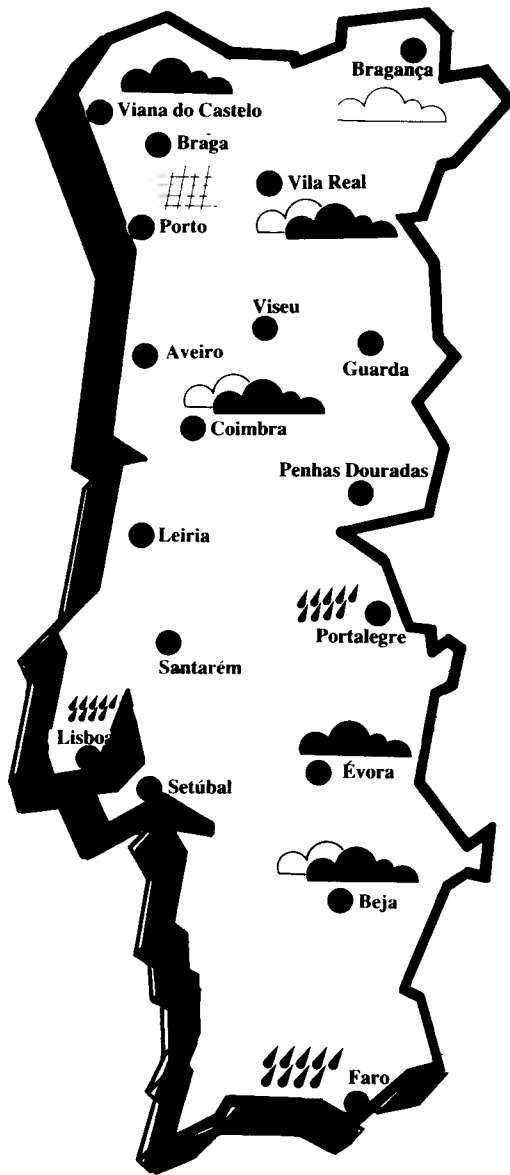
	T. 7 h	Min.	As 13 h.
Madrid	8	8	Muito nub.
Londres	7	7	Pouco nub.
Paris	6	4	Nevoeiro
Bruxelas	8	8	Chuva
Amsterdão	10	9	Aguac.
Genebra	9	9	Nevoeiro
Roma	18	17	Chuva
Oslo	8	8	Chuvisco
Copenhaga	10	9	Neblina
Estocolmo	7	7	Neblina
Berlim	7	6	Neblina
Viena	6	5	Nevoeiro
Varsóvia	5	4	Muito nub.
Atenas	14	13	Pouco nub.
Moscovo	-2	-2	Nevoeiro

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NOMUNDO

	Min.	Máx.	As 13 h.
Caracas	21	26	Nublado
Joanesburgo ..	7	24	Limpo
Los Angeles	14	20	Nublado
Montreal	9	14	Chuva
Nova Deli	16	29	Limpo
Nova Iorque	11	19	Limpo
R. de Janeiro ..	17	25	Chuva
S. Francisco	12	16	Limpo
São Paulo	15	16	Nublado
Tóquio	16	-	-

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm



TEMPO

HOJE

No Continente:

Céu muito nublado. Vento fraco soprando moderado de sudoeste nas regiões do Sul a partir da tarde. Períodos de chuva.

Estado do Mar:

Costa Ocidental — Mar encrespado ou de pequena vaga e ondulação noroeste de dois metros.

Costa Sul — Mar de pequena vaga e ondulação inferior a um metro.

Nos Açores:

Períodos de céu muito nublado. Vento moderado a fresco de nordeste. Aguaceiros fracos.

Estado do Mar: Mar cavado a grosso. Ondulação noroeste de quatro metros.

Na Madeira:

Céu geralmente muito nublado. Vento forte de sul tornando-se moderado de sueste por vezes com rajadas a partir da madrugada.

Estado do Mar: Mar grosso tornando-se cavado, vaga de quatro a cinco metros. Ondulação noroeste.

AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado. Vento fraco ou moderado de sudoeste. Períodos de chuva especialmente nas regiões do Norte.

DEPOIS

Céu geralmente muito nublado. Vento moderado do quadrante Oeste. Chuva ou aguaceiros e condições favoráveis à ocorrência de trovoadas.

MARÉS

Hoje

Praia-Mar	Baixa-Mar
2.33 4,0 m	8.11 1,0 m
14.49 4,1 m	20.29 0,9 m

Amanhã

3.06 4,1 m	8.45 0,9 m
15.23 4,1 m	21.02 0,9 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

Informação da agência Lusa

Doença do Coração...

DO título, «Maladie d'Amour», o realizador Jacques Deray destaca o amor sobre o qual o filme é feito — «no caminho do sonho e da emoção». Obra romântica e melodramática, que se confessa e não recusa os perigos retóricos do seu discurso sentimental, «Maladie d'Amour» é também uma obra tradicional, no seu esquema triangular de dois homens e uma mulher, jovem ela e jovem também um deles — que não o outro. «Conflito de gerações» em função da mesma cama vivida com diferente paixão? O realizador é pouco convincente ao dizê-lo — e não parece que tenha querido, sequer, fazê-lo.

...Uma troca de olhares num comboio, dois destinos naturalmente separados que vêm a reunir-se por intermédio de uma terceira personagem, comum a ambos, cliente dela no cabeleireiro, patrão dele no hospital universitário de Bordéus. Ao princípio, nenhum deles sabe disso, quando a jovem é tomada em conta pelo professor; mas ela encontra por acaso o assistente e o processo amoroso desencadeia-se, com pressão profissional do primeiro sobre o segundo que, para salvar a prometida carreira, desiste da paixão e vai casar ajuizadamente. Mas, de repente, decide que não é parte com a jovem em «amour fou», médico de aldeia; em breve, porém, desmoralizado. Para o salvar de tal destino, ela foge-lhe e volta ao professor; e ele recupera a carreira merecida, em Paris. Mas ela adoece de cancro — e de separação... Um dia vêem-se num restaurante, sem palavras, mais uma vez só olhar, e ela desaparece a seguir. Então, o professor, inerte, algo compreende e vem ver o antigo assistente. Para este, o caso pertence a um passado que diz esquecido. Mas esquecido não está: o jovem parte em busca dela, procurando-a na casa que fora de ambos, um ano ou dois, na aldeia onde praticara. E encontram-se, como se ela o esperasse, em amor, morte que haja e que em breve tornará definitiva a história de ambos...

Michel Piccoli é o professor, Natassja Kinski a jovem, Jean-Hughes Anglade o seu amante — já que, às vezes, raras embora, amante pode ser aquele que ama; ou aqueles...

Obra sensível, discreta e sem medo, quem sabe se pós-moderna, «Maladie d'Amour» defende a sua raridade.

J.-A. França

Cultura popular em Coimbra: quintas jornadas já mexem

Por iniciativa do Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra, decorrem nesta cidade, desde hoje até 8 de Novembro próximo, as Quintas Jornadas de Cultura Popular.

Do vastíssimo programa, que abriu no Teatro Gil Vicente com a apresentação do Grupo «A Barraca», de Lisboa, destaque para as actuações, até ao final de Outubro, dos «Algozes» - Música Popular da Madeira (dia 23 na Faculdade de Letras e dia 24 no Ágora), do músico gallego Emilio Cao e de Paulo Vaz de Carvalho na guitarra clássica (dia 25 no Gil Vicente), do compositor e cantor cubano Pablo Milanés (dia 28 no Gil Vicente), música coral alentejana (dia 29 no Gil Vicente), conferência musicada com Pedro Caldeira Cabral e Pedro Caiado (dia 30 no Museu Machado de Castro), do grupo de música da Galiza «Fuxan os Ventos» (dia 31 no Gil Vicente).

No próximo mês de Novembro, as Quintas Jornadas de Cultura Popular apresentam: dia 1, na Praça Velha, um arraial com os «Caretos de Podence» e os «Paulitei-

ros»; dia 4, no Teatro das Letras, «Mostra de Cultura dos Índios Sioux»; dia 5, no T. Gil Vicente, António Pinho Vargas; dia 6 no Ágora, «Grupo de Guitarras de Coimbra» e Manuel Freire; dia 7 no Auditório da Reitoria, Victor Alves, José Monteiro e «Vera Lenda»; dia 8, na Praça Velha, a «Banda de Travassô e Tocadores de Concertina».

Para além dos espectáculos enunciados, estas Jornadas de Cultura Popular de Coimbra contam com outros aliados, a saber: Noites de Gastronomia (espada madeirense a 24, prato alentejano a 30, posta mirandesa a 31); uma exposição de lenços no Museu Machado de Castro de 24 a 28; no mesmo local, nos dias 29 e 30, uma exposição de instrumentos musicais; mais uma noite de gastronomia no dia 6 de Novembro, no Ágora, com uma chafana. Finalmente: na Praça Velha, entre 1 e 8 do mês que vem, uma Feira de Artesanato. E... viva a Festa, que o GEFAC organizou a pensar no 1º centenário da A. A. de Coimbra.

ENTRE LÁ E CÁ

Carlos Porto

MULHER AO MAR. Texto e Encenação: Graça dos Santos e Felicidade dos Santos. Colaboração: Vasco, Filomena Sousa, Vasco Martins, Ernesto Perez-Leon, Isabel Vieira e Fernando Cardoso. Interpretação: Graça dos Santos. Cá e Lá — Groupe de Théâtre. A Barroca/9-10-1987.

O grupo Cá e Lá foi fundado em França, já lá vão oito anos, por um «grupo de jovens, filhos de emigrantes portugueses (que) decidiu utilizar o teatro como meio de expressão», diz-se no programa.

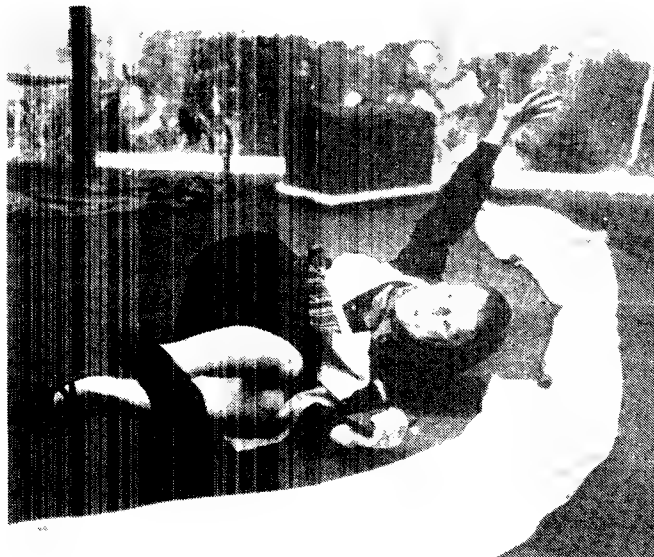
O grupo chegou agora cá, aliás, já cá tinha estado em 1984, e trouxe um espectáculo intitulado «Mulher ao Mar, um monólogo com texto e encenação de Graça dos Santos e Felicidade dos Santos, interpretação de Graça dos Santos, antiga bolseira da Gulbenkian.

Se fôssemos contabilizar tal e qual, os resultados aparentes obtidos destes oito anos de trabalho, não poderíamos deixar de verificar um défice considerável. Mas, num caso como este, não podemos deixar, nessas contas, de ter em conta os factores tão necessários e inultrapassavelmente complicados com que um grupo nas condições deste não pode deixar de esbarrar.

Mesmo assim, no entanto, mesmo descontando esses problemas todos, o espectáculo deixa de ser o que é: um exercício frágil, demasiado frágil, sobre um texto bastante pobre, literária, teatral e sociologicamente pobre, exercício em que apenas o trabalho da intérprete, nitidamente desamparada, justifica alguma atenção.

O teatro é uma arte exigente e as dificuldades que implica se tornam compreensíveis certos falhanços, não o tornam menos exigente.

Neste caso, partiu-se de um projecto que podia ser produtivo — o de uma emigrante que conta a sua vida, com o marido, os filhos, o trabalho, os esforços constantes, os sacrifícios que a vida de uma mulher, nestas condições, sempre implica. Infelizmente, se o projecto, à partida, parecia interessante, os resultados conseguidos é que não responderam a esse interesse.



Graça dos Santos, Grupo Cá e Lá, em «Mulher ao Mar»

Falta aqui o que seria, neste caso, primordial: um texto forte, minimamente denso, minimamente plausível, do qual surgisse uma personagem dramática e humanamente verosímil. Não foi isso o que se passou e portanto o espectáculo dificilmente se aguenta como tal, prejudicado ainda por cima pela sua desnecessária extensão.

Só por momentos, e em especial pela comunicabilidade da

intérprete, somos atingidos por um sopro, mesmo ténue, de vida, ou seja, de teatro. Um teatro que se situa numa zona cinzenta, numa terra de ninguém, entre lá e cá.

P.S. — Graça dos Santos publicou no último número da conhecida revista «Théâtre Public» do Centre National de Gennevilliers, um interessante artigo sobre teatro português.

Espaço da cidade

CIDADE REI. Poemas de Carlos Eurico da Costa, Carlos Queiroz e Bertolt Brecht.

Encenação/Coreografia: Águeda Sena. Música: Quinto-in-Sensus. Voz e fonética: Maria João Serrão. Interpretação: Ofélia Cardoso (bailarina), António Fontinha, Júlio Martín, João Simões, Cristina Paixão, Maria Terra, Ana Gaspar e Águeda Sena, Grupo Teatro Espaço/Cisterna da ESBAL. 10/10/87.

Dos espectáculos que vi do Teatro Espaço, dirigido por Águeda Sena, este pareceu-me o mais interessante: neste caso a articulação entre várias formas teatrais, incluindo a dança como expressão dramática, funciona bastante bem, e o espectáculo surgiu comunicativo e suficientemente cativante.

Em primeiro lugar, pelo espaço proposto desta vez: a cisterna da Escola Superior de Belas-Artes, onde nunca estive, é um desses lugares mágicos onde não podem deixar de acontecer coisas.

Aconteceu, neste caso, um

jogo teatral que vive alguma coisa do texto, um poema excelente de Carlos Eurico da Costa, um outro de Carlos Queiroz (mas havia necessidade de destruir pelo burlesco um tão bonito poema como «A Boneca?»), e um outro de Bertolt Brecht, talvez teatralmente o mais explorado.

O que se pretendeu, parece-me, não foi ilustrar pleonasticamente os poemas, mas tecer à volta deles várias propostas de sentido, de significados, utilizando outros meios, como a expressão dramática, a dança. Esse propósito foi mais nítido em re-

lação ao poema de Bertolt Brecht, que permitiu um jogo pluridisciplinar mais rico e elaborado (apesar de os diapositivos projectadores serem escassos).

Se a inclusão no elenco do grupo de uma bailarina, Ofélia Cardoso (da Oficina Coreográfica de Ruben Marks), ajudou naturalmente a descoberta de uma linguagem e de um ritmo próprios, o que mais surpreendeu, no entanto, foi a maneira como os jovens actores e as jovens actrizes, saídas da Escola de Teatro do CN, conseguiram exprimir-se corporalmente através de uma coreografia simples, mas que exigia um mínimo de gramática, de técnica. Se não se tratou de um trabalho sem deficiências (tenha-se presente o facto de se tratar de comediantes que dançam não de dançarinos a representar), nem por isso o trabalho do Teatro Espaço deixou de revelar um esforço persistente ao nível da preparação corporal,

gestual, de movimento e de ritmo.

Além dos elementos citados, não se pode esquecer que o carácter teatral do espectáculo também lhe foi conferido pela utilização de fatos, pela composição das personagens (incluindo travestis), pelo uso de máscaras da Indonésia. O último elemento a referir, mas não o menos importante, é a música do grupo Quinto-in-Sensus e de Mike Oldfield.

Mas foi nos intérpretes que Águeda Sena encontrou os instrumentos criativos que lhe permitiram atingir a qualidade do espectáculo. Uma vez mais, Ana Gaspar revelou qualidades de expressão que é justo sublinhar apesar da homogeneidade do conjunto.

«Cidade Rei» portanto: um espectáculo que importa aperfeiçoar (é evidentemente um espectáculo em evolução) e importa mostrar mais vezes para mais espectadores.

Cineclubes: carta dos direitos do público

Representantes de cineclubes de 25 países subscreveram uma «carta dos direitos do público» na qual se defende que os espectadores de obras audiovisuais se organizem autonomamente e que as suas organizações sejam reconhecidas pelos poderes públicos.

O texto da carta — divulgado há dias pela Federação Portuguesa de Cineclubes, um dos seus

subscritores — alerta contra o perigo de «uma desumanização completa da comunicação», derivada das novas tecnologias audiovisuais, que devem antes promover «um desenvolvimento geral das faculdades criativas».

A «carta dos direitos do público» foi adoptada em Setembro na cidade checoslovaca de Tabor num encontro da Federação In-

ternacional de Cineclubes, que reuniu organizações de 25 países, entre os quais Portugal.

«Para sensibilizar o maior número possível de pessoas para os novos modos de expressão audiovisual, as associações de espectadores devem poder dispor de meios e lugares postos à sua disposição pelos poderes públicos», diz um dos dez arti-

gos da Carta.

«Público, autores e obras não poderão ser utilizados sem seu conhecimento com fins de proselitismo comercial, político ou outro. Em caso de abusos, as organizações de espectadores terão o direito de exigir reparações», propõe o texto.

A carta repudia ainda «toda a forma de censura».

«Daisy» em Paris

Uma adaptação teatral do livro «Daisy — um filme para Fernando Pessoa», de José Saramago, vai ser levada à cena no Teatro Odeon de Paris, a partir de 8 de Março de 88, informou a editora portuguesa responsável pela publicação da obra.

«Daisy» será apresentada no âmbito do ciclo «Teatro na Europa», dirigido por Giorgio Strehler.

DIÁRIO COM PRAÇA DE TOUROS AO FUNDO

Soliloquio

8 de Setembro,
terça-feira

Xavier de Araújo, Viera de São Tomé, estudara na Inglaterra, em Paris tinha recebido a consagração como desportista para quem o espírito contava mais que os resultados. Mas era Lisboa a sua cidade, olha, ali vai o Xavier de Araújo. Ali foi, hoje, pela última vez.

Era negro, e cor não tinha. Estava velho, e o coração não conhecia a idade. Olhávamos seus olhos, e víamos neles olhares de crianças, que patinavam de mãos dadas com ele. Foi esse o longo vagaroso ocaso de sua vida: ensinar às crianças a beleza da patinagem, com a mesma delicadeza com que nos ensinava, aos crescidos, os segredos do «rugby», lá no velho campo do Lumiar: os segredos a gente pode ter esquecido, não o mestre, seu carácter, sua nobreza. E a cultura que tinha, da que não vem nos livros, da que leva à sabedoria pelo caminho da simplicidade.

Licenciado em engenharia, dizem. Mas era o desporto que lhe enchia a vida, da ginástica ao boxe, do críquete ao remo, da natação ao atletismo, sei lá que mais. Não dizia com ele uma profissão exacta, somas, diferenças, números, em que o homem se vai a pouco e pouco des-terrando, para onde já não vê as árvores, o céu, o mar, tão próximos e sem os ver, como um amor tornado costume. Seu ofício era o desporto, o clube era o menos, a vários serviu, e era como se fosse de todos.

Uma manhã de há poucas semanas, percorrendo o Jardim

Zoológico, saudosos dos tempos deslumbrados de menino, e daqueles que, muitos anos depois, vivi à sua beira, fui dar com as obras de um bingó no lugar que era o de patinagem. E foi por ele, pelo Xavier de Araújo, a pena que senti cá dentro. Adivinhei que não tomaria nunca mais a vê-lo chegar, com o andar vagaroso a fazer-se firme, velha árvore que uma brisa inexorável ia inclinando, e ela resistindo a dobrar, com sua copa invisível cheia de pássaros e de sonhos. Que restava, senão morrer, ao maestro que sua última arena perdera?

10 de Setembro,
quinta-feira

Praça de Touros do Campo Pequeno. Touros de Bernardo Fernandez y Martinez para Gustavo Zenkl, Sommer de Andrade, forçados amadores de Évora (cabo João Patinhas), António de Portugal e Alfonso Romero.

Tão acalorado o Setembro, vai a gente para a nocturna em mangas de camisa, curtas ainda por cima, e afinal acaba rapando uma friagem de respeito. E depois, como se a friagem atmosférica fosse pouca, tivemos ainda a friagem que vinha da arena, esta aliás previsível, levada em conta a modéstia do cartaz, e a ignorada duvidosa procedência, que o dito cartaz não referia, dos touros espanhóis do senhor Don Bernardo Fernandez y Martinez. A coisa abriu com o Zenkl e um touro mouro de solenidade, uma solenidade que o louro centauro em vão tentou alegrar com suas

vozes e sorrisos: mas é sabido que, entre dois a alegria só de um não serve quando o outro está triste, às vezes mais triste fica. E em tristeza iria fechar a função, o Alfonso Romero e outro manso, nada de nada, o matador murciano sem poder repetir ao menos um certo pausado repouso que exibira no terceiro, a dar ideia do toureiro que talvez pudesse ter sido, e não foi, e já não será, agora, quando leva quinze anos de alternativa e continua sem contratos, perdido de vista o horizonte dourado da glória. E entre o primeiro e o último da noite, tivemos o Sommer despachando a ferragem da ordem, e as duas pegadas cumpridoras da gente do Patinhas, e as movimentadas diligências do António de Portugal, e o famigerado intervalo, e além disso ainda tivemos três limpezas completas da arena três, é moda nova, agora no Campo Pequeno as limpezas começam logo a seguir ao primeiro touro, vem o tractor alisar o pavimento, e com o escrúpulo que não deixa um bocadinho com rugas, não sei se há alguma praça do mundo onde aconteça tamanho apuro, eu por mim desconheço, caramba, nalguma coisa a praça do Campo Pequeno havia de ser a primeira do plane-ta.

11 de Setembro,
sexta-feira

Esta manhã telefonou-me o major José Henriques, aficionado até à medula, que foi meu companheiro no «paulismo», e depois se transferiu para as hostes de Paco Ojeda, com o seu temperamento apaixonado, que se sente ao ler as suas críticas

(escreve para o «Novo Burladeiro»), mas principalmente ao ouvi-lo: a paixão pela Festa saltava das palavras, dos olhos, dos gestos. O major Henriques tinha lido no «Diário de Notícias» um artigo do doutor António Maria Pereira a propósito da questão dos picadores; e estava escandalizado até à quinta casa. Compreendi a posição do major, sua condição de militar no activo sem lhe permitir o desabafo público, escrever tudo o que lhe ia na alma, usar a propósito do artigo e do seu autor esses adjectivos irremediáveis que lhe vinham à boca para classificar um doutor armado em defensor dos cavalos, agora que nas arenas são mais os toureiros feridos do que os equídeos. Tentei descansar o major Henriques, como era aliás minha vontade, e obrigação, devida a suas atenções, ainda no ano passado me dedicou uma crítica que publicou sobre uma actualização de Paula em Sevilha. Disse-lhe que não conhecia o artigo do doutor Pereira, que ontem no Campo Pequeno o doutor Fernando Teixeira e o Saraiva Mendes já me tinham falado nele, iam dar as suas competentes respostas no «Semanário» e no «Popular», eu até achara que não valia a pena dar cavalaria ao doutor, em todo o caso prometi ao major Henriques, considerada a sua veemência, que iria ler o palavreado. Já o tenho aqui, a toda a largura de uma página do «Diário de Notícias», e página ímpar, que sempre dá outro realce ao sugestivo título, «Touros, picadores e valores europeus». A prosa é realmente um mimo, recheada de considerações de ordem ética e até de actualidade política, exorta a auto-

riedade do Estado, que agora tem condições para ser exercida, a usar essas condições para acabar com touradas e picadores; e o doutor Pereira emprega nessa exortação expressões convincentes, «brutalidade», «barbárie», «degradação moral do ser humano que assiste e, quando não se indigna, é porque o seu sadismo ancestral não ficou satisfeito, sadismo que bem se reflecte no grito bárbaro que em Espanha costuma acompanhar o derrube do cavalo pelo touro, abrindo-lhe o ventre e tornando-o inútil, 'Más caballos' Más caballos!'. Bem dizia eu que não valia a pena resposta. Mesmo para os seres humanos dotados, como nós, de sadismo ancestral, a credibilidade do doutor Pereira fica consideravelmente reduzida quando verificamos que ele introduz na sua prosa argumentos falsos, como o dessa imagem do «Más caballos!» que há umas dezenas de anos desapareceu das praças espanholas. Num gesto de boa vontade, concedamos ao doutor Pereira o benefício da dúvida, admitamos que a mentira não tenha sido deliberada, apenas proferida na ressaca de um pesadelo provocado pela leitura dos «Touros de muerte» do Wenceslau Fernandez Florez. A menos que o doutor Pereira seja simplesmente um brincalhão, que gosta de chuchar com a tropa. E aí sim, o major Henriques teria razão para se ofender.

14 de Setembro,
segunda-feira

A página de touros do «El País» traz hoje dois títulos gordos, e ambos nos dizem respeito.

O primeiro, «Preciosos novillos portugueses», refere-se à corrida de novillos na Monumental de Madrid, em que o curro de Branco Núncio mereceu, também no comportamento, aquilo que a luminosa pena de Joaquim Vidal escreve da sua presença: «Nada más aparecerem por el chi- quero, a la afición le entraba mal de amores. La afición madrileña tiene su corazoncito, y cuando sale ganado así de hastifino, así de guapo, así de precioso, es que se enamora.»

O outro título, relativo à corrida de ontem da Feira de Albacete, é de uma só palavra: «Autenticidad». E aplica-se aos touros alentejanos de Murteira Grave, «altos de aguias, enmorrillados, badanudos e con cuajo».

Como se isto fosse pouco, acontece que, da recente Feira de Linares (quarenta anos depois, sempre a lembrança de Manolete), o prémio de bravura acaba de ser concedido a um touro Palha; e sucedeu também que, na corrida do último dia 30, em Barcelona, deram brado os touros dos herdeiros do Conde de Murça, com o maior a saudar no meio da arena após a morte do quarto da tarde, e os ganaderos a darem a volta à arena depois de arrastado o touro que fechou praça.

Não sendo os espanhóis uns praticantes fervorosos do adágio de que «a galinha da minha vizinha é sempre melhor do que a minha», a conclusão a tirar é de que temos ganadarias onde continua a haver escrúpulo e afición — duas virtudes que talvez sejam, por sobre tanta ciência veterinária, o remédio para que os touros não se caíam antes da sua hora final, que só assim merece ser chamada de verdade.

Prémio Luís Almeida Braga: 500 contos a dividir por 4

O «Prémio Luís de Almeida Braga», instituído por seus filhos para comemorar o centenário do nascimento daquele pensador português — que passará no próximo dia 20 de Novembro — acaba de ser atribuído ao trabalho «A Filosofia Política no Integralismo Lusitano», da autoria de José António Cunha, Luís Manuel Bernardo, Maria

Nazaré Barros e Mendo Castro Henriques.

O acto da entrega deste prémio, no valor de 500 mil escudos, está marcado para o dia 23 do próximo mês, no auditório 3 da Fundação Gulbenkian, às 16 horas.

O júri, que era presidido pelo dr. Aníbal Pinto de Castro e constituído pelo es-

critor Luís Forjaz Trigueiros e eng. António de Sousa

Cardoso, fundamentou a escolha entre as cinco obras concorrentes, por unanimidade, pela «sua fundamentação, profundidade, estrutura e forma». O «Prémio Luís Almeida Braga» distingue uma obra subordinada ao tema «Integralismo Lusitano».

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

**POR EXIGÊNCIA DO PÚBLICO
DE NOVO EM CENA**

DE 3.ª A SÁBADO ÀS 21.30
SÁBADO E DOMINGO ÀS 16

**GUERRAS
DO ALECRIM
E MANJERONA**

DE ANTÓNIO JOSÉ DA SILVA «O JUDEU»

ENCENAÇÃO **CARLOS AVILEZ**

Com: CARLOS PIMENTA - JOÃO DE CARVALHO - MANUEL COELHO - PAULA MORA - CATARINA AVELAR - SÃO JOSÉ LAPA - FERNANDA BORSATTI - ANTÓNIO ANJOS - VÍTOR RIBEIRO - VÍTOR TELLES e AFONSO DE MELO.

**ESPECTÁCULOS NÃO ACONSELHÁVEIS A M. 12 ANOS
DESCANSO DA COMPANHIA À 2.ª FEIRA TEL. 32 2210**

**SALA GIL VICENTE
1.ª MOSTRA DE ARTES E IDEIAS**

Dia 22 (5.ª feira) às 21.45 - RECITAL DE POESIA
Dia 24 (sábado) às 21.45 - «HOMEM & C.» de Manuel Grangeiro Crespo, pelo Grupo «AQUÍLO» da Guarda

TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA DA MARINHA
GRANDE

ANÚNCIO

FAZ-SE SABER que no dia 16 do próximo mês de Novembro pelas 14 horas, à porta deste Tribunal Judicial, nos autos de Execução Sumária n.º 141/83 da 3.ª Secção, que Mário Ramalho, Ld.ª move contra J. CLAUDIO, Ld.ª, com sede na Avenida Vitor Gato, n.º 72 - 1.º esquerdo, Marinha Grande e FERNANDO DE JESUS SOUSA BERNANDES, casado, industrial, com residência profissional na morada anterior, há-de ser postos em praça pela primeira vez, para se arrematarem ao maior lance oferecido acima do valor indicado no processo, os seguintes bens penhorados àquele executado:

- O direito ao arrendamento e trespasso do escritório comercial sito na Avenida do Vidreiro, n.º 72, 1.º esquerdo, nesta vila;
- Um fotocopiador de marca «Minolta» EP 310, em razoável estado de conservação;
- Uma secretária com cerca de dois metros de comprimento, com quatro gavetas inox;
- Uma estante composta por três elementos, com seis prateleiras em «Dexion», em bom estado de conservação;
- Uma estante em metal com portas de vidro, de marca «Foc», com três prateleiras, em bom estado de conservação;
- Uma estante em madeira e cinco cadeira almofadadas, quatro delas com rodas.

Marinha Grande, 16 de Outubro de 1987

O Juiz de Direito
a) Leonel Gentil Marado Seródio

O Escrivão de Direito
a) Amílcar do Nascimento Costa

DL 22/10/1987 - 1.ª Pub.

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA

3.ª PRODUÇÃO
ÉPOCA 86/87

PR. ESPANHA - T 726 08 18

TERÇA
A
SÁBADO
AS 21.30 H
DOMINGO
17 H

* VEJA
TEATRO
A PREÇOS
REDUZIDOS
* TERÇA
* QUARTA
* E QUINTA
PREÇO
UNICO:
* 200.00



**“OS DOIS
CORCUNDAS
E A LUA”**

3.ª MÊS
Texto
RICHARD DEMARCY
Encenação
JOÃO MOTA

DOMINGOS MORAIS • J. PEDRO CAIADO

«... um espectáculo sublime, como o próprio texto... inesquecível.»

Carlos Porto «Diário de Lisboa»

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

OS INTOCÁVEIS

(maiores 16 anos)

14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2

FORÇA DELTA

(maiores 16 anos)

14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

QUE SORTE DANADA

(maiores 16 anos)

14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 4

O QUARTO PROTOCOLO

(maiores 12 anos)

14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

JAMES BOND 007 -

RISCO IMEDIATO

(maiores 12 anos)

14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 1

OS INTOCÁVEIS

(maiores 16 anos)

14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

Amoreiras 2

JAMES BOND 007 -

RISCO IMEDIATO

(maiores 12 anos)

14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3

HUMILHAÇÃO

(maiores 18 anos)

13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 4

O SEGREDO DO MEU SU-

CESSO

(maiores 12 anos)

14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 5

O NAVIO

(maiores 6 anos)

14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 6

FULL METAL JACKET

(NASCIDO PARA MATAR)

(maiores 16 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00 h

Apolo 70

REGRESSO A BOUNTIFUL

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Ávila

— T. 539930

LA BAMBA

(maiores 12 anos)

15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis

— T. 547163

ENCERRADO

Berna

— T. 776098

OS INTOCÁVEIS

(maiores 16 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h



Uma cena do filme «O Sacrifício» realizado por André Tarkovski, distinguido com o prémio especial do júri e o prémio ecuménico pela visão poética de um mundo ameaçado, no Festival de Cannes. Em exibição no cinema Quarteto.

Capitólio

— T. 372358

DEBOCHE TOTAL

(Inf. m. 18 anos)

15.15, 17.30, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

T. 530194

CLUBE DA MEIA-NOITE

— VAMP

(maiores 16 anos)

15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinebolso

QUADROS VIVOS

(Inf. m. 18 anos)

12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 h

Cine Camões

T. 324194

SHOLIN NAS PORTAS DO

INFERNO

(n/acons. m. 13 anos)

14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222

— T. 579460

VOANDO SOBRE UM

NINHO DE CUCOS

(n/acons. m. 16 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

O INDOMÁVEL REBELDE

(n/acons. men. 18 anos)

24.00 h

Cine Portela

— T. 9434773

ARMA MORTIFERA

(maiores 16 anos)

16.00 e 21.45 h

Estúdio Shara

PREDADOR

(maiores 16 anos)

15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

É DIFÍCIL DIZER ADEUS

(maiores 12 anos)

14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Condes

— T. 322523

O PREDADOR

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

O INVENCÍVEL

(maiores 16 anos)

14.00, 16.30, 19.30 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

NOVE SEMANAS E MEIA

(maiores 18 anos)

14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

SUPERMAN III

(n/acons. m. 6 anos)

15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

LA BAMBA

(maiores 12 anos)

15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

A COSTA DO MOSQUITO

(maiores 12 anos)

14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

O SEGREDO DO MEU

SUCESSO

(maiores 12 anos)

14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

O INVENCÍVEL

(maiores 16 anos)

14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Gemini

— T. 734009

O ÚLTIMO COMBOIO DO

KATANGA

(n/acons. m. 18 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 806847

PREDADOR

(maiores 16 anos)

14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 24.00 h

SELVAGEM E PERIGOSA

(maiores 12 anos)

14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Império

— T. 555134

LAWRECE DA ARÁBIA

(maiores 10 anos)

14.30, 18.00 e 21.15 h

Las Vegas

— T. 631162

O PREDADOR

(maiores 6 anos)

15.15, 18.30 e 21.30 h

OS DIAS DA RÁDIO

(maiores 6 anos)

15.30, 18.45 e 21.45 h

Londres

— T. 801313

OS DIAS DA RÁDIO

(maiores 6 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

OS INTOCÁVEIS

(maiores 16 anos)

13.45, 16.15, 18.45 e 21.30 h

BLUE VELVET -

VELUDO AZUL

(maiores 16 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

OSM AVENTUREIROS

DO FIM DO MUNDO

(maiores 6 anos)

23.45 h

Sala 4

O SACRIFICIO

(maiores 12 anos)

15.00, 18.45 e 21.30 h

O SOLDADO

(n/acons. m. 18 anos)

24.00 h

Roma

T. 889192

MANOBRAS PRIVADAS

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy

T. 548560

MANOBRAS PERIGOSAS

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

Sala 1

OS INTOCÁVEIS

(maiores 16 anos)

15.15, 18.15 e 21.15 h

Sala 2

FULL METAL JACKET

(maiores 16 anos)

14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Nimas

— T. 574362

JARDINS DE PEDRA

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

FREIRAS PERVERSAS

(maiores 18 anos)

14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olímpia

ACADEMIA DE

DEVASSAS

A partir das 14 horas

Sessões contínuas

(Inf. men. 18 anos)

Pathé

— T. 821933

VOANDO SOBRE UM

NINHO DE CUCOS

(maiores 16 anos)

14.00 e 16.30 h

Politeama

T. 326305

A SELVA DE JADE

(maiores 18 anos)

14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

Sala 1

REGRESSO A BOUNTIFUL

(maiores 12 anos)

14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

O TUBARÃO

(n/acons. m. 18 anos)

23.30 h

Sala 2

JARDINS DE PEDRA

(maiores 12 anos)

14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

SAHARA

(maiores 6 anos)

23.45 h

Sala 3

MELO

(maiores 16 anos)

14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cinetatro

— «O Vingador Solitário», às 21.30 h (maiores 16 anos).

AMADORA — Cinestúdio

— «Os Dias da Rádio», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos).

AMADORA — Babilónia

— «La Bamba», às 15.15, 18.15 e 21.30 h (maiores 12 anos).

ALGUEIRÃO — Cine Tea-

tro Chaby — «Os três Mundos de Momo», às 21.30 h (maiores 6 anos).

CACÉM — Cinestúdio Flores

— «O Segredo do Meu Sucesso», (maiores 12 anos).

MEM MARTINS — Estú-

dio Dois Eme — «Três Amigos», às 21.30 h (maiores 6 anos).

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril

— «Piratas», às 17.00 e 21.15 h (maiores 12 anos).

ALGÉS — Cinema 2000

— «Força Delta», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

LINDA-A-VELHA — Cine-

tropical — «Platoon - Os Bravos do Pelotão», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos).

OEIRAS — Alto da Barra

— Sala 1 — «Histórias de um Quotidiano», às 15.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h (maiores 12 anos).

Sala 2 — «Jake Speed, o

Vingador», às 15.30, 19.00,

21.45 e 24.00 h

CARCAVELOS — Atlânti-

da Cine — «007 — Risco Imediato», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

CASCAIS — Miramar

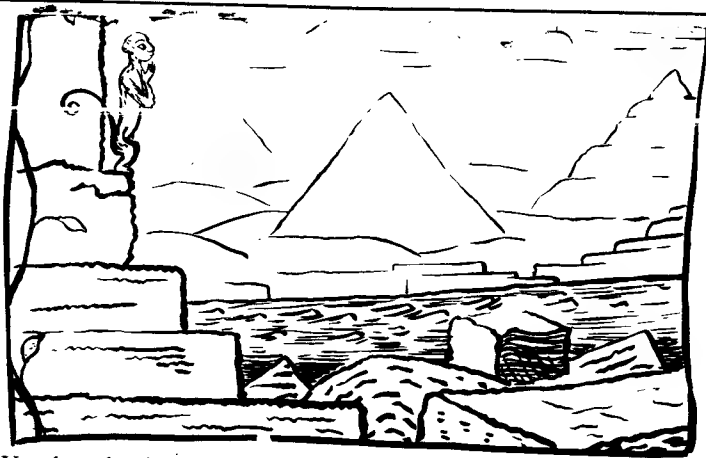
DUAS EXPOSIÇÕES NA DIFERENÇA

Até ao próximo dia 8 de Novembro, a Galeria Diferença (R. S. Filipe Nery, 42) tem patentes duas exposições, de terça a sexta das 15 às 20 e aos sábados e domingos das 16 às 19 horas. São seus autores Manuel João Vieira (desenho e pintura) e Chris Gillis (trabalhos gráficos).

Manuel João Vieira, que realiza agora a sua primeira exposição individual, participa simultaneamente na II Bienal Jovem em Barcelona, fazendo ainda parte do grupo «Ho-

meostéricos», tendo participado em todas as exposições deste grupo, desde 1983.

Na sala branca (1º andar) da Galeria Diferença, encontra-se a exposição de trabalhos gráficos em litografia, linóleo e guache, de Chris Gillis. Esta artista (belga, licenciada em Gravura pela Academia de Belas-Artes de Antuérpia e bolsista da cooperação luso-belga para a Cultura, na ESBAL em 1986/7) realizou anteriormente três exposições na Bélgica, duas em Antuérpia e uma em Beveren.



Um desenho de Manuel João Vieira

EXPOSIÇÕES

GALERIA MONUMENTAL (Campo dos Mártires da Pátria, 101): até 10 de Novembro, duas exposições individuais de pintura, de José António Cardoso e Manuel San Payo (1ª e 2ª sala, respectivamente), de terça a domingo das 15 às 20.

Esta noite às 21,30, na inauguração, actuação da banda «Croix Sainte». **ARTE MIXTA** (R. S. Domingos à Lapa, 6): exposição de pintura e escultura intitulada «Oceano Atlântico» com trabalhos dos artistas António Matos, António Quina, Isabel Augusta, Jasmim, Luís Cruz, Luísa Correia Pereira, Mateus, Pedro Homem de Melo e Teresa Silva.

GULBENKIAN (zona dos congressos): arte textil argentina, uma exposição de 30 tapeçarias das grandes artistas argentinas Silke, Beatriz Bongliani e Iulta Maria de Las Manos. Iniciativa da Fundação Gulbenkian com a colaboração da Embaixada Argentina em Lisboa.

GULBENKIAN (sala de exposições temporárias): às 18,30, visita guiada por Sílvia Chicó à exposição de Murilo Mendes.

HOSPITAL DE SANTA MARIA (sala de exposições da AE, bloco central piso 01): exposição de pintura de Paulo Simões (médico e pintor). Patente até 30 de Outubro.

GALERIA TAPEÇARIAS DE PORTALEGRE (R. Academia das Ciências, 2-J-Lisboa): tapeçarias sob cartões de Almada, Botelho, Cargaleiro, Costa Pinheiro, Cruzeiro Seixas, Le Corbusier, Lourdes Castro, Menez, Pomar, Tom Philips e Vieira da Silva. Em exposição temporária, esculturas de José Pedro Croft, José Rodrigues e Zulmiro de Carvalho.

FORUM VISEU: exposição de gravura da polaca Ewa Satalecka, «De um extremo ao outro - Viseu, Katowice». É a primeira mostra em Portugal desta artista, representante da inovadora e célebre escola de gravura polaca e já apresentada numa das mais importantes e selectivas galerias do mundo - a Tate Gallery. Patente até 8 de Novembro, de terça a domingo das 10 às 12,30 e das 14 às 17.

GALERIA DO PÁTEO ALFACINHA:

inauguração da nova temporada desta Galeria de Arte, agora orientada pelo dr. Silva Santos, com uma mostra de Pintura de Francisco Gaia. Patente até 29 de Outubro, das 15 às 22.

SNBA (R. Barata Salgueiro, 36): exposição dos protótipos do concurso «Jovem Designer 87».

GALERIA

ALMADARTE (Shopping Center Marimar-Costa de Caparica): duas exposições até 31 de Outubro: uma colectiva de pintura, escultura, cerâmica, tapeçaria, colagem e serigrafia com trabalhos de Louro Artur, Cargaleiro, Ana Palacin, Artur Bual, Francisco Almada, Francisco Simões, Jorge Pé-Curto, Maria Viana, Rico Sequeira, Ribeiro Farinha, Hogan, António Carmo, José Azevedo, Rogério Amaral, Álvaro Perdigão, Kira, Agostinho Nogueira Lopes, Rui Matos, Francisco Nunes Oliveira, Katy e José Guimarães; uma exposição individual (pintura) de Rui Viana. Estas mostras podem ser visitadas às sextas, sábados e domingos das 15 às 22 horas.

GALERIA NOVO SÉCULO (R. do Século, 23-A): até 31 de Outubro, de terça a sábado das 14 às 20, uma exposição de esculturas (ardósias de Valongo) da autoria de Luís Cruz.

GALERIA NEUPERGAMA (Torres Novas): pintura de Carlos Carreiro, Lima de Freitas, Noronha da Costa e Rogério Amaral. Até 2 de Novembro, de segunda a sexta das 14 às 20, sábados das 10 às 13 e das 16 às 18.

GALERIA MUNICIPAL DO MONTEJO: Exposição II Prémio de Artes Visuais da Cidade do Montijo. Até 25 de Outubro, de terça a domingo das 15 às 21 horas.

GALERIA BERTRAND DO CHIADO: exposição de Pintura de Marcos Duprat.

GALERIA DO RESTAURANTE ESCORIAL (R. das Portas de Santo Antão, 47): pintura de Luís Aniceto, até final de Novembro, todos os dias das 15 às 22.

MUSEU JOSÉ MALHOA (Caldas da Rainha): em colaboração com a Fundação Gulbenkian, a exposição comemorativa do centenário do escultor Delfim Maya.

GALERIA MUNICIPAL DA AMADORA: integrada nas comemorações do 8º aniversário do município, a exposição «Amadora e os Caminhos de Ferro». Patente até 8 de Novembro diariamente das 15 às 23.

MÓDULO - Centro Difusor de Arte (Av. da Boavista no Porto e Av. António Augusto de Aguiar em Lisboa): exposição «Situação III», em simultâneo nas duas cidades, sub-intitulada «Demogorgon», que reúne trabalhos dos pintores António Marques, Carlos Augusto Ribeiro, Gil Heitor Cortesão, João Jacinto, Marta Wengorovius, Patrícia Garrido, Pedro Casqueiro e Pedro Portugal. As exposições de Lisboa e do Porto estarão patentes até 10 de Novembro, todos os dias das 16 às 20, excepto domingos e feriados.

BIBLIOTECA MUNICIPAL DO BARREIRO: até 31 de Outubro, uma exposição sobre a vida e obra de Manuel Cabanas. No âmbito desta exposição será editado um catálogo com a biografia desta figura prestigiada. Manuel Cabanas, um artista residente no Barreiro há várias décadas, foi já agraciado com a mais alta condecoração do município, a Medalha «Barreiro Reconhecido» na área de Artes e Letras, em 1983.

MUSEU DA MARINHA (sala de exposições temporárias): exposição fotográfica «Do Atlântico ao Pacífico», da autoria do publicista Vasco Calixto.

GALERIA DO CASINO ESTORIL: até 27 de Outubro, uma exposição de Thomaz de Mello/Tom, intitulada «De Luanda ao Cais do Sodré com paragem na Bahia». Patente todos os dias das 15 às 24.

ALTAMIRA (R. Filipe Folque, 48-A): exposição «A Galeria Nasoni na Altamira» com obras de Albuquerque Mendes, Armando Alves, Arpad Szenes, Darocha, Domingos Pinho, Gerardo

Burmester, Joaquim Rodrigo, Jorge Pinheiro, José de Guimarães, Júlio Resende, Maria José Aguiar, Mário Américo, Pedro Tudela, Rui Aguiar e Vieira da Silva. Até 11 de Novembro, de segunda a sábado das 10 às 19.

TRIANGULO 48 (Av. D. Vasco da Gama, 48-A): Pintura de Jorge Freire até 5 de Novembro, de segunda a sexta das 14 às 20, sábados das 10 às 13.

GALERIA QUADRAM (R. Alberto de Oliveira, 52-Alvalade): escultura de Luís Newparth até 7 de Novembro, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19, sábados das 15 às 19.

BIBLIOTECA NACIONAL (Campo Grande, 83): exposição sobre o matemático e poeta José Anastácio da Cunha (1744-1787), no bicentenário da sua morte, organizada pela Biblioteca Nacional e pela Comissão de Lisboa de Homenagem. Patente de segunda a sexta das 10 às 17, até 13 de Novembro.

GALERIA DA VOZ DO OPERÁRIO (R. da Voz do Operário, 13): colectiva de A. Folgado, A. Castilho, Pedro Monteiro e José Mougá (desenho e pintura), até 30 de Outubro das 10 às 19, sábados das 15 às 19.

GALERIA HOLLY (Largo da Trindade, 17): até 31 de Outubro, exposição de desenhos «Homenagem de João Cutileiro a Isac Holly». Patente às segundas-feiras das 15 às 19,30, de terça a sábado das 10 às 13 e das 15 às 19,30.

ESPAÇO POLIGRUPO/RENASCENÇA (R. Ivens, 14): exposição de pintura de Paulo Cardoso intitulada «A Terra Vista do Sétimo Céu».

GALERIA ALMADA NEGREIROS (Av. da República, 16): «Pintura Maneirista» do Museu Nacional Machado de Castro de Coimbra.

GALERIA DE COLARES: inauguração deste novo espaço (R. Fria, 2-Colares) com uma exposição de Bernardo Marques, subordinada ao título «A entrega de um Olhar». Patente até 15 de Novembro, de sexta a domingo das 15 às 20.

CLUBE CINQUENTA (R. S. Mamede ao Caldas,

9-1º): escultura de Nelson Cardoso, subordinada ao tema «Gatos». Até 4 de Novembro, de terça a sexta das 17 às 20, sábados das 15 às 20.

JUNTA DE FREGUESIA DE SANTIAGO (Lisboa): até 30 de Outubro, exposição e pintura de Júlio, um jovem morador da freguesia. Patente aos sábados das 13 às 18 e terças e sextas das 20 às 22.

TEATRO

NACIONAL D. MARIA II: I Mostra Portuguesa de Artes e Ideias - Sala Gil Vicente às 21,45, recital de poesia; às 16,30 no **Forum Picoas** (auditório 2) Cinema; ainda no **Forum Picoas** (sala nobre) às 18,30 um debate sobre «Escola-tempo perdido» com a participação de Santana Castilho, Maria João Boleu Tomé, Paulo Reis da Silva e Duarte Ivo Cruz.

TEATRO ABC (Parque Mayer): a revista «Lisboa Tejo e Tudo», em cena neste teatro há 15 meses, atinge hoje, na 2ª sessão, as 800 representações, considerado «recorde absoluto neste tipo de espectáculo. Rcorde-se que o elenco é constituído por Carlos Miguel, Natalina José, Mariema, Vera Mónica, Camacho Costa, Carlos Areia e Paulo César, entre outros.

MÚSICA

GULBENKIAN (grande auditório): às 21,30 um concerto da Orquestra Gulbenkian dirigida pelo maestro Karl Anton Rickenbacher e em que actuará como solista a soprano alemã Edda Moser (interpretadas obras de Beethoven e Mozart). Este concerto será repetido amanhã, com o mesmo programa e no mesmo local, às 18,30.

CINEMA

CINEMATECA PORTUGUESA: às 18,30 «Ciclo de Cinema Chinês» com «Zhufu»/1956 (O Sacrifício do Ano Novo), de Sang Hu - legendado em francês; às 21,30 «La Habanera»/1937 (O Veneno dos Trópicos) de Detlef Sierk - legendado em inglês.

ESPECTACULAR

Acontecimento marcante dos últimos tempos na televisão portuguesa foi aquela emissão das marionetas de S. Lourenço, nesse território onde se dão as mãos o fantástico e o usual, a inteligência e o imediato, o entendimento e o divertimento. A isto se deve chamar, sem atentado ao pernóstico, um programa cultural.

Andou bem a televisão ao dar-nos as marionetas? Pois isso nem se discute. Que não o faça mais vezes, é o seu crime. Melhor dizendo: um dos seus crimes... Porque dar as marionetas de S. Lourenço, é bom — mas dá-lo à meia-noite? Ao fim de um longo serão?

A amar também se ensina, nisso acredito eu principalmente e nem vale a pena haver televisão se não se acredita nisso. Mas a amar ensina-se a quem está acordado, que serão poucos, e não a quem dorme, que são muitos.

José Mirandum



MÉDICO
DE
URGÊNCIA



76 61 71
76 61 78
76 61 79

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE
— **ALTO DO PINA:** Eusil, R. Barão de Sabrosa, 104 (T. 841912); **ALTO DE SANTO AMARO - RIO SECO:** Dilema, R. Aliança Operária, 49-A-B (T. 636620); **ALVALADE:** Roma, Av. de Roma, 85-B (T. 772466); **BAIRRO ALTO:** Labor, R. do Diário de Notícias, 73-83 (T. 323428); **BENFICA - IGREJA - CEMITÉRIO:** Lisboa, R. Cláudio Nunes, 73-A (T. 703393); **CAMPOLIDE:** Imparcial, R. General Taborda, 28-30 (T. 680931); **CHELAS:** Banha, E. de Chelas, 173-175 (T. 382241); **ESTEFÂNIA:** Universal, R. Actor Taborda, 5-7 (T. 544158); **LUMIAR - QUINTA DAS MOURAS:** Matos Viegas, Av. Rainha D. Amélia, 34-B (T. 794174); **MARQUÊS DE POMBAL:** Ribeiro & Castro, R. Braamcamp, 52-C (T. 543409); **MARTIM MONIZ:** Tavares, R. da Palma, 194 (T. 863350); **OLIVAIS SUL:** Higiene, R. Cidade de Vila Cabral, lote 43 (T. 310026); **BRANDOA - AMADORA:** Tavares de Matos, R. Irene Lisboa, lote 108 (T. 993220); **CARNAXIDE:** H. Amaral, Pt. António Boto, 11-A (T. 4104556); **CODIVEL - ODIVELAS:** Nabais Vicente, R. A. lote 19-A, loja E, Urbanização Codivel (T. 9816803); **PONTINHIA:** Pimentel, Az. dos Besouros, lote R-8 (T. 991328).

REFORÇO — AREIRO - APEADEIRO: Chinde, R. Agostinho Lourenço, 6-B (T. 890331); **CAMPO DE OURIQUE:** Castro Fonseca, R. 4 de Infantaria, 28-A (T. 688857); **CAMPO PEQUENO - AVENIDA DE ROMA:** Galeno, Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A (T. 774920); **CARNIDE:** Guimarães Morais, R. Neves Costa, 33-35; **ENCOSTA DO RESTELO - MOINHOS:** Tanara, R. Rodrigo Reinell, 3-A (T. 611814); **IGREJA DE ARROIOS - CHILE:** Oriental de Lisboa, R. Alves Torgo, 2-B (T. 545079); **PAMPULHA - JANELAS VERDES:** Nazário Pinto, R. Presidente Arriaga, 39 (T. 667460); **SÃO SEBASTIÃO:** Sá da Bandeira, R. Marquês de Sá da Bandeira, 36-42 (T. 554672); **SAPADORES:** Branquinho, R. dos Sapadores, 87-89 (T. 842725); **SÉ:** Santa Luzia, R. da Saudade, 2-B (T. 869831); **TIVOLI-RESTAURADORES:** Galénica, R. das Pretas, 12-14 (T. 322588); **BURACA - AMADORA:** Gaspar Pote, R. das Gaíças, lote 16, Bairro Zambujal; **OLIVAL BASTO:** Nova, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO:** Matos, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Silva Júnior, Av. 25 de Abril, 9 (T. 2768030). Permanente; **COVA DA PIEDADE:** Avelar da Silva, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A (T. 3750337). Permanente; **MONTE DE CAPARICA:** Nova, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 22 horas; **COSTA DE CAPARICA:** Chai, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; **ARANJEIRO:** Moderna, R. Dr. António Elvas, 8-A (T. 2290305). Até às 22 horas; **SESIMBRA:** Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO:** J. Consolado, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043127). Até às 19 horas; **BARREIRO:** Mascarenhas Neto, R. D. Francisca

Azambuja (T. 2073207). Permanente; **BAIXA DA BANEIRA:** Aliança, E. Nacional, 178-B (T. 2040302). Até às 19 horas; **CORROIOS:** Lino, Alfarrim, Sesimbra (T. 2232841). Até às 19 horas; **AMORA:** Nobre Guerreiro, R. Dr. Emídio G. Mendes, 314 (T. 2212923). Até às 22 horas; **ALDEIA DE PAIO PIRES:** Central, E. Nacional, 9 (T. 2210365). Até às 22 horas; **MONTIJO:** Higiene, R. José Joaquim Marques, 142 (T. 2310370). Até às 22 horas; **MOITA:** Silva Rocha, P. da República, 16 (T. 2390029). Até às 22 horas; **ALHOS VEDROS:** Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE:** Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 2340100). Até às 19 horas; **SETÚBAL:** Mira, P. Jorge Afonso (T. 20427). Permanente; **Oliveira:** R. da Misericórdia, 10 (T. 22488). Permanente; **Portugal:** R. Camilo Castelo Branco, 134 (T. 23211). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Cabrita, P. de Miraflores, lote 12 (T. 4101486). Permanente; **LINDA-A-VELHA:** Moderna, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 4191235). Até às 19 horas; **TIRES:** Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHES:** Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA:** Luz, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS:** Godinho, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039). Até às 22 horas; **OEIRAS:** Central, R. Conde Ferreira, 29 (T. 2430058). Permanente; **CARCVELO:** Central, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA:** Godinho da Silva, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PARADE:** Mendes Junqueira, R. de Luanda, lote 5 (T. 2477838). Permanente; **SASOIEIROS:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE:** Imani, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA:** Madeira, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA:** Abrantes, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **ESTORIL:** Parque, Arcadas do Parque, 3 (T. 260191). Até às 22 horas; **CASCAIS:** Misericórdia, R. Regimento 19, 41 (T. 280141). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Central, Av. Cardoso Lopes, 25 (T. 4932210). Permanente; **Melo:** P. D. João I, 9-B (T. 4932756). Até às 22 horas; **DAMAIA:** Damaia, P. Alexandre de Gusmão, 9-A (T. 970523). Até às 22 horas; **QUELUZ:** Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A (T. 965849). Permanente; **CAMARATE:** Flores, Av. das Forças Armadas, Vivenda Mor, Catujal (T. 2510850). Até às 19 horas; **CACÉM:** Guerra Rico, Av. dos Bombeiros Voluntários (T. 9244002). Permanente; **MEM MARTINS:** Cristina, Av. Vitorino Nemésio, 14-A (T. 9214820).

Teatro ABC
Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De 3.ª a 6.ª-feira, às 20.30 e 22.45; sábados e feriados, às 16.00, 20.30 e 22.45; domingos, às 16.00 e 21.30

«**LISBOA, TEJO E TUDO**», de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de César de Oliveira.

Maria Matos
Av. Frei Miguel Contreiras, 52 — Tel. 89 70 17 e 36 17 40

De 3.ª a domingo, às 20.30 e 22.45; domingos, às 16.00

«**TOMA LÁ REVISTA**», de Henrique Santana e Francisco Nicholson, com a colaboração de Mário Zambujal. Direcção e criação coreográfica de Magda Cardoso. Direcção e encenação de Francisco Nicholson. Interpretação de Eugénio Salvador, Simone de Oliveira, Francisco Nicholson, Delfina Cruz, Carlos Cunha e Marina Mota.

Teatro Villaret
Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 538586

De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00

«**CRIDA PARA TODO O SERVIÇO**», de Barillet e Grédy. Adaptação e encenação de Armando Cortez.

Cenário de Miguel Sá Fernandes. Interpretação de Flórcia Queirós, Armando Cortez, Manuela Maria, Norberto de Sousa e Alexandra Pereira.

Caixa Económica Operária

R. Voz do Operário, 64. Telef. 875610. De 3.ª a sáb. às 21.30. Dom. às 16
KARTOTEKA, de Tadeusz Rozewicz, pelo Contra Regra. Enc. de Antonino Solmer. Música de Carlos Zingaro.

TEATROS

A Comuna
P. de Espanha — Tel. 726 08 18

Sala principal

De terça a sábado às 21.30. Domingos às 17.00

«**OS DOIS CORCUNDAS E A LUA**», de Richard Demarcy. Enc. João Mota. Interp. Carlos Paulo, Paulo Ferreira, Jorge Loureiro, entre outros. M./6 anos.

Teatro Ginásio
R. Nova da Trindade, 5 — Tel. 32 03 96

De terça a domingo, às 21.00

«**CALDERÓN**», de Pier Paolo Pasolini. Tradução: Mário Feliciano e António Barahona. Encenação: Mário Feliciano. Cenários: José João Freitas, Figurinos: José Gonçalves. Interpretação: António Fonseca, Bibi Perestrelo, Cármen Santos, Fernanda Cardoso, Fernando Oliveira, João Cabral, Jorge Sequerra, Júlia Correia, Luísa Cruz, Marques d'Ared e Teresa Mónica. Últimas representações.

Teatro Nacional D. Maria II
Rossio — Tel. 37 22 46

Rossio, Telef. 372246. De 3.ª a sáb., às 21.30, sáb. e dom. às 16.

GUERRAS DE ALECRIM E MANGERONA, de António José da Silva. Enc. de Carlos Avilez. Int. de Manuel Coelho, João de Carvalho, Carlos Pimenta, S. José Lapa, Catarina Avelar, Paula Mora, Fernanda Borsatti, António Anjos e Vítor Ribeiro.

Porto — Sala Povo Portuense

R. de Camões, 578 — Tel. 28 344

De 3.ª a domingo, às 21.45

«**TIO VÂNIA**», de Anton Tchekov. Pelo Seiva-Trupe. Encenação de Fernando Umana. Interpretação de Júlio Cardoso, Estrela Novais, Alfredo Correia, Glória Férias, Alberto Quaresma e Laura Perry.

Centro de Arte Moderna
R. Nicolau Bettencourt — Tel. 73 43 09

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 11.00

«**CHARCUTERIE FINE**», de François-Louis Tilly. Tradução de Luíza Neto Jorge. Direcção de Jean-Pierre Tallhade. Interpretação de José Carvalho, Fernanda Neves, Luís Castro, Cremilda Gil e F. Pedro Oliveira.

Porto — Sede da Caixa de Pandora

R. de N. Senhora de Fátima

«**O MARINHEIRO**», de Fernando Pessoa. Pela Caixa de Pandora. Encenação de Fernando Costa. Interpretação de Odete Correia, Rosália Rocha e La Salette Alvaro.

Teatro dos Modestos

R. Gonçalo Cristóvão, 190 — Tel. 2 04 12

Dias 1, 2 e 3, às 21.30; dia 4, às 18.00

«**A NOITE DA SENHORA LUCIANA**», de Copi. Por «Os Comediantes». Encenação de Fernanda Lapa. Interpretação de João Cardoso, João Paulo Costa, Rosa Quiroga, Teresa Nunes e Emília Silvestre.

Porto — Teatro do Realejo

Dia 21, às 21.30

«**MULHER AO MAR**», de Graça dos Santos e Felicite dos Santos. Pelo Groupe de Théâtre Cá e Lá. Encenação das autoras. Interpretação de Graça dos Santos.

Porto — Teatro Sá da Bandeira

R. Sá da Bandeira, 108 — Tel. 22 550

De 2.ª a domingo, às 21.30; sábado, às 20.30 e 23.00; domingo, às 16.00 e 21.30

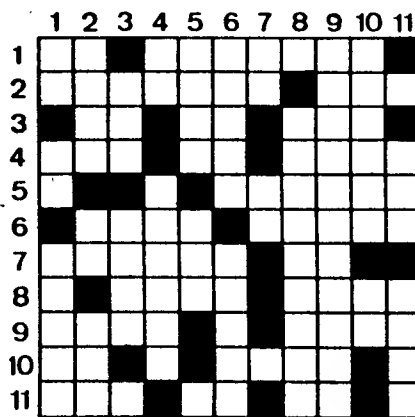
«**AQUI HA FANTASMAS**», de Henrique Santana. Direcção de João Quintão. Interpretação de Henrique Santana, Rita Ribeiro, Helena Matos, Henrique Santos e Carlos Quintas.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º

HORIZONTAIS:

- Artigo definido. Sentinelas.
- Avermelhados. Pronome pessoal.
- Ruim. Sufixo que designa estado. Lírio.
- Rio de Portugal. Isolado. Uma das partes do Mundo.
- Mulheres que foram canonizadas.
- Projéctil. Casualidade.
- Moveis os remos. Viração.
- Rogai. Triturar (inv).
- Palmeira da Amazônia. Solução.
- Níquel (s.q.). Mediano.
- Sufixo que designa abundância. Boro (s.q.). Abreviatura de Santíssimo.



VERTICAIS:

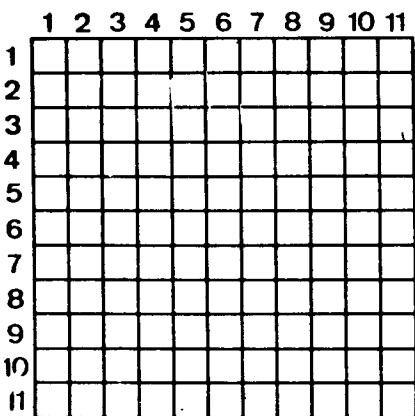
- Brisa. Compaixão. Estado que tem por soberano um rei.
- Adição. Berilo (s.q.). Suspiros.
- Sadio. Grande afeição.
- Gálio (s.q.). Transparentes.
- Graúdos. Camareira.
- Gorgulhos tropicais. Tremor de terra.
- Reis. Autores. Conjunção.
- Arrojadas.
- Alcançaremos com a vista.
- Pessoas muito parecidas com as outras. Abreviatura que se usa em música.
- Guarnição de asas. Receio.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º

HORIZONTAIS:

- Manto rico dos antigos, seguro por um broche ao pescoço ou sobre o ombro direito. Rio do Estado do Paraná.
- Cadavéricos. Espécie de mangueira do Gabão.
- Amantes. O mesmo que alime.
- Regulasse as doses de.
- Ressom. Germe (fig).
- Autoridade honorária, no Candomblé, para as despesas do qual concorre, tomando-as, não raro, totalmente para si. Nota musical. Níquel (s.q.).
- Acrecentar. Pêlo de certos animais. Apelido.
- Pua. Arruinei.
- Antes de Cristo. Cruel. Cidade da antiga Caldeia.
- Tiraras uma carta do baralho no jogo da busca. Vê.
- Irmão de Moisés. Habitas.



VERTICAIS:

- Cidade industrial da Checoslováquia. Saliva viscosa que corre da boca.
- Lodo. Apelido.
- Alcançado com a vista. Senhor.
- Partir em migalhas. Cento e um em romano (inv). Cálcio (s.q.).
- Velho. Batráquio. Preposição e artigo.
- Sobreceú (fig). Crómio (s.q.).
- Peritencas. Meteram em mala.
- Uso demasiado.
- Cidade de Inglaterra.
- Rio da Sibéria. Rio da Polónia.
- Nome de fruto. Serra de Portugal.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 17 165

HORIZONTAIS:

- CADA. ASNO.
- Amestrais.
- Tisnes. Tal.
- Am. Emitiram.
- Lami. Somara.
- Ur. Rs.
- Ac. Aiera.
- Hamsun. Gim.
- Avó. Amur.
- Aviou. Aoto.
- Alai. Salsas.

VERTICAIS:

- Catalunha.
- Amimar. Aval.
- Des. Mova.
- Asneiras. II.
- TEM. SEU.
- Ársis. Náus.
- Sá. Toma.
- Ni. Im. IGUAL.
- Ostraceiros.
- Aar. Rm. Ta!
- Palmar. Sós.

PROVERBIO: Cada asno tem seu igual.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 15 990

HORIZONTAIS:

- Garabulhada.
- Apor. Violam.
- Risota. Rime.
- Ata. Anais.
- Radiantes.
- Ura. Cr.
- Es. Cavilha.
- Sm. Calim. Ar.
- Aoros. Apice.
- Usa. Serenai.
- Soera. Al.

VERTICAIS:

- Gararu. Saul.
- Apitaremos.
- Rosadas. Ras.
- Aro. Co.
- Trancasse.
- Uva. Al. Er.
- Li. Ataviara.
- Horne. Impe.
- Aliás. Ina.
- Dami. Chacal.
- Amestrarei.

Antena Um

16.00: Pequeno jornal e rocklândia; 18.00: Regressos; 19.00: Informação e música; 20.00: No estúdio e no estúdio; 20.15: Música portuguesa; 20.30: A viver também se aprende; 21.00: Musical; 21.30: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo

15.00: Panorama da obra de Schoenberg; 16.30: Album musical; 17.00: Correspondências; 17.40: Trechos, de óperas; 18.40: Música concertante, de Wieniawski e Milhaud; 19.00: Integrais; 19.37: Música coral sinfónica; 20.40: Música, para violino; 21.00: Histórias de música e... outras; 21.30: Serenata, para instrumentos de sopro, de Telemann; 22.00: Música vocal comentada; 22.35: Música; 23.00: Concerto sinfónico; 00.50: Último andamento; 01.00: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; 17.00: Feira mágica; 20.00: Peça que a gente passa; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 22.30: Tempo e resultados; 23.00: 24.ª hora; 01.00: É de noite... já se vê; 03.00: Guarda-noc-turno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; 16.00: Som da frente; 17.00: Rock em stock; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Ao fim e ao cabo; 20.00: Nova geração; 21.00: O sabor da música; 22.00: As mil e uma noites; 23.00: Em órbita; 00.00: Morrison Hotel; 02.00: O rock pode esperar; 03.00: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Terceira vaga; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Fim-de-tarde; 20.00: Programa da LAR; 20.30: Cidade nova; 21.00: Luzes da ribalta; 23.00: Bola branca; 23.30: Suplemento especial; 23.55: Meditando.

RFM-Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo

09.00: Cem mais; 20.00: Serra de estrelas; 22.00: Oceano Pacífico.

Voz de Lisboa

15.00: Rádio da cidade; 18.00: Bola branca; 18.30: Sete colinas; 20.00: Diálogo; 20.30: Transmissão do terço; 21.00: Música no espaço; 22.00: Cantar português; 23.00: Bola branca; 23.30: As canções da meia-noite; 23.55: Meditando.

Voz do Alentejo

15.00: Boa tarde... Alentejo; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Grande bazar.

Voz do Porto

15.00: Passeio alegre; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Informação e música.

RTP

17.36 - Sumário

17.40 - Brinca Brincando

«Vem lá Filme» e «As Aventuras de Punqui»

18.25 - Gira Mundo

1º Programa

18.50 - O Império de Carson

9º Episódio: Jennifer apesar das objecções dos Carsons, continua a lutar pelo caso Royston.

19.19 - Boletim Meteorológico para a Agricultura

19.30 - Telejornal

20.00 - Bolsa Dia a Dia

20.05 - Boletim Meteorológico

20.15 - Roque Santeiro

9º Episódio: Roberto veste-se como um padre e entra em casa de Porcina, convidado por ela para um encontro amoroso. No dia seguinte, a equipa de filmagens mostra-se preocupada com a ausência de Roberto. Ele surge, finalmente, e dão início ao trabalho. Matilde consegue convencer o delegado a autorizar a reabertura da boite. Porcina que assiste às filmagens, desaparece com Roberto no intervalo de dois «takes». Luis com o auxílio do megafone, chama Roberto muito alto.

21.10 - Primeiro Andamento

«Sonatas de Beethoven por Sequeira Costa»

21.30 - Telemundo

22.00 - Anastásia

A história de uma mulher que viveu e morreu sem que se soubesse se era uma impostora ou uma grá-duquesa russa.

Uma mulher que lutou apaixonadamente, não por dinheiro, nem por amor, mas apenas por algo tão simples como a sua verdadeira identidade.

Michael Lepiner e Kennett Kaufman foram os produtores executivos e James Goldman, o autor do guião.

23.05 - 24 Horas

23.40 - Remate

15.35 - As Blue Bell

2º Episódio

16.30 - Trinta Minutos Com...

«Padre Elói»

17.00 - Countdown

18.00 - Ponto por Ponto

19.00 - Simon Show

19.55 - Hitchcock Apresenta...

101º Episódio: Bobs Fenton está muito preocupada com as coisas estranhas que se passam em casa dos seus vizinhos: O Sr. Blanchard mudara-se há duas semanas e Bobs



No 1º canal às 22.00, o 1º episódio da série «Anastásia»



«Já Está!», no 2º canal às 21.35

ainda não vira a mulher dele. Com a sua prodigiosa imaginação Bobs não consegue deixar de inventar os mais variados cenários. Até que um dia uma mulher entre em sua casa, apresentando-se como sendo a Srª Blanchard...

Realização: Alfredo Hitchcock

20.20 - Os Malucos do Circo

15º Episódio

20.50 - Montra de Livros

21.00 - Jornal das Nove

21.35 - Já Está!

Joaquim Letria está de regresso. Depois de salutar e merecida paragem nas «boxes» de modo a voar na máxima força para uma nova série de 24 programas.

22.55 - As Teias da Lei

1º Episódio: Na sociedade de advogados Mckenzie, Brackman, Chaney e Kuzak

(MBCK) tudo acontece: Arnie Becker, mulherengo e especialista em divórcios, é ameaçado com uma arma por um louco que afirma ter sido arruinado por ele; o sócio principal morre no escritório, aparentemente com um ataque cardíaco.

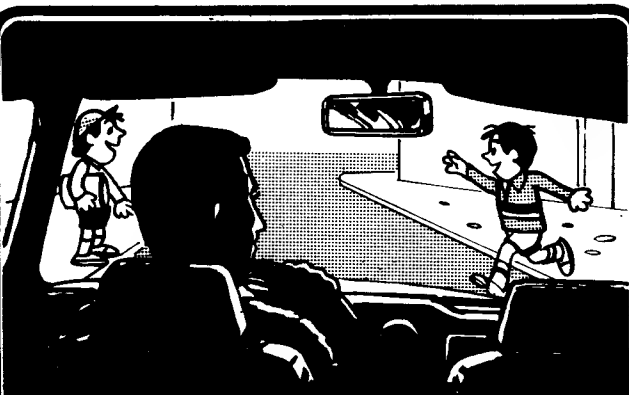
AMANHÃ

RTP-1

10.01 - As Dez
12.15 - Tudo ou Nada
13.00 - Jornal da Tarde
13.35 - Ciclo Preparatório TV
17.31 - Sumário
17.35 - Brinca Brincando
18.20 - Memória Audio-Visual
18.50 - O Império de Carson
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - Boletim Meteorológico
20.15 - Roque Santeiro
21.00 - Guerra de Espiões
21.55 - O Programa das Festas
22.25 - 24 Horas
22.55 - Remate
23.05 - Pela Noite Dentro

RTP-2

13.16 - Os Imigrantes
14.00 - Agora Escolha!
15.35 - O Mundo é Um Palco
16.30 - Trinta Minutos Com...
17.00 - Countdow
18.00 - Ponto por Ponto
19.00 - Simon Show
19.45 - Almanaque
20.00 - Hitchcock Apresenta...
20.30 - Os Malucos do Circo
20.55 - Montra de Livros
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Clube de Jornalistas
22.00 - Fanny e Alexandre
23.35 - Troféu



AOS CONDUTORES



"Diminua a velocidade ao verificar que uma criança pode atravessar a rua, distraidamente, para ir ter com alguém que está do outro lado da mesma."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP 1

O Império de Carson

RTP 2

As Teias da Lei

GRUNDIG PORTUGUESA

comércio de artigos electrónicos, Lda.

Rua Bento Jesus Caraca 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef. 4197570



"O Império de Carson"



PORTE
PAGO



Fundador Joaquim Manso

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54 / 5 — 32 02 71 2 3 Publicidade: 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro 32 11 54 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS Rua do Norte 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 — 32 22 04 — 32 07 84

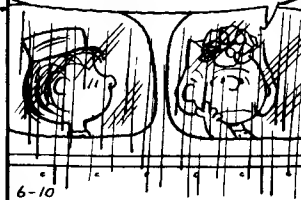
Preço do "DL" na Madeira: 55\$00

Director A. Ruella Ramos

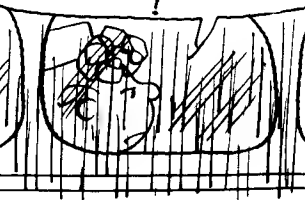
Director adjunto Fernando Piteira Santos

DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

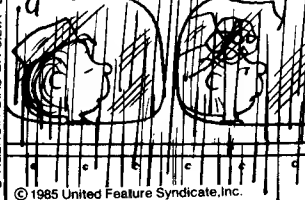
ESTÁ A CHOVER... VAMOS
ACAMPAR, E ESTÁ A
CHOVER!



DETESTO ACAMPAR!
DETESTO ACAMPAR, ESPECIAL-
MENTE QUANDO ESTÁ A CHOVER



OS LAVRADO-
RES PRECI-
SAM DA CHU-
VA...



PARA
QUÊ?



AS VACAS DELES VÃO
FICAR TODAS MOLHADAS!



Nobel da Literatura para exilado soviético Joseph Brodsky

Continuação da pág. 1

A comissão do prémio refere que a sua atribuição se deve à «obra global de Brodsky, imbuída de clareza de pensamento e intensidade poética». Com 47 anos, o poeta vive nos Estados Unidos desde 1972 e é o quarto autor de origem soviética contemplado com o galardão máximo das letras mundiais. Antes dele, obtiveram-no Boris Pasternak (1958), Mikahil Sholokov (1965) e Alexander Solzhenitsyn (1970). Naturalizado norte-americano, Brodsky havia sido, quando ainda residia na União Soviética, apontado como «parasita social», acusação que precedeu a sua expulsão do país. Esta foi a octagésima segunda vez que o Prémio Nobel foi atribuído. A ano passado, a distinção coube ao nigeriano Wole Soyinka.

Cidade tinha ameaçado parar

Beleza promete hospital distrital para Tomar

A ministra da Saúde, Leonor Beleza, afirmou ontem, em Tomar, que o Ministério da Saúde decidiu construir um novo hospital distrital naquela cidade.

Leonor Beleza prestou declarações à agência Lusa após a visita que efectuou a Tomar para analisar a situação «em que estão as instituições de saúde na cidade e a forma como decorre a prestação de cuidados de saúde neste concelho».

A construção da nova unidade hospitalar, que ficará situada na Quinta das Gorduchas, nos arredores de Tomar, na estrada que liga aquela cidade a Coimbra, será incluída na programação do Ministério da Saúde para 1988.

No que respeita à noticiada perda de valências pelo actual hospital de Tomar, Leonor Beleza explicou que «em circunstância alguma serão retirados cuidados que actualmente são prestados à população de Tomar».

A ministra da Saúde acrescentou que o Governo, ao tomar a iniciativa de executar uma carta hospitalar, visa «garantir um melhor nível de cuidados às populações e em caso nenhum a aplicação da carta hospitalar pode levar a uma diminuição no que quer que seja do nível de cuidados que são prestados».

A população de Tomar, como o «DL» na altura noticiou, tinha resolvido, no passado mês de Setembro, paralisar durante um dia deste mês toda a actividade da cidade e do concelho, como protesto pela decisão do Ministério da Saúde em privar o hospital distrital local de alguns dos seus mais importantes serviços, como sejam os de obstetrícia, pediatria e ortopedia.

A Assembleia Municipal de Tomar criticou na ocasião a ministra da Saúde, por via da portaria 749/87, de 1 de Setembro, a qual veio abolir vários serviços em 23 hospitais distritais, a pretexto da aprovação de quadros de pessoal.

Cerca de 150 mil pessoas da área de Tomar seriam assim afectadas pelo despacho ministerial em questão, que determinava o fim de algumas valências do Hospital de Tomar, e a sua passagem para o de Abrantes, decisão que Leonor Beleza foi agora àquela cidade negar.



ARTUR TORRES PEREIRA, presidente da Associação Nacional de Municípios Portugueses, foi eleito presidente da Comissão de Finanças da Conferência Permanente dos Poderes Locais e Regionais da Europa, enquanto Mota Amaral, presidente do Governo Regional dos Açores, foi eleito vice-presidente, informou a Associação de Municípios. A Conferência Permanente dos Poderes Locais e Regionais da Europa, organismo criado no âmbito do Conselho da Europa, está reunida em Estrasburgo.

NANCY REAGAN, primeira dama dos Estados Unidos, volta hoje para a Casa Branca, cinco dias depois de ter sido sujeita a uma pequena operação cirúrgica destinada a remover tecido canceroso do seio esquerdo. Nancy Reagan recebeu ontem um cesto cheio de flores da primeira dama soviética, Raissa Gorbachev. Elaine Crispin, assessora de Imprensa da primeira dama norte-americana, disse que Raissa enviou «um lindo cesto com flores sortidas, de diferentes cores».

ALBERTO SANTOS DUMONT, pioneiro da aviação, o início do século, é homenageado amanhã em Lisboa, no «Dia do Aviador» do Brasil. Santos Dumont ficou conhecido como o «pai da aviação», em reconhecimento pelas «asas que deu ao mundo» e pelo «mundo de glórias que deu à sua pátria». No dia 23 de Outubro de 1906, perante os juizes do Aéreo Clube de França e uma pequena multidão que foi ao campo de Bagatelle, o brasileiro Dumont fez o primeiro voo no seu 14-BIS. Este voo figura nos registos da Federação Aeronáutica Internacional como o número um da história da aviação.

CARLOS PAREDES realiza no próximo sábado, no Instituto Superior de Psicologia Aplicada, em Lisboa, um concerto integrado nas comemorações do 25º aniversário do Instituto. As comemorações prosseguem no dia 31 com a exibição da obra «A Thing of Beauty Is a Joy Forever», de João Santos, presentemente na Bienal de Madrid.

ANTÓNIO MACEDO, presidente honorário do PS,

encontra-se internado no Hospital da Irmandade da Lapa, no Porto, para se submeter a exames à bexiga. António Macedo deu entrada no hospital na noite de terça-feira, onde deverá ficar durante «três ou quatro dias», segundo o próprio declarou. «Espero estar aqui três ou quatro dias, e depois voltarei ao Parlamento, que é onde eu gosto de estar», disse. António Macedo afirmou que o problema na bexiga não é grave, e que está internado «apenas à espera dos resultados dos exames».

MÁRIO RAPOSO foi eleito o primeiro presidente do Instituto Hispano-Luso-Americano do Direito do Mar, constituído oficialmente na Universidade Hispano-Americana de La Rabida, em Huelva. Mário Raposo será presidente durante três anos e exercerá o seu cargo na primeira sede do Instituto, em Lisboa. Passados esses três anos, que servirão para pôr em marcha o Instituto, a sede será transferida definitivamente para Madrid, onde se situará também a secretaria-geral do organismo, enquanto a presidência passará a ser rotativa entre os países ibero-americanos.

CEE subsidia vítimas do temporal

A Comissão Europeia decidiu hoje conceder a Portugal uma ajuda financeira de emergência de 200 mil unidades monetárias europeias. ECU's (29 mil contos) para as vítimas do temporal da semana passada. Foi oficializada ontem.

Globalmente, a CE atribuiu 900 mil unidades monetárias europeias (147 mil contos) às vítimas do temporal que assolou Portugal, Espanha, Grã-Bretanha e França na noite de quinta-feira.

São atribuídas à França e à Espanha também 200 mil ECU's a cada, enquanto à Grã-Bretanha, onde o mau tempo ainda se mantém, são concedidos 300 000 ECU's, uma vez que foi o país mais atingido pelo temporal.

A tempestade, que em Portugal se prolongou até sexta-feira de manhã, afectou sobretudo o Norte do País, onde a intensidade da chuva e as fortes rajadas de vento assolaram grandes extensões agrícolas.

Uma fonte da CE disse que a Comissão Europeia pretende atribuir ajuda sob a forma de espécies ou bens de primeira necessidade, segundo modalidades a estabelecer entre as autoridades dos quatro países e a missão comunitária que se deslocará, proximamente, às zonas atingidas.

A Espanha tinha recentemente beneficiado de uma ajuda de urgência de 250 mil ECU's para as vítimas das inundações.

Um precedente que suscita preocupações

Continuação da pág. 1

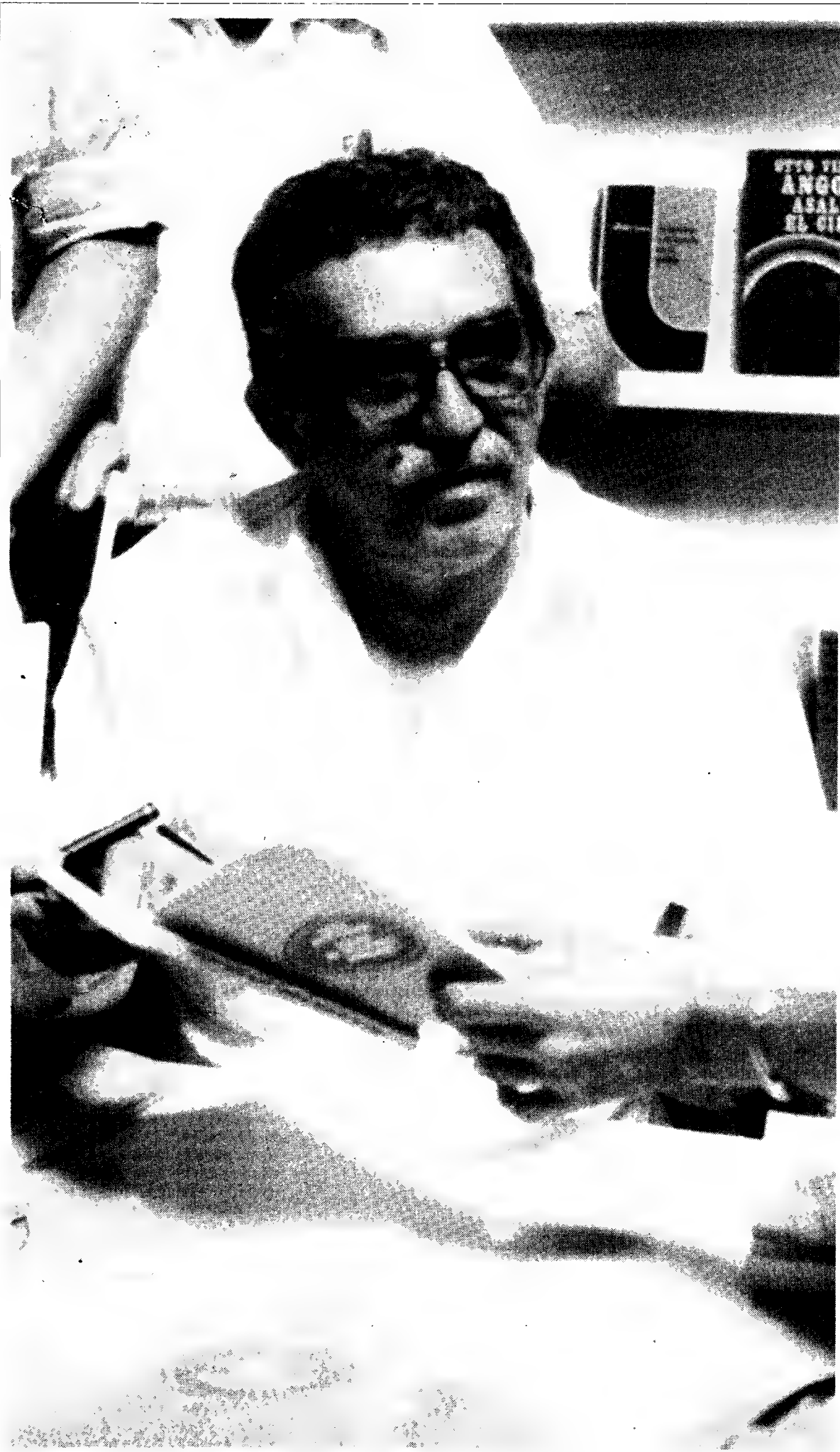
O Governo, face ao acontecimento, e no conhecimento da natureza da própria matéria processual, não poderá deixar de sentir a apreensão de todos nós. Para onde vamos?

Se a aplicação das disposições legais, e os critérios de investigação e de processo, permitem tais condenações, não custará admitir que é a própria Liberdade de Imprensa, com a latitude que a Democracia exige e a dignidade que a Constituição confere, que ficará ameaçada.

LER, ESCRIVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS.
NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72.

N.º 325



Mais García Márquez em português

● O Amor no Tempo de Cólera, pré-publicação

págs. 4,5 e 6



... E Eugénio Andrade em espanhol

pág. 3

Videopoesia

E.M. de Melo e Castro

VIDEOPOESIA: uma proposta múltipla. Primeiro a pesquisa das possibilidades gramaticais e expressivas do vídeo; simultaneamente a investigação de novas codificações para a criatividade que através da escrita e da leitura se manifesta; ainda, o verbo iconizado em acção espaciotemporal: a possibilidade de uma narrativa diferente na qual a noção narrativa de tempo visual ganha especial significado.

A videopoesia ao tratar preferencialmente texto escrito tem como referência óbvia tanto a poesia visual dos anos 50 e 60 como até o próprio cinema de animação. Mas o que se procura e se deseja é a investigação das potencialidades específicas técnicas e estéticas que o vídeo coloca ao alcance dos poetas. As coordenadas de movimento e de tempo, assim como de dinamismo cromático, assumem agora a qualidade de uma nova gramática da transformação visual à qual corresponde inevitavelmente uma diferente atitude de leitura. A utilização de meios tecnológicos avançados («high tech») é deste modo um desafio para todos os poetas para quem a poesia seja a procura desalienada e desalienante da comunicação.

A função poética da linguagem, tal como a definiu Roman Jakobson, caracteriza-se pela ênfase dada à mensagem ela própria, isto é, aos meios com que a mensagem se constrói e constituem a sua matéria e estrutura. Daí a importância dada aos valores fónicos na poesia oral, aos valores escriturais na poesia escrita, aos valores visuais na poesia visual e, naturalmente, aos valores tecnológicos quando se trata de utilizar novos meios como o vídeo, para a criação artística e não para simples tarefas repetitivas de registo ou de controlo.

É assim que uma videopoesia se torna possível e até necessária para a investigação das características específicas desse meio audiovisual e também para a sua desvinculação de usos meramente alternativos em relação ao cinema, ou de massificação da informação através das emissoras de televisão. Mas o que poderão ser essas características e esses valores específicos do vídeo que o tornam apto para a criação poética? Tal pergunta será melhor respondida através da experimentação comparativa com outros meios audiovisuais já me-



Dois videogramas de «Signagens», Melo e Castro

lhor conhecidos, procurando-se caracterizar as técnicas e as estruturas gramaticais que o vídeo possibilita. Embora não se possa dizer que o vídeo é um meio novo, a conceituação crítica e teórica de que geralmente se dispõe não é ainda a mais adequada para apreciação das realizações específicas, isto é da videopoesia. Com este meio verifica-se o que sempre se tem verificado quando aparece um novo suporte, uma nova técnica ou uma nova forma de expres-

são: elas são invariavelmente lidas e julgadas em função das manifestações criativas que aparentemente as antecederam: a fotografia julgada em função da pintura, o cinema em função do teatro, a televisão em função do cinema e o vídeo em função do cinema e da televisão.

Sendo o vídeo um meio frio, pode considerar-se que a estética fria e construtivista será a mais adequada à criação de uma videopoesia, mas poderá constatar-se experimentalmente que o vídeo se presta também para a colagem e a alteração do tempo, o que possibilita dois tipos de articulação narrativa: os tempos lentos correspondendo à proposta de uma nova forma de leitura intimista ou em pequenos círculos de comunicação («narrowcast») e os tempos acelerados propondo um novo impressionismo e uma leitura sintética aptos para o «broadcast» ou difusão de massas através da TV. Mas ambas as articulações discursivas se apoiam numa sintaxe combinatória em que as componentes rítmicas e de carácter musical se tornam essenciais. A videopoesia inscreve-se naturalmente naquilo a que se pode chamar *arte sinestésica* em que o fascínio exercido através da vista encontra equivalentes nos outros sentidos principalmente nos seus aspectos somáticos.

O cinema vive da captação de imagens naturais (salvo nalguns raríssimos casos de animação, vide MacLaren) e a sua figura de retórica é a sinédoque, dando-nos assim a parte pelo todo. O vídeo proporciona-nos a possibilidade de imagens não naturais, geradas electronicamente ou transformadas de modo a serem elas o seu próprio todo. A retórica estabelece-se então na articulação e sequência dessas imagens totais, gerando-se portanto uma realidade metonímica. No vídeo as imagens são o seu próprio referente, tal como o são as palavras na poesia. A variabilidade cromática que o vídeo possibilita distancia-nos assim da cor química do cinema e da fotografia, dando-nos uma cor instável e tremeluzente que nada tem a ver com a cor realista da pintura ou com a cor real da natureza. Quanto às técnicas de montagem, o vídeo permite uma facilidade única dada pela possibilidade da pré-visualização antes da gravação definitiva. Assim se estuda uma adequada relação entre o tempo de visão de cada imagem anterior e a imagem subsequente. A essa relação de tempos reais e tempos subjectivos de percepção pode chamar-se *tempo visual* e este é um conceito específico de vídeo e particularmente da videopoesia. A fragmentação do discurso, a sua rapidez ou lentidão, decorrem desse tempo visual devidamente iconizado, isto é, ajustado à sequência das imagens. As noções de montagem discursiva, realis-

ta, impressionista, ou expressionista adoptadas no cinema devem ceder o lugar a concepções não já de carácter estético, mas de carácter psico-icónico adaptadas a uma noção de transformação possibilitada pelo vídeo.

No que diz respeito à televisão deve ser notado que o meio vídeo é posterior ao «broadcasting» televisivo e veio dotar as estações emissoras com uma facilidade e variabilidade de recursos que elas raramente usam. No entanto a linearidade programática das televisões está sendo posta em causa justamente pela difusão do meio vídeo. O tempo das televisões únicas e totalitárias acabou há muito e a difusão do vídeo através da televisão, seja por cabo ou através de múltiplas estações, encontra no recurso vídeo uma base indispensável.

Não sendo uma linguagem natural o vídeo constitui-se como uma metalíngua. É um olho-múltiplo com que se cria uma realidade para a nossa fruição. A imagem múltipla, a alteração da sua escala, a possibilidade da repetição e da paragem, são características da leitura vídeo. A condensação, a criação do que não existe para explicar o que existe ou nem sequer pode ser explicado fazem do vídeo um meio de tecnologia avançada particularmente apto para a criação poética.

VIDEOGRAFIA

Em 1969 realizei para um programa literário da RTP o videopoema «RODA LUME» a preto e branco que depois de transmitido foi destruído por aquela estação de televisão. Esse videopoema de 2'43" de duração é hoje considerado como provavelmente o primeiro videopoema com uma gramática radical de vídeo.

Em 1986 reconstruí «RODA LUME» a partir do «story board» e de fotografias.

Desde 1985 até à presente data realizei no IPED e no PUA, em Lisboa, um conjunto de 14 videopoemas com a duração total de 1 h e 20' aprox., que venho apresentando em galerias, seminários, congressos, festivais, etc., em Portugal, Espanha, França, Brasil e proximoamente noutros países. Está prevista a comercialização duma cassete, sob encomenda. Título genérico: SIGNAGENS.

Universal, Ld.^a, Isabel Cristina Pires, Caminho FC

UMA vez que a razão, expressão da realidade que simultaneamente somos e nos circunda, se mostra eternamente insatisfeita, acontece que, através das mais diversas ficções, pretende o homem atingir algo mais. Sempre e sempre. E isso porque o homem intui patamares superiores a que anseia subir. Por muito que doa aos materialistas (e não só), o homem (isto é: o homem inquieto) já se deu conta de que não é o estádio superior da evolução.

Para defesa da nossa argumentação, atente-se no seguinte breve esquema da aventura do homem para melhor se expressar para além da razão que afinal o limita, dado que tão-só o reflecte ao mesmo tempo que também reflecte o meio em que se encontra inserido. Num primeiro tempo (e recuando ao longo dos tempos) temos o homem expresso em **arquitectura**: as Pirâmides, os templos pagãos, as muralhas de muitos quilómetros...



Insatisfeito, eis que o homem, num segundo tempo, se decide pela **escultura**, uma forma que já o vai libertando de (digamos assim) toneladas de matéria. Mas um terceiro tempo se impõe ao homem — e

ei-lo que, então, se dá à **pintura**. Aqui, descurando cada vez mais a matéria, depara-se o homem face a elementos simples que o levam a uma libertação ainda maior. Em certo sentido, temos o homem já em

fuga, cada vez se libertando mais das suas algemas terrestres. Mas não basta ainda — e, num quarto tempo, o homem escapa-se através da **música**...

Ora quer-nos parecer (por mais discutível que seja a nossa opinião) de que a chamada literatura de ficção científica vem ensaiando há já muito um quinto tempo, no qual o homem, mais fluente do que a música, se imiscui em todas as partículas, escaninhos e dobras do Universo. É, por assim dizer, um aroma que se expande e se deposita em pontos ignotos, pontos que não constam de quaisquer mapas, registos ou inscrições que os homens foram elaborando no decorrer das idades.

Quando o ser humano, pois, se dá a essa busca, se **aromatiza**, chegou à conclusão de que as coisas lógicas não o satisfazem — e de que há um lado ilógico, relativamente à presente razão que nos assiste, a que é preciso chegar...

Vêm estes considerando a propósito de **Universal, Ld.^a**, de Isabel Cristina Pires, Prémio de Ficção

Científica atribuído pela Caminho. Embora se trate de um livro desigual, hesitante em vários aspectos, nada nos coíbe de dizer que tem passos que levam precisamente a esses outros patamares que se situam para além do quotidiano raciocínio do homem. Um conto, por exemplo, como **A Torre dos Clérigos** (talvez mais tendendo para o fantástico do que para a ficção científica), proporciona ao leitor, de certa maneira, o outro lado de um mundo que não se encontra ainda totalmente descoberto. Além disso, acresce ainda o facto de Isabel Cristina Pires evidenciar dotes de escritora, pelo que, se mais se aperfeiçoar, não tardará muito que percorrerá com êxito e surpresa os degraus mencionados no começo deste escrito — arquitectura, escultura, pintura, música... Quando, despojada de toda a matéria, assumir a **aromatização**, então, sim, estará a caminho de outra realidade que, por enquanto, a razão humana ainda não logra conceber. Salto, no entanto, que urge ser dado.

Pedro Alvim

Eugénio de Andrade em espanhol

EDICIONES Jucar (Madrid/Gijón) lançaram este verão nas livrarias de Espanha um volume de poemas em prosa de Eugénio de Andrade: *Vertientes de la Mirada y otros poemas em prosa*. *Vertientes* é inédito, em Portugal, como livro. Os outros poemas são a sequência *Verão sobre o Corpo* (do livro *Limiar dos Passaros*) e os do livro *Memória doutro Rio*.

Eugénio de Andrade em espanhol e em Espanha não é assinalável novidade: grande parte da obra do poeta já aí está, e há algum tempo (mais de vinte anos) traduzida e editada e, até mesmo, parece ser aí que ela tem tido mais saída além das fronteiras linguísticas do português. A novidade agora é que se trata dos poemas em prosa, vamos ver. A edição, integrada na colecção Los Poetas, Serie Mayor, é bilingue. E o espanhol é de Angel Crespo, nome que há muito nos habituámos a ver associado a algumas das melhores obras de divulgação, em Espanha, da poesia portuguesa contemporânea — que não só a obra de Eugénio de Andrade.

Para esta edição, Angel Crespo fez, além das traduções, uma breve nota de apresentação. E um texto sem especial interesse para quem — até em Espanha e em espanhol estiver minimamente familiarizado com o mundo poético de Eugénio de Andrade. Foi feito, por certo, a pensar no leitor menos familiarizado com este mundo poético, ou até mesmo aquele leitor que aqui contacte com este mundo pela primeira vez. O texto de Angel Crespo, aliás, parece mais isso — uma introdução, muito breve, quase ligeira, à poética do autor, e menos, talvez, uma apresentação dos poemas deste livro.

Trata-se dos «poemas em prosa». Entre os poemas em prosa e os poemas em verso de Eugénio de Andrade não parece que haja grandes diferenças, em tratando-se de temas, assuntos, linguagem, opções estilísticas preferenciais, por exemplo. Mas o mesmo já não se



Eugénio de Andrade

pode dizer de opções formais, asunções discursivas, e até processos textuais, que são bastante diversos e representam, aliás, a dada altura,

uma resposta muito consequente a exigências (auto-exigências) de alteração, mudança e sobretudo *rein- tensificação* — mas também disten-

são — na prática poética do autor. Acerca disto, o leitor espanhol deveria ser advertido, ainda que muito sumariamente.

Mas o leitor espanhol é aqui um leitor privilegiado em relação ao leitor português. E que aqui se lhe propõe nada menos do que um livro novo do poeta, ainda inédito em Portugal, ou, pelo menos, um conjunto de cerca de meia centena de poemas que ainda não foram publicados em livro em Portugal, e grande parte dos quais talvez o leitor português ainda não conheça: terá lido alguns, avulsa e dispersamente publicados aqui e ali. Trata-se da sequência *Vertientes do Olhar*, que dá título ao volume e que estará ainda para sair na colecção do autor, da Limiar, em curso de publicação há anos. (1)

O leitor português pode adiantar-se a tal publicação, procurando esta edição espanhola em alguma livraria de Lisboa ou Porto, ou mandando vir do mercado espanhol. Como atrás se disse, a edição é bilingue.

Também como atrás se disse, muitos destes poemas de *Vertiente do Olhar* são ainda inéditos em Portugal. Mas muitos outros já não. E neste caso estão, creio, os mais antigos. A sequência ordena peças datando de 1946 a 1986. Como curiosidade — e talvez só isso — assinala-se que o primeiro, «Soberania» («Voltar, recomeçar com que palavras?», data de 1986. E o segundo, «Fábula» («Estavam ali diante dos meus olhos»), data de 1946 e lembra-nos tê-lo visto, aqui há mais de vinte anos, numa antologia de poesia portuguesa erótica e satírica. Mas são cerca de meia centena de poemas e a maioria, ou mesmo a quase totalidade, data de meados de 80, principalmente 1985 e 1986.

Esta nota das datações não será de todo inútil. Aquele leitor a quem se proporcionar este livro (a edição espanhola) deve reparar que a sequência *Vertientes* é da produção

mais recente do autor, depois do livro de poesia em verso *Branco no Branco* (de 1984). E aquele leitor que tiver de esperar pela publicação da sequência na colecção da Limiar, reservada à obra completa do autor, pode ficar desde já na expectativa dum excelente conjunto de poemas e prosa, na linha de *Memória doutro Rio*. Por mim, porém, e pessoalmente, entendo que tanto *Vertientes* como *Memória* estão um tanto aquém dum sequência como *Verão sobre o Corpo*, do livro *Limiar dos Passaros* (que Eugénio de Andrade data de 1973 a 1975).

Se é preciso justificar minimamente esta afirmação, pode-se talvez apontar, em *Verão*, uma maior intensidade, processada pelo fôlego e pela continuidade do discurso, e para a coerência temática, a coerência estilística — mais patentes do que em *Memória* ou *Vertientes*, que serão, mais do que sequências, poemários, reuniões de poemas, livros por vezes alguma coisa fragmentários e desiguais de poema para poema — não, certamente, por menor atenção por parte do autor em relação aos seus processos de escrita, mas, isso sim, e talvez inevitavelmente, devido à diversidade de referências, motivos, motivações, pretextos, e até objectivos.

Mas este apreço porventura maior pelo poema *Verão sobre o Corpo* é evidente que não implica um apreço menor pelos poemas em prosa dos dois livros. Trata-se apenas duma preferência pessoal — a cuja divulgação um comentador de livros gostaria de não ter se de furtar, de vez em quando.

(1) Ignoramos aqui uma edição recente da obra, toda ou quase toda, num clube do livro. E ignoramo-la apenas porque, como se sabe, as edições de clubes do livro estão reservadas a sócios desses clubes, e somente em casos excepcionais (co-edições, cremos) aparecem nas livrarias

Luis de Miranda Rocha

■ Cartas de Sócrates e Alcibiades, Miguel Real, ed. Mar Fim

DA autoria de Miguel Real e com aprazíveis ilustrações de Maria José Ferreira, aparece-nos o livro «Cartas de Sócrates a Alcibiades, seu Vergonhoso Amante». Um texto curioso pela forma como o grande mito da filosofia ocidental é tratado. E, sobretudo, muito ousado. Inquietante!

Neste livro, recusando a veracidade histórica, apresenta-se uma carta que Sócrates teria escrito a Alcibiades. Nela, o cultor da VERDADE filosófica mostra-se como um frustrado hedonista. Aquele apregoador da importância da sensualidade na expansão amorosa. Porquê? Importantes são os corpos belos em jubilante permuta. Permuta muito mais recompensadora do que a escuta da razão. De uma filosofia, rigidamente consagrada à observância de códigos éticos onde vozes misteriosas (diamonds) se fazem ouvir.

Ama Sócrates a Alcibiades e, na sequência dessa explosão afectiva,

apercebe-se do malogro contido nos seus postulados. E dos quais é exemplo o «Conhece-te a ti mesmo». Passo a citar: «Cinquenta anos a clamar aos homens para que se conhecessem a si próprios, convencido que estava que a mim o Deus permitiria que bem me conhecesse, para, ironia trágica, eu mesmo por fim consciencializarme que o fundo da alma é tão pantanoso e tão abismal que apenas por gracejo alguém pode dizer que a si próprio se conhece».

Questiona-se Sócrates ao longo do seu discursar amoroso. E, por isso, do seu relato emerge uma época histórica. O seu enquadramento pela negativa. Isto é: acentuando o seu lado sórdido. Por exemplo: a lassidão dos costumes. A posição antidemocrática assumida por Sócrates, adverso a Péricles. Passo a citar: «Qual dos nossos velhos arcontes não tem um amante novo? Que cidadão não já provou o seu mais belo escravo a entrar dentro de si quando a mulher e os filhos dormem o sono de Morfeu?» Ou: «Mas eu sei que o povo é uma cadela velha sem cio, enroscada sobre si, parecendo longamente dormir. Não dormita, no entanto. Só o finge, para que o

camponês desprevenido lhe roce o focinho ao passar e se deixe morder nas canelas».

Sem brilho se nos apresenta Sócrates, esse homem que da filosofia fez a sua vida. Que a todos impacientava através dos seus diálogos argutos. E que se dizia um parteiro das almas, tal como a sua mãe o era dos corpos. Que, por isso mesmo, era rotulado de «moscardo» e de «tremelga». Detestado pelos representantes do poder e seus lacaios (os sofistas), mas amado pelos jovens. Aqueles a quem não importava a imposição do argumento mais forte, se este não fosse o verdadeiro.

Estamos em plena era SOFÍSTICA. A do desenvolvimento e expansão da arte argumentativa. A da criação da dialéctica. E a da consciência da irrefutável soberania do HOMEM. Que, de resto, aparece bem expressa na então célebre frase de Protágoras: «O homem é a medida de todas as coisas». Atenas torna-se, sob o governo de Péricles, a luz do intelecto. O espelho do perfeccionismo estético. Contudo, há alguém que não gosta daquilo que o cerca: Sócrates, um

homem de fealdade invulgar que a todos leva a sua incómoda palavra. Aquele de quem o deus de Delfos dissera «ser o mais sábio».

Fala com frequência Sócrates do seu «diamon». Não esconde que segue essa voz interior num período em que os deuses da cidade são venerados. E de tal forma dá importância ao espírito que menospreza o corpo. Raramente se lavava e, quando o fez, Platão anotou-o no «Banquete». Platão, o ilustre discípulo de Sócrates, entre nós é conhecido como o pai da filosofia ocidental. Como aquele que em diálogos pôs os pensamentos verbalmente (oralmente) expressos pelo seu mestre Sócrates. Que, desde (leia-se a «Carta Sétima») a injusta condenação de Sócrates à morte pela cicuta, se preocupou com a política. De resto, o seu pensamento político está claramente expresso na «República». O mesmo acontecendo com a sua filosofia.

Sabemos, através dos diálogos platónicos, dessa espiritual ligação existente entre Sócrates e Alcibiades. E é de rara beleza a conversa que Sócrates tem no início do «Segundo Alcibiades» com o seu belo discípulo. Afinal, Platão não se cansou de enaltecer as virtudes da-

quele que toda a vida o influenciou. Isto é: Sócrates.

O que se sabe de Sócrates é cativante. Edificante sob todos os aspectos do existir. De resto, «Apologia de Sócrates» aí está para o ilustrar. E contra isso não me ocorreria levantar a voz. Contudo, agrada-me que alguém o faça. Tanto mais quando essa extrapolação histórica se serve de FACTOS para nos espicaçar.

De um despudor magistral se me revela esta «Carta de Sócrates a Alcibiades, seu Vergonhoso Amante» de Miguel Real, o pseudónimo de um pertinente brincalhão (?) como se depreende pelo divertido «Esclarecimento» da editora e pela fotografia com que nos presenteia.

Que dizer mais?, pergunto-me. E a resposta surge límpida: -PIRA-TE! E eu obedeço dando a palavra a parte do texto que passo a citar: «Parece que já compôs cinco livros, todos dedicados ao seu amantíssimo mestre Sócrates. Ah, que graça, por Zeus! Eu nada escrevo e Platão tudo escreve por mim, decifrando-me as ideias como um cachorro farejando o rasto do dono. Será que Platão é a reencarnação da alma de um fiel cão?»

Ana Paula Portugal

O Amor nos Tempos de Cólera, de Garcia Márquez

O último grande romance de Gabriel García Márquez, «O Amor nos Tempos de Cólera», em via de publicação na «Ficção Universal» da Dom Quixote, dispensa apresentações: é um enorme folhetim, concebido como tal em torno das obsessões passionais de um personagem, Florentino Ariza. O LerEscrever apresenta-o aqui, ainda em pré-publicação, ciente de que a sua importância iguala, na obra do autor colombiano, os «Cem Anos de Solidão».

FLORENTINO Ariza, pelo seu lado, não tinha deixado de pensar nela nem por um instante desde que Fermina Daza o recusou sem apelo nem agravo ao fim de um namoro longo e contrariado, e desde então tinham passado cinquenta e um anos, nove meses e quatro dias. Não teve necessidade de deitar contas à memória fazendo um risco diário nas paredes de uma cela, porque não passara um dia sem que sucedesse qualquer coisa que o fizesse recordá-la. Na altura do rompimento vivia sozinho com a mãe, Tránsito Ariza, uma parte de casa alugada na Rua das Janelas, onde esta teve desde muito nova uma loja de miudezas, onde também desfingava camisas e trapos velhos que vendia como ligaduras para os feridos de guerra. Foi o seu único filho, nascido de uma ligação casual com o conhecido armador Dom Pío Quinto Loayza, um dos três irmãos que fundaram a Companhia Fluvial das Caraíbas e que através desta deram um novo impulso à navegação a vapor no rio de la Magdalena.

Dom Pío Quinto Loayza morreu quando o filho tinha dez anos. Embora sempre se tivesse encarregado das suas despesas nunca o reconheceu como seu perante a lei nem lhe assegurou o futuro, de modo que Florentino Ariza ficou com o único apelido da mãe, se bem que a sua verdadeira filiação fosse do domínio público. Depois da morte do pai, Florentino Ariza teve de renunciar ao colégio para se empregar como aprendiz nos Correios Centrais, onde o incumbiram de abrir os sacos, ordenar as cartas e avisar o público da chegada do correio, içando na porta das instalações a bandeira do país de procedência.

O seu bom senso chamou a atenção do telegrafista, o emigrado alemão Lotario Thugut, que era também o organista nas cerimónias solenes da catedral além de dar lições particulares de música. Lotario Thugut ensinou-lhe o código Morse e o manejo do sistema telegráfico. Bastaram as primeiras lições de violino para que Florentino Ariza começasse a tocar de ouvido como um profissional. Quando conheceu Fermina Daza, era o jovem mais pretendido do seu meio social, o que melhor dançava a música da moda, recitava poesia romântica e estava sempre à disposição dos amigos para ir fazer serenatas de violino às suas noivas. Desde então que o seu ar era macilento, o cabelo de índio amestrado com brilhantina e os óculos de miope que aumentavam o seu ar de desamparo. Além do defeito da vista, sofria de prisão de ventre crónica, o que o obrigou a aplicar clisteres purgantes durante toda a vida. Tinha um só fato de cerimónia, herdado do falecido pai, mas Tránsito Ariza tratava tão bem dele que todos os domingos parecia novo. Apesar do aspecto mirrado, da sua timidez e da fadiga sombria, as raparigas do seu grupo faziam

rifas em segredo para sortearem quem ficava com ele, e ele brincava aos namorados com elas, até ao dia em que conheceu Fermina Daza, e perdeu a inocência.

Vira-a pela primeira vez numa tarde em que Lotario Thugut lhe mandou levar um telegrama a alguém de que não se conhecia a morada e se chamava Lorenzo Daza. Encontrou-o no pequeno Parque dos Evangelhos, numa das casas mais antigas, meio em ruínas, cujo pátio interior mais parecia o claustro de uma abadia, com os canteiros cheios de ervas e um repuxo de pedra sem água. Florentino Ariza não conseguiu ouvir qualquer ruído humano enquanto seguiu a criada descalça sob os arcos do corredor, onde se encontravam caixotes de mudanças ainda por abrir, ferramentas de pedreiro entre restos de cal e sacos de cimento arrumados, pois estavam a restaurar completamente a casa. Ao fundo do pátio havia um escritório provisório, onde, sentado à secretária, dormia a sua sesta um homem muito gordo de patilhas frisadas que se misturavam com o bigode. Chamava-se, de facto, Lorenzo Daza, e não era muito conhecido na cidade porque chegara há menos de dois anos e não era pessoa de muitas amizades.

Recebeu o telegrama como se fosse a continuação de um sonho aziago. Florentino Ariza observou os olhos lívidos com uma espécie de compaixão oficial, reparou nos dedos incertos a tentarem descolar o papel, o aperto de coração que viria inúmeras vezes em tantos destinatários que ainda não conseguiam pensar em telegramas sem os relacionar com a morte. Ao lê-lo recuperou a calma. Suspirou: «Boas notícias.» Estendeu a Florentino Ariza os cinco reais da praxe, dando-lhe a entender, com um sorriso de alívio, que não lhe teria dado se as notícias tivessem sido más. Despediu-se com um aperto de mão, o que não era habitual com um funcionário dos correios, e a criada acompanhou-o até ao portão da rua, não tanto para o orientar mas sim para o vigiar. Percorreram o mesmo caminho pelo corredor das arcadas, mas desta vez Florentino Ariza ficou a saber que havia mais alguém em casa, porque a claridade do pátio se enchia de uma voz de mulher que estava a receber uma lição de leitura. Ao passar defronte da sala de costura viu pela janela uma mulher de certa idade e uma rapariguinha, sentadas em duas cadeiras muito juntas, ambas seguindo a leitura pelo mesmo livro que a mulher tinha aberto no colo. A situação pareceu-lhe estranha: a filha ensinava a mãe a ler. A observação era só em parte incorrecta, porque a mulher era tia e não mãe da rapariga, ainda que a tivesse criado como se o fosse. A lição não foi interrompida, mas a menina levantou os olhos para ver quem ia a passar pela janela, e esse olhar casual originou um cataclismo de amor, que meio século mais tarde ainda não tinha acabado.

A única coisa que Florentino Ariza conseguiu saber sobre Lorenzo Daza foi que viera de San Juan la Ciénaga com a única filha e a irmã solteira, pouco depois da peste da cólera, e quem os viu desembarcar não teve dúvidas de que viera para ficar, pois trazia tudo quanto fazia falta para mobilar bem uma casa. A esposa morrera quando a menina ainda era muito pequena. A irmã, que se chamava Escalástica, tinha quarenta anos e estava a cumprir uma promessa, vestindo o hábito de franciscana quando saía à rua, mas em casa usava só o cordão à cintura. A menina tinha treze anos e o mesmo nome da mãe que morrera: Fermina.

Supunha-se que Lorenzo Daza era homem de recursos, porque vivia bem sem que se lhe conhecesse profissão e comprara, com dinheiro à vista, a casa no Parque dos Evangelhos, cuja restauração lhe deve ter custado, pelo menos, o dobro dos duzentos pesos ouro que pagou por ela. A filha andava a estudar no Colégio da Apresentação da Santíssima Virgem, onde, há quase dois séculos, as meninas da sociedade aprendiam a arte e o ofício de esposas atentas e submissas. Nos tempos coloniais e durante os primeiros anos da República só recebiam as herdeiras de apelidos importantes. Mas as velhas famílias, arruinadas pela independência, tiveram de se submeter às realidades dos novos tempos e o colégio abriu as portas a todas as candidatas que o pudessem pagar sem se preocupar com pergaminhos, mas sob a condição essencial de que fossem filhas legítimas de casais católicos. De qualquer maneira, era um colégio caro e o facto de Fermina Daza lá andar era, por si só, um indicio da situa-

ção económica da família, mesmo que não o fosse da sua condição social. Florentino Ariza sentiu-se animado com estas notícias, pois eram sinal de que a bela adolescente de olhos amendoados estava ao alcance dos seus sonhos. No entanto, a disciplina rígida do pai cedo se revelou como um obstáculo inultrapassável. Ao contrário das outras alunas, que iam para o colégio em grupos ou acompanhadas por uma criada mais velha, Fermina Daza ia sempre com a tia solteira e pelo seu comportamento se podia ver que não lhe autorizavam nenhuma distração.

Foi desta maneira inocente que Florentino Ariza iniciou a sua vida sigilosa de caçador solitário. A partir das sete da manhã sentava-se no banco menos visível do parque, fingindo ler um livro de versos à sombra das amendoeiras, até ver passar a donzela inatingível, com o uniforme de riscas azuis, as meias com ligas até aos joelhos, as botinas masculinas de atacadores cruzados, e uma só trança larga, com um laço na ponta, que lhe caía pelas costas até à cintura. Andava com uma altivez natural, de cabeça erguida, o olhar fixo, o passo rápido, o nariz fino, segurando com os braços em cruz a pasta dos livros contra o peito e com um andar de gazela que parecia imune à gravidade. A seu lado, marcando passo com dificuldade, a tia com o hábito pardo e o cordão de São Francisco não dava a menor hipótese para que ele se aproximasse. Florentino Ariza via-as passar na ida e na volta quatro vezes por dia, e uma vez, aos domingos, à saída da missa solene, contentando-se em vê-la. Aos poucos e poucos começou a idealizá-la, a atribuir-lhe virtudes improváveis, sentimentos imaginários, e ao fim de duas semanas já só pensava nela. E assim decidiu mandar-lhe um bilhete escrito dos dois lados com a sua óptima letra de escrivão. Mas teve-o vários dias no bolso, sem saber como lho entregar, e, enquanto pensava, ia escrevendo mais algumas folhas antes de se deitar, de tal modo que a carta original se foi convertendo num dicionário de galanteios, inspirados pelos livros que aprendera de cor à força de tanto os ler durante as esperas no parque.

Tentando arranjar uma maneira de entregar a carta, fez por conhecer alguma aluna do Apresentação, mas estavam muito longe do seu mundo. Além de que, depois de muito pensar, não lhe pareceu prudente que alguém ficasse a conhecer as suas pretensões. Porém, conseguiu saber que Fermina Daza tinha sido convidada para um baile de sábado, dias depois de ter chegado e que o pai não a tinha deixado ir com uma frase conclusiva: «Cada coisa a seu tempo.» A carta tinha mais de sessenta folhas escritas dos dois lados quando Florentino Ariza, sem conseguir suportar por mais tempo a opressão do seu segredo, se abriu sem reservas com a mãe, a única pessoa com quem se permitia algumas confidências. Tránsito Ariza moveu-se até às lágrimas pela ingenuidade do filho em questões de amor, e tentou orientá-lo. Começou por convencê-lo a não entregar aquele calhamaço lírico, pois apenas conseguiria assustar a menina dos seus sonhos, já que a supunha

EDICÇÃO UNIVERSAL

Gabriel
García Márquez

*
O AMOR
NOS TEMPOS
DE COLERA

PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE



FICÇÃO UNIVERSAL

O Amor nos Tempos de Cólera, o último romance de Gabriel García Márquez, é um livro que pertence ao domínio da literatura universal. Foi publicado em 1982.

História de amor, paixão, obsessão, este romance descreve a história de Florentino Ariza, um jovem apaixonado por Fermina Daza, uma mulher que se casou com um homem muito mais velho. Durante toda a sua vida, Florentino Ariza espera pelo momento de poder estar com a mulher que ama. O livro é uma obra-prima da literatura latino-americana, escrita em um estilo único e apaixonado.

Decorando numa obra-prima, este romance é um dos mais importantes do século XX. O Amor nos Tempos de Cólera utiliza todos os recursos do gênero folhetim, apresentando uma espécie de inventário passionais, onde se descrevem os mais cruéis imposições de carne e os mais altos sabios do sentimento, e propondo por fim aos seus leitores uma obra de constância perfeita, em que do princípio ao fim se respira a atmosfera de uma paixão que se alimenta a todas as histórias de amor.

Nascido em 1928, na Colômbia, Gabriel García Márquez é mundialmente considerado um dos mais relevantes expoentes da literatura latino-americana. De entre as suas muitas obras, podem destacar-se, para além da presente narrativa e do já referido Cem Anos de Solidão, os romances 'Inquietação do Coração', 'O Outono do Patriarca' e 'Crónica de uma Morte Anunciada', bem como o volume de contos intitulado 'Os Funerais da Mãe Grande'. García Márquez obteve o Prémio Nobel da Literatura em 1982.

Continua na pag. 5

tão verde quanto ele em coisas do coração. O primeiro passo, disse-lhe, era conseguir que ela se desse conta do seu interesse, para que, ao declarar-se-lhe, não a apanhasse de surpresa e dar-lhe algum tempo para pensar.

— Mas sobretudo — disse-lhe — a que tens de conquistar primeiro não é a ela, mas sim a tia.

Ambos os conselhos eram sábios, sem dúvida, mas chegavam tarde. Com efeito, no dia em que Fermina Daza se distraiu por um momento da lição de leitura que dava à tia e ergueu os olhos para ver quem é que passava no corredor, Florentino Ariza tinha-a impressionado pela aura de abandono que o envolvia. A noite, durante a refeição, o pai falara do telegrama e foi assim que ela soube o que Florentino Ariza tinha ido fazer lá a casa e qual era a sua profissão. Estas novidades espicaçaram-lhe o interesse, pois para ela, como para tanta gente nessa época, o invento do telégrafo tinha qualquer coisa a ver com magia. Por isso reconheceu Florentino Ariza logo da primeira vez que o viu a ler debaixo das árvores do parque, embora não sentisse a mais leve perturbação até que a tia lhe fez ver que ele se postava ali já há várias semanas. Depois, quando o viram também aos domingos, à saída da missa, a tia convenceu-se de uma vez por todas que tantos encontros não podiam ser obra do acaso. Disse: «Não será por minha causa que se dá a tantos trabalhos.» Pois apesar da sua conduta austera e do seu hábito de penitente, a tia Escolástica Daza tinha um instinto da vida e uma vocação de cumplicidade que eram as suas melhores virtudes, e só a ideia de que um homem se interessasse pela sua sobrinha provocava-lhe uma emoção incontrolável. Mas Fermina Daza estava ainda a salvo até da mera curiosidade do amor, a única coisa que Florentino lhe inspirava era uma certa piedade, porque lhe parecia que estava doente. A tia, contudo, disse-lhe que era preciso ter vivido muito para conhecer a verdadeira índole de um homem e que estava convencida de que aquele que se sentava no parque para as ver passar se estava doente era de amor.

A tia Escolástica era um refúgio de compreensão e afecto para a filha solitária de um casamento sem amor. Tinha-a criado desde a morte da mãe e, em relação a Lorenzo Daza, comportava-se mais como cúmplice do que como tia. De modo que o aparecimento de Florentino Ariza foi para elas mais um dos muitos divertimentos privados que costumavam inventar para entreterem as horas mortas. Quatro vezes por dia, ao passarem pelo Parque dos Evangelhos, ambas se apressavam a descobrir, com uma olhadela rápida, a sentinela esquelética, tímida, o zé-ninguém, quase sempre vestido de preto apesar do calor, que fingia ler debaixo das árvores. «Lá está ele», dizia a que primeiro o visse, reprimindo o riso, antes de ele levantar os olhos e ver as duas mulheres severas, distantes da sua vida, que atravessavam o parque sem sequer olhar para ele.

— Coitadinho — dissera a tia. — Não se atreve a aproximar-se porque vou contigo, mas um dia vai tentar fazê-lo, se as suas intenções forem sérias, e então entregar-te-á uma carta.

Prevendo todo o tipo de contratempos, ensinou-lhe a conversar



■ Ao contrário do que a sua corpulência dava a entender, Lotario Thugut tinha uma pilinha de querubim que parecia um botão de rosa, mas este mal vinha-lhe por bem, pois as pegas mais batidas disputavam-se a sorte de dormirem com ele e os seus berros de degoladas estremeciam os alicerces do palácio...

■ Florentino Ariza tinha pensado levar-lhe as setenta folhas que nessa altura podia recitar de memória de tanto as ter lido, mas, por fim, decidira-se por um pequeno bilhete sóbrio e explícito onde só prometia o essencial: a sua fidelidade a toda a prova e o seu amor para sempre.

por gestos, que era um recurso indispensável aos namoros proibidos. Aquelas travessuras inconsequentes, quase pueris, traziam a Fermina Daza uma curiosidade nova, mas, durante vários meses, nunca lhe ocorreu que passasse disso. Nunca soube em que momento a diversão se tornou ansiedade e o sangue se lhe transformava em espuma com a necessidade de o ver, acordando uma noite espavorida porque o viu a olhar para ela por entre a escuridão, aos pés da cama. Então desejou com toda a alma que se cumprissem as previsões da tia, e nas suas orações rogava a Deus que ele tivesse coragem para lhe entregar a carta, só para saber o que nela dizia.

Mas as suas súplicas não foram atendidas. Antes pelo contrário. Isto acontecia na mesma altura em que Florentino Ariza se abriu com a mãe e esta o dissuadiu de entregar as setenta folhas de galanteios, de modo que Fermina Daza continuou à espera até ao fim do ano. A sua ansiedade convertia-se em desespero à medida que se aproximavam as férias de Dezembro, e interrogava-se sem descanso como iria fazer para o ver e para que ele a visse durante os três meses em que não iria ao colégio. As dúvidas permaneciam sem solução na noite de Natal, quando se sentiu estremecer

pelo pressentimento de que ele estava a vê-la entre a multidão da Missa do Galo, e essa inquietação fez-lhe cair o coração aos pés. Não se atreveu a virar a cabeça porque estava sentada entre o pai e a tia, e teve de soerguer-se para que eles não se apercebessem da sua perturbação. Mas no meio da desordem da saída, sentiu-o tão próximo, tão nítido naquela confusão, que uma força irresistível a obrigou a olhar por cima do ombro ao sair do templo pela nave central e então viu, a dois palmos dos seus olhos, os outros olhos de gelo, o rosto pálido, os lábios petrificados pelo susto do amor. Transtornada pela sua própria audácia, agarrou-se ao braço da tia Escolástica para não cair, e esta sentiu o suor glacial da mão através da mitene de renda e reconfortou-a com um sinal imperceptível de cumplicidade incondicional. No meio do estrépido dos foguetes e dos tambores, das lanternas coloridas nos portais e do clamor das multidões ansiosas de paz, Florentino Ariza vagueou como um sonâmbulo até ao amanhecer, assistindo à festa através das lágrimas, aturdido pela alucinação de que era ele e não Deus quem nascera naquela noite.

O delírio aumentou na semana seguinte, à hora da sesta, quando, sem esperança alguma, passou por

casa de Fermina Daza e viu que ela estava sentada com a tia debaixo das amendoeiras do portal. Era uma repetição do estranhíssimo quadro que tinha visto na primeira tarde na sala de costura: a menina a dar lições de leitura à tia. Mas Fermina estava diferente sem o uniforme escolar, pois vestia uma túnica de linho com muitas pregas que caíam a partir dos ombros como um peplo, e trazia na cabeça uma grinalda de gardénias naturais que a faziam parecer uma deusa coroada. Florentino Ariza sentou-se no parque, onde tinha a certeza de ser visto, não recorrendo então à simulação da leitura, mas ficando com o livro aberto e de olhos fixos na donzela sonhada que não lhe devolveu nem um olhar caridoso.

Ao princípio pensou que a lição sob as amendoeiras era uma alteração accidental, devida talvez às obras intermináveis da casa, mas nos dias que se seguiram compreendeu que Fermina Daza estaria ali, ao alcance dos seus olhos, todas as tardes à mesma hora durante os três meses de férias, e essa certeza deu-lhe uma alma nova. Não ficou com a impressão de ter sido visto nem se apercebeu de nenhum sinal de interesse ou de rejeição, mas na indiferença dela havia um fulgor diferente que o animava a persistir. Passado

pouco tempo, numa tarde dos fins de Janeiro, a tia pôs o bordado na cadeira e deixou a sobrinha no portal, no meio do tapete de folhas amarelas caídas das amendoeiras. Animado pela suposição irreflectida de que aquela oportunidade tinha sido preparada, Florentino Ariza atravessou a rua e pôs-se diante de Fermina Daza, e tão perto dela que se pôde aperceber das pausas da sua respiração e o hálito floral com que passaria a identificá-la pelo resto da vida. Falou-lhe de cabeça levantada e com uma determinação que só voltaria a ter meio século depois, e pelo mesmo motivo.

— A única coisa que lhe peço é que receba uma carta minha — disse-lhe.

Não era a voz que Fermina Daza esperava dele: era nítida e com uma segurança que não tinha nada a ver com os seus modos lânguidos. Sem tirar os olhos do bordado, respondeu-lhe: «Não posso recebê-la sem autorização do meu pai.» Florentino Ariza estremeceu com o calor daquela voz, cujas inflexões graves não esqueceria no resto dos seus dias. Mas manteve-se firme e retorquiu imediatamente: «Obtenha-a.» Suavizou logo a ordem com uma súplica: «É um assunto de vida ou de morte.» Fermina Daza não olhou para ele, não interrompeu o bordado, mas a sua decisão entreabriu uma porta por onde entrava o mundo inteiro.

— Volte todas as tardes — disse-lhe — e espere até eu mudar de cadeira.

Florentino Ariza não compreendeu o que ela queria dizer até à segunda-feira da semana seguinte, quando, do banco do parque, viu a mesma cena de sempre com uma só variante: quando a tia Escolástica entrou em casa, Fermina Daza levantou-se e sentou-se na outra cadeira. Florentino Ariza, com uma camélia branca na lapela do casaco, atravessou então a rua e parou diante dela. Disse: «Este é o momento mais importante da minha vida.» Fermina Daza não levantou os olhos para ele, mas observou os arredores com um olhar circular e viu as ruas desertas no torpor da estiagem e um remoinho de folhas secas arrastadas pelo vento.

— Dê-ma — disse.

Florentino Ariza tinha pensado levar-lhe as setenta folhas que nessa altura podia recitar de memória de tanto as ter lido, mas, por fim, decidira-se por um pequeno bilhete sóbrio e explícito, onde só prometia o essencial: a sua fidelidade a toda a prova e o seu amor para sempre. Tirou-o do bolso interior do casaco e colocou-o em frente dos olhos da bordadeira perturbada que ainda não se tinha atrevido a olhar para ele. Viu o sobrescrito azul a tremer numa mão petrificada pelo terror, e levantou o bastidor para ele pôr a carta, pois não podia admitir que também se lhe notasse a tremura dos dedos. Então aconteceu: um pássaro sacudiu-se na folhagem das amendoeiras e a sua cagadela caiu mesmo em cima do bordado. Fermina Daza afastou o bastidor para que ele não se desse conta do sucedido e olhou-o, pela primeira vez, com a cara em chamas. Florentino Ariza, impassível com a carta na mão, disse: «Dá sorte.» Ela agradeceu-lhe com o seu primeiro sorriso e quase lhe arrancou a carta das mãos, dobrando-a e escondendo-a no corpete. Então ele ofereceu-lhe a camé-

Continua na pág. 6

■ ... Mas o seu próprio desvario acabou por tirar-lhe o prazer, pois a música mística parecia-lhe tão ineficaz para o seu estado de alma que tentava condimentá-la com valsas românticas e Lotario Thugut viu-se obrigado a despedi-lo do coro.

Continuação da pág. 5

lia que levava na lapela, que ela recusou: «E uma flor de compromisso.» Depois, dando-se conta que o tempo estava a esgotar-se, voltou a refugiar-se na sua composição.

— Agora vá-se embora — disse, e volte só quando eu lhe disser.

Quando Florentino Ariza a viu, pela primeira vez, a mãe já o descobrira antes que ele lho contasse porque perdeu a fala e o apetite, e passava as noites em branco às voltas na cama. Mas quando começou a esperar a resposta à sua primeira carta, a ansiedade complicou-se-lhe com diarreias e vômitos esverdeados, perdeu o sentido de orientação começando a padecer de desmaios súbitos. A mãe entrou em pânico, pois o seu estado não se parecia com os desarranjos provocados pelo amor, mas sim com os efeitos da cólera. O padrinho de Florentino Ariza, um antigo homeopata que tinha sido o confidente de Tránsito Arisa desde os seus tempos de amante escondida, ficou também alarmado, à primeira vista, com o estado do doente, porque tinha o pulso fraco, a respiração difícil e os suores pálidos dos moribundos. Mas o exame revelou-lhe que não tinha febre nem lhe doía nada e que a única coisa que sentia concretamente era a necessidade urgente de morrer. Bastou-lhe um interrogatório insidioso, primeiro a ele, depois à mãe, para comprovar mais uma vez que os sintomas do amor são idênticos aos da cólera. Receitou infusões de flores de tilia para acalmar os nervos e sugeriu uma mudança de ares para que se consolasse à distância, mas o que Florentino Ariza desejava era exactamente o contrário: gozar o seu martírio.

Tránsito Arisa era uma mestiça livre com uma intuição nata para a felicidade, apenas contrariada pela pobreza, e comprazia-se nos sofrimentos do filho como se fossem seus. Fazia-o beber as infusões quando o sentia delirar, agasalhava-o com cobertores de lã para iludir os arrepios, mas ao mesmo tempo encorajava-o a alimentar a sua prostração.

— Aproveita agora que és novo para sofrerres o mais que puderes — dizia-lhe —, porque estas coisas não duram toda a vida.

Claro que nos Correios não pensavam o mesmo. Florentino Ariza abandonara-se à inércia e andava tão distraído que trocava as bandeiras com que anunciava a chegada do correio, e numa quarta-feira içava a bandeira alemã quando o barco que tinha chegado era da Companhia Leyland com o correio de Liverpool, e outro dia qualquer içava a dos Estados Unidos quando o barco que chegava era da Compagnie Générale Transatlantique com o correio de Saint-Nazaire. Aquelas confusões de apaixonado provocavam tantos transtornos na distribuição e originavam tantos protestos do público que se Florentino Ariza não ficou desempregado foi porque Lotario Thugut o pôs no telégrafo e o levou para tocar violino no coro da catedral. Tinham uma aliança difícil de compreender devido à diferença de idades, pois podiam ser avô e neto, mas entendiam-se tão bem no trabalho como nas tabernas do cais, onde iam dar os noctívagos, sem pruridos de classe, desde os pe-



dintes bêbados até aos meninos-bem, vestidos a rigor, que se escapavam das festas de gala do Clube Social para irem comer lebre frita com arroz de coco. Lotario Thugut costumava passar por lá depois do último telégrafo e muitas vezes a manhã encontrava-o a beber ponche da Jamaica e a tocar acordeão com as tripulações de loucos das escunas das Antilhas. Era corpulento, atarracado, de barba dourada e com um barrete frígio que usava quando saía à noite e só lhe faltava uma réstia de sininhos para ficar igual ao Pai Natal. Pelo menos uma vez por semana ficava com uma pega, como ele lhes chamava, das muitas que vendiam amores de emergência em qualquer casa de passe para marinheiros. Quando conheceu Florentino Ariza, a primeira coisa que fez com um certo prazer magistral foi iniciá-lo nos segredos do seu paraíso. Escolhia para ele as pegas que lhe pareciam melhores, discutia com elas o preço e o esquema, e oferecia-se para pagar adiantado com o seu dinheiro e serviço. Mas Florentino Ariza não aceitava: era virgem e não estava disposto a deixar de ser sem que fosse por amor.

O hotel era um palácio colonial em decadência, com os grandes salões e aposentos de mármore divididos em cubículos de papelão com furinhos feitos por alfinetes, pois tanto se alugavam para fazer como para ver. Contavam-se histórias de mirões a quem tinham vazado um olho com agulhas de tricotar, de um outro que reconheceu a sua mulher na que estava a espiar, de cavalheiros que entravam disfarçados de rameiras para se aliviarem com os imediatos que se encontravam de passagem, e de outros tantos contratempos entre observadores e observados, que, para Florentino Ariza, só a ideia de chegar perto do quarto era assustadora. Portanto, Lotario Thugut não conseguiu convencê-lo de que vê-lo e deixar-se ver eram requintes de príncipes europeus.

Ao contrário do que a sua corpulência dava a entender, Lotario Thugut tinha uma pilinha de querubim, que parecia um botão de rosa, mas este mal vinha-lhe por bem, pois as pegas mais batidas disputavam-se a sorte de dormirem com ele e os seus berros de degoladas estremeciam os alicerces do palácio, e faziam tremer de espanto os seus fantasmas. Diziam que usava uma pomada feita de veneno de víbora que excitava a sela turca das mulheres, mas ele jurava não ter outros recursos além dos que Deus lhe dera. Costumava dizer, morto de riso: «É só amor.» Foi preciso que passassem muitos anos para Florentino Ariza perceber que talvez o dissesse com razão. Convenceu-se de

vez numa altura mais adiantada da sua educação sentimental, ao conhecer um homem que levava uma vida regalada a explorar três mulheres ao mesmo tempo. As três prestavam-lhe contas ao amanhecer, humilhadas aos pés dele para que ele lhes perdoasse as cobranças exiguas e desejando, como única gratificação, que ele se deitasse com a que levasse mais dinheiro. Florentino Ariza pensava que só o terror podia induzir a semelhante indignidade. No entanto, uma das três raparigas surpreendeu-o ao revelar-lhe o contrário.

— Estas coisas — disse-lhe — só se podem fazer por amor.

Não foi tanto pelas suas virtudes de fornicador como pela sua graça pessoal que Lotario Thugut tinha chegado ao ponto de ser um dos clientes mais apreciados do hotel. Florentino Ariza, por ser tão calado e escorregadio, também ganhou o apreço do dono, e na época mais difícil dos seus quebrantados costumava fechar-se a ler versos e folhetins chorosos nos quatinhos sufocantes, onde os seus sonhos iam deixando pelas varandas ninhos de escuras andorinhas, rumores de beijos e bater de asas nos marasmos da sesta. Ao entardecer, quando diminuía o calor, era impossível deixar de ouvir as conversas dos homens que vinham descontrair-se do dia de trabalho nuns amores rápidos. Era assim que Florentino Ariza tomava conhecimento de muitas inconfidências e de alguns segredos de Estado que os clientes importantes e até as autoridades locais confiavam às suas efêmeras amantes, sem terem o cuidado de evitar ser ouvidos nos quartos vizinhos. Foi também desta maneira que ficou a saber que a doze milhas marítimas a norte do arquipélago de Sotavento se encontrava afundado desde o século XVIII um galeão espanhol carregado com mais de quinhentos milhões de pesos em ouro puro e pedras preciosas. A história impressionou-o, mas só tornou a pensar nela alguns meses mais tarde, quando a loucura do seu amor lhe revolveu o espírito na ansiedade de resgatar a fortuna submersa para que Fermina Daza pudesse tomar o seu banho em banheiras de ouro.

Passados vários anos, quando tentava recordar-se como era na realidade a donzela idealizada na alquimia da poesia, não conseguia dissociá-la dos fins de tarde despuddorados daqueles tempos. Mesmo quando a espreitava sem ser visto, naqueles dias de ansiedade em que esperava resposta à sua primeira carta e a via transfigurada no esplendor das duas da tarde sob a chuva de flores das amendoeiras, onde era sempre Abril em qualquer altura do ano. Mas, então, o único motivo por que lhe interessava acompanhar Lotario Thugut ao violino no mirante privilegiado que era o coro, consistia em poder ver como ondulava a túnica dela na brisa dos cânticos. Mas o seu próprio desvario acabou por tirar-lhe o prazer, pois a música mística parecia-lhe tão ineficaz para o seu estado de alma que tentava condimentá-la com valsas românticas, e Lotario Thugut viu-se obrigado a despedi-lo do coro.

Gabriel García Márquez, *O Amor nos Tempos de Cólera*, Pub. Dom Quixote, col. Ficção Universal.

Francisco Rodrigues Lobo «Corte na Aldeia»

POUCO se conhece — têm-no repetidamente afirmado os historiadores da nossa Literatura — da vida de Francisco Rodrigues Lobo.⁽¹⁾ Não obstante, a leitura atenta da justamente famosa «Corte na Aldeia» permite-nos fazer um apreciável levantamento do que terá sido o perfil intelectual e moral do celebrado poeta de «A Primavera».

Em «Corte na Aldeia», com efeito, Francisco Rodrigues Lobo terá deixado muito de si: do que foi como esclarecido patriota, amante da pureza da língua, das Belas-Letras, do florescimento científico e cultural, do conhecimento meticoloso de quanto é humano.

Ao longo dos dezasseis diálogos didácticos de que se compõe o volume — único, — infelizmente⁽²⁾ que, Lobo nos deixou, são tratados assuntos que, na época e dada a conjuntura política que, de forma tão marcante, a caracterizava, não poderiam deixar de oferecer instantâneo interesse: o amor da pátria, a crítica dos costumes, o elogio das grandes virtudes...

Gente identificada com um clero zeloso da sua missão evangélica — o Prior —, ou com o mérito irrecusável de uma nobreza norteadora por um empenhado patriotismo — D. Júlio —, ou, mais restritamente, com o de uma legítima prática das armas (Alberto, o soldado), ou com o das Letras e Ciências — o Doutor Lívio —, ou com as complexas regras da Corte — Leonardo —, reúne-se em discreto convívio, e tranquilo remanso, ao longo das noites calmas da província, em ordem a, com alguma utilidade para os próprios e para outrem, ocuparem o tempo. Píndaro, Feliciano e Solino animam, com as suas observações, por vezes um tanto impertinentes, os prolongados serões — personagens, todas essas, cuja caracterização se vai precisando sobretudo à medida que os diálogos prosseguem.

Assistidos de tom não raro extremamente judicioso, tais debates são, por vezes, avivados com um ou outro episódio mais denso de emotividade, como é o da religiosa peregrina, o qual, ao longo de alguns dos diálogos, despertará um outro interesse no leitor.

O ardoroso entusiasmo com que, na «Corte» de Lobo, se defende a lusa língua — na sua riqueza vocabular, na sua estrutura gramatical, na sua capacidade de expressão — releva, por um lado, do apurado gosto literário do autor; por outro, do propósito, partilhado por muitos dos melhores espíritos da época, de lutar por uma causa profundamente meritória — a defesa, face a Castela, do que de mais válido e irredutível encerrava a nação portuguesa: importava que a «união das coroas» não viesse a comprometer de forma irremediável a sobrevivência do sentir e pensar portugueses.

Para além da defesa da língua, outros valores — sobretudo morais — são objecto, através das personagens da obra, do interesse do autor: do amor pátrio à honra, à liberalidade, à cortesia... E é ver Lobo, por intermédio das figuras que contracenam na «Corte», a depurar noções, esgrimindo ao longo dos diálogos, e bem ao gosto da época, conceitos contra conceitos, numa dialéctica constantemente apoiada em exaustiva exemplificação, haurida, esta, do quotidiano ou da História, aduzindo-se, por outro lado e a cada passo, ríftes e outros ditos, em abono das teses aventadas. Esse extremar de conceitos, processado mediante uma constante confrontação de géneros e espécies e a correspondente invocação das diferenças específicas em causa — ao sabor, sempre, da lógica aristotélica — conduz, com frequência, a preciosismos cujo rigor nos faz hoje sorrir...

E assim que a cortesia, contraposta à vileza dos interesses; a liberalidade, com a qual não deverá confundir-se a

prodigalidade; a fidelidade e o espírito de bem servir, que os milicianos sempre deverão guardar — tudo são valores que quantos se reúnem, noite após noite, em redor de D. Júlio e do Prior não deixam passar em claro, antes defendem com decisão, em nome de um sentimento de humanidade que desejaria sempre presente, tanto entre os nobres, os bem-nascidos que frequentam o paço, como entre os elementos de mais modesta condição. Contexto em que — assinala-se —, de quando em vez irrompe a crítica: crítica aos que, poderosos, não usam no entanto o poder de forma criteriosa, inspirada num «talent de bien faire». Reis e altos nobres são, então, objecto de rigorosa censura — censura que não se concretiza, porém, explicitamente em relação ao coevo poder político que se exercia nas Espanhas... E invocam-se, a propósito, numerosas máximas e episódios retirados da História Antiga, citando-se, a cada passo, figuras como Platão, Aristóteles, Séneca, Pompónio Mela, Santo Agostinho e outras...

De observar, contudo, que o evocar de nomes do passado nem sempre se faz sem crítica. Não obstante o «tempo» — esse séc. XVII de tão dramáticas limitações culturais —, não obstante o facto de se encontrar já então passada a época, aberta ao contacto com a realidade, em que se aprendia mais em um dia com os portugueses do que em cem anos com os romanos, o carácter precário de algum saber antigo é por vezes denunciado por Lobo a plena luz.

Assinala-se em seguida que, muito curiosamente, no tratamento de alguns temas — o da organização das armas, por exemplo —, o autor, extremamente zeloso de quanto é português, se deixa animar, diríamos, do propósito de legar, na sua obra, um testemunho do que, no que tange a tal matéria, existiu um dia em Portugal. E as discrições tomam-se longas, exaustivas, enriquecendo-se de um pormenor quase enciclopédico.

Concebida em plena decorrência do autoritarismo monárquico, para mais estrangeiro, «Corte na Aldeia», a despeito da validade da sua vertente crítica, mantém obviamente intocadas e tendencialmente intocáveis, as classes de que se compõe a sociedade. Segundo a sua óptica, o que importa é que cada uma dessas classes — e, dentro delas, os diversos grupos — assumam, por inteiro, o seu estatuto. Daí que os comparsas dos dialogados serões se ocupem, e preocupem, com o apurar/depurar do estatuto da nobreza, do clero, do povo... Ao fim e ao cabo, entende-se que o edifício social deverá assentar na triade classista que, no suceder das centúrias, o tem vindo a enformar.

O estilo em que Francisco Rodrigues Lobo verte os celebrados diálogos, ressentindo-se embora do gongorismo da época (como opinava uma personagem de Camilo, nem Vieira nem Bernardes lograram furtar-se ao nefasto contágio⁽³⁾...), consegue (terá pelo menos, coevamente conseguido) prender o interesse do leitor, é por vezes suficientemente directo e expressivo, nimbando-se, com frequência, de apreciável ironia e, de longe em longe, de um certo halo poético, ou não tivesse sido o autor, também, um maviioso lírico... A excedentária sucessão de substantivos e adjectivos, a proliferação de paralelismos frásicos, a programada alternância dos auxiliares «ter» e «haver», caracterizam, porém, e no geral, como barroco, o estilo da obra.

Manuel Alexandre Alvim

Notas

⁽¹⁾ Nascido, segundo se supõe, em 1581, morreu, por afogamento em 1621.

⁽²⁾ Ao rematar o XVI Diálogo, o autor chega a pôr a hipótese de publicar um «outro volume de Diálogos».

⁽³⁾ Em «O Bem e o Mal».

O Barco-farol, de Siegfried Lenz

A *Fragmentos* acaba de editar na sua colecção «Pérola», *Das Feuerschiff — O barco-farol*, de Siegfried Lenz, que conhecemos primeiro através da adaptação cinematográfica, com o título de *O Navio-Farol*. É um texto sobre o martírio e as estratégias da coragem, e é também um texto sobre «o lugar dos pais», ou sobre um conflito de identificação entre um filho e um pai. Recomendamo-lo vivamente. Aqui ficam as suas primeiras páginas:



ESTAVAM fundeados e bem fundeados nos bancos movediços de areia. Há nove anos, desde a guerra, que o barco estava seguro a uma amarra comprida; era como uma colina vermelha de fogo coberta de conchas e de algas na planície do mar cinzento como ardósia — ali estava, excepto nos períodos curtos em que se encontrava no estaleiro. Ficava ali durante os Verões quentes, quando o mar Báltico estava calmo, brilhante e baixo, e durante os Invernos, quando marés impetuosas passavam por baixo do barco e pedaços de gelo roçavam o costado. Era um velho barco-farol de reserva que tinham voltado a equipar e a mandar sair depois da guerra para prevenir os barcos contra os bancos movediços de areia e para os orientar no caminho por entre as zonas minadas.

O balão preto estava içado há nove anos no mastro, indicando a sua posição: o feixe dos sinais intermitentes girava há nove anos sobre a baía e o mar nocturno até às ilhas que sobressaíam no horizonte, cinzentas e planas como um leme. Agora, as zonas minadas estavam limpas, a água navegável era considerada segura, e daí a quinze dias o velho barco-farol seria recolhido: era a sua última missão.

Esta última missão deveria acabar antes das tempestades de Inverno que invadiam a baía com marés breves e impetuosas, submergiam a arribas argilosa e deixavam na praia plana uma marca encrustada de sargaço, de estilhas de gelo e de algas em forma de setas. Antes de começarem as tempestades, o mar Báltico está sempre calmo na baía; a ressaca desliza com brandura, a cor da água fica azul-escura. E uma boa altura para a pesca: os corpos listrados das cavalas passam em cardumes mesmo por baixo da superfície, o salmão aproxima-se do farol de luz intermitente e os badejos ficam presos nas malhas de rede, como se tivessem sido disparados por uma espingarda. Chegou a altura da navegação costeira, dos navegadores forçados, dos grandes barcos à vela e das escunas de madeira que vêm da Finlândia com um último carregamento de madeira para as minas ou de tábuas, e que seguem para os seus refúgios de Inverno. A água navegável na baía e entre as ilhas está cheia deles antes das tempestades, e do barco-farol vê-se passar a procissão lenta em direcção aos abrigos para além do horizonte. E, quando desaparecem, vêm as gaivotas e os alcatrazes comuns pesados, primeiro sozinhos e depois em bandos a guinchar, e voam em redor do barco-farol, descansam nos seus mastros ou descem para a água, onde brilha o reflexo avermelhado do barco.

Quando começou a última missão, o mar estava quase deserto, sem barquinhos a balouçar, só passavam alguns que estavam atrasados, sumiam-se no horizonte, e do barco-farol praticamente já só se viam os ferrys brancos que desapareciam de manhã e à noite a fazer espuma atrás das ilhas, navios de carga pesados e barcos de pesca de costados largos que passavam por eles com indi-

ferença.

Naquela manhã encoberta não havia nada à vista. O barco-farol balouçava seguro à amarra comprida, a corrente juntava-se na proa, e um reflexo verde, verde-encofre, pairava sobre o mar. Um bando de patos-bravos passou pelo navio, com um sussurro de asas rente à água, em direcção às ilhas. A amarra rangeu no escovém quando o movimento suave das ondas levantou o navio, e ouviu-se um barulho que parecia o de uma alavanca de ferro a arrancar pregos enferrujados de uma caixa. As ondas batiam contra a popa. Um rasto de espuma largo prolongava-se da baía até ao largo como uma veia esbranquiçada na qual flutuavam sargaços com bocados de madeira cobertos de algas, ervas, bocados de rolha e uma garrafa que dançava de cima para baixo. Era a segunda manhã da última missão.

Quando Freytag abriu a porta do camarote, olhou para a gávea. O homem da gávea não pousou o binóculo; voltando-se devagar, como se lhe tivessem pregado os pés ao convés, rodou o tronco, rodou-o só pela cintura, sem que os seus pés se mexessem, e Freytag soube que não havia nada a assinalar e saiu ao encontro da manhã encoberta. Era um homem velho, tinha um pescoço magro, uma cara com a pele muito esticada, olhos que lacrimejavam incessantemente, como se se lembrassem de um esforço desesperado; embora o seu corpo baixo estivesse curvado, ainda revelava um pouco da força que tivera em tempos ou que ainda possuía. Os dedos eram nodosos e as pernas tortas como se o tivessem mandado montar um barril quando era novo. Antes de ser comandante do barco-farol tinha comandado, durante dezasseis anos, num percurso lá para o Levante, um barco que lhe pertencera, e nessa altura habituara-se a andar com uma ponta de cigarro apagada na boca, que pousava cuidadosamente ao lado do prato durante as refeições.

Encostou-se à porta do camarote, o cigarro apagado a mover-se ao canto da boca, e olhou para as ilhas, por cima do rasto de espuma que se prolongava até ao largo; depois olhou para a carcaça de um navio naufragado, ao lado do qual saíam para fora da água os ferros de um barco afundado durante a guerra; e assim parado, sentiu que se abria a porta atrás dele; sem se virar, deu um passo para o lado, pois sabia que era o rapaz que esperava.

Freytag não pedira autorização a ninguém; como comandante que era, tinha simplesmente trazido o rapaz para a última missão do barco, tinha-o trazido do hospital onde Fred estivera internado por causa de um envenenamento de mercúrio. Freytag vira o rapaz deitado na cama, alto e pálido, de olhar assustado, e, depois de ter falado com o médico no corredor, regressara e dissera a Fred: «Amanhã vens também para o barco.» E embora o rapaz quisesse nem voltar para a barraca onde trabalhara como soprador de termómetros, nem ir para o barco de Freytag, encontrava-se agora a bordo.

Fred deixou cair a porta no trinco e esta fechou-se com um ruído sibilante; observou o velho pelo canto dos olhos, com um olhar hostil e assustado. Não lhe dirigiu palavra; pôs-se ao lado dele e ficou à espera, numa atitude de hostilidade silenciosa. Nunca, desde que sabia pensar, tinha estado de outra maneira ao lado do seu velho, nem na altura em que só lhe chegava ao ombro, nem agora, que lhe podia olhar de cima para dentro do colarinho aberto, onde começava um bocado de pele lisa e queimada que se estendia sobre as costas até à cintura.

Desde que soubera o que tinha acontecido naquela altura — quando o seu velho seguia o percurso lá no Levante e ele, Fred, ainda andava na escola — nunca mais quis ter nada a ver com ele, e nunca falaram sobre isso, nem Fred sentiu necessidade de o fazer.

Permaneceram em silêncio um ao lado do outro, conheciam-se bem de mais para esperar alguma coisa um do outro, e sem dizer nada, com um aceno de cabeça, Freytag convidou o rapaz a segui-lo.

Treparam um a seguir ao outro para o mastro do farol, viram o reflexo distorcido das suas caras no vidro duro e arredondado; olharam para o mar e para o convés do barco cujo balouçar se sentia mais intensamente aqui em cima do que lá em baixo, e Fred viu como a amarra pesada estalava na água quando as ondas subiam até ela. Também viu o homem na proa com a gralha preta e brilhante, e ouviu o seu velho a dizer:

— Este é Gombert. Ainda não desistiu: quer ensinar a gralha a falar até ao Natal e na Páscoa quer que ela recite um salmo. — Fred não respondeu, observava com indiferença o homem na proa que falava entusiasticamente com a gralha que estava no convés e que tinha as asas caídas e as guias cortadas. — Chama-se Edite — disse Freytag —, Edite de Laboe.

Depois desceu, seguido por Fred, e foram silenciosamente à cabina de TSF, onde encontraram Philippo diante da instalação radiotelefónica: era um homem pequeno e débil, que tinha vestida uma camisola ruça e tinha posto uns auscultadores; segurava um lápis numa mão e com a outra enrolava cigarros sobre a mesa.

— Está a transmitir a força da corrente — disse Freytag —, o estado do mar e o boletim meteorológico.

Philippo não se virou, embora tivesse visto as sombras deles reflectidas na parede e sobre a mesa coberta de bocadinhos de tabaco; não se preocupou com o altifalante do qual se ouvia um crepitar, um ruído seco; era como se gafanhotos andassem sobre um telhado de lata; estava calmamente sentado na cabina sem vigias e disse passado um bocado:

— Isto já está livre — e ajustou os auscultadores.

— Isto é a cabina de TSF — disse Freytag —, agora também já a viste — e empurrou o rapaz da entrada com o ombro, fechou a porta de correr, e olhou em volta a pensar no que Fred ainda não teria visto, a bordo. Lançou um olhar para o seu barco e pela primeira vez pareceu-lhe velho e condenado; um barco que não era livre e que não ia para outras costas, mas que estava, tal como um prisioneiro, seguro por uma amarra comprida, agarrado pela âncora gigante que estava metida no fundo arenoso, e Freytag não descobriu nada mais que ainda pudesse mostrar ao rapaz. Indeciso, encolheu os ombros. Olhou para o barco como quem olha para uma planície. Tirou um lenço do bolso, enrolou-o à volta da mão e voltou a meter a mão no bolso; por um instante esperou para ver se o rapaz, que tinha ficado parado atrás dele, dizia alguma coisa, não ouviu nada e fechou o punho envolto no lenço e sentiu como o tecido se esticava sobre os seus dedos nodosos. Olhou para o vigia que tinha pousado o binóculo e que estava encostado a uma ardósia, na qual nesse manhã ainda nada estava escrito, e fez um sinal a Fred para que o seguisse. Os passos dele soavam nos degraus de ferro: os degraus estavam enferrujados, amolgados e gastos, as estrias que deviam dar apoio aos sapatos estavam gastas e mal se podiam ver. Subiram um atrás do outro, Freytag à frente, e o vigia, junto à ardósia, observava como as cabeças deles apareciam no convés e como surgiam os ombros e os corpos, até que finalmente se afastaram da amurada e pararam ao lado dele.

Fred nunca vira Zumpe, só sabia que o homem da gávea fora torpedeado num cargueiro de minério durante a guerra e tinha flutuado durante noventa horas no barco salvavidas destróado, e fora dado por morto — Freytag contara-lhe isso; e também lhe dissera que naquela altura a mulher de Zumpe tinha feito uma participação que o próprio Zumpe, ao regressar, leu e considerou tão mesquinha que deixou a mulher. Agora trazia sempre consigo a participação da sua própria morte numa carteira amarrada, e mostrava-a a todos sorrindo ironicamente; um papel amarelado, mole e cheio de manchas, de marcas de polegares e de indicadores.

Fred ouvira falar de Zumpe pela primeira vez quando, durante o caminho, o seu velho lhe falara dos homens que ele iria encontrar no barco. Agora, que estavam frente a frente, apertaram as mãos e Fred sentiu os dedos calosos e parecidos com garas. Os membros demasiado curtos, o pescoço demasiado curto e a cabeça pesada davam a Zumpe um ar de anão; a sua nuca era muito enrugada, a cara balofa.

— Dá-lhe o binóculo — disse Freytag.

Zumpe passou a correia fina por cima da cabeça e deu o binóculo a Fred, que o aceitou sem pressa e o começou a virar entre as mãos.

— Olha — disse Freytag —, além estão as ilhas. — Os homens trocaram um olhar, e o rapaz levou o binóculo pesado aos olhos e viu a praia da ilha e o dique cor de areia entre as ilhas; e atrás do dique reconheceu uma vela, branca e deslizante calmamente; não parecia pertencer a nenhum barco e parecia mover-se sobre o dique. Fred juntou as duas lentes redondas até estas se cobrirem

uma à outra, olhou em direcção às ilhas, rodou pela cintura, viu a carcaça do navio naufragado, e os ferros do barco afundado a moverem-se dentro do círculo, e também os viu sair do círculo ao continuar a virar o binóculo em direcção ao largo. O rasto de espuma atravessou o círculo; uma gaivota lançou-se para a água com as asas inclinadas, e ele conseguiu distinguir as cristas reluzentes das ondas no horizonte encoberto. Depois parou, interrompeu repentinamente o movimento circular como se tivesse deparado com um obstáculo, e os homens viram como ele baixou o binóculo, o voltou logo a levantar e começou rapidamente a tentar focar; os homens aproximaram-se dele e olharam na direcção em que Fred procurava. Não descobriram nada.

— O que foi? — perguntou Freytag.

— Não vi nada — disse Zumpe.

— Um barco — disse Fred —, um barco a motor. Tenho a impressão de que anda à deriva.

Distinguiu claramente o barco cinzento que andava à deriva e que, ao mesmo tempo, era levantado pela ressaca; também distinguiu nitidamente com o binóculo que o barco tinha tripulação e que um dos tripulantes estava de pernas abertas em cima da capa de madeira do motor, a agitar qualquer coisa de um lado para o outro.

— Sim — disse Fred —, é um barco à deriva e tem gente.

Zumpe tirou-lhe o binóculo da mão, descobrindo os dentes e mostrando uns incisivos poderosos ao levar o binóculo aos olhos, espreitou durante alguns segundos e, sem uma palavra, voltou a dá-lo a Freytag; Freytag também só olhou durante alguns segundos, voltou a dar o binóculo ao rapaz e disse:

— Vamos lançar o escalor à água.

— O escalor foi acabado de pintar — disse Zumpe.

— Então lançamos à água o escalor acabado de pintar — disse Freytag.

— A tinta ainda não está seca.

— Podes chamar-lhes a atenção para isso — disse Freytag —, mas primeiro vai buscá-los. Se calhar até lhes é indiferente que o barco os vá buscar.

— Sozinho?

Zumpe aproximou-se das escadas, os seus movimentos eram um pouco penosos, rudes e bruscos, e enquanto ele descia Fred observava o barco que flutuava atravessado ao largo.

Fred descobriu que o barco cinzento que eles estavam a rebocar era maior que o deles, onde agora estavam sentados cinco homens; parecia ser um barco salva-vidas de um grande navio de passageiros, com cabos finos dos lados e a defesa da proa desbotada pelo sol.

— Estás a ouvir o que eu estou a dizer? — perguntou Freytag.

— Sim — disse Fred —, ouvi tudo.

Agora conseguia distinguir Gombert na cana do leme. Zumpe na proa e os três homens que estavam de cócoras entre eles; sem pousar o binóculo e sem se virar para o seu velho, perguntou:

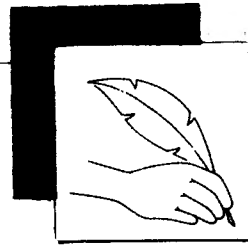
— O que é que vamos fazer com eles?

— Logo se verá — disse Freytag —.

Vamos mandá-los o mais rapidamente possível para terra. Não temos nenhum hotel a bordo. Em última análise entregamo-los ao barco de abastecimento. Não podem ficar aqui durante toda a missão.

Siegfried Lenz, *O barco-farol*, Fragmentos, col. Pérola.

Acabados de chegar



■ Quatro Últimas Canções, Vasco Graça Moura, ed. Quetzal, col. Serpente Emplumada

Sucessão de registos pessoais diversos e complementares que funcionam simultaneamente como instâncias narrativas específicas de cada um dos personagens, este romance do poeta Vasco Graça Moura acaba por ser um dos principais acontecimentos deste início de ano literário. Lançado ontem mesmo, aqui apenas referenciamos a sua edição, deixando nova aproximação mais detalhada para mais tarde. Aqui ficam, no entanto, algumas palavras do autor sobre o modo como o texto surge: "...o registo de Matilde é teatral e trágico; o de Francisco, é o do memorialismo íntimo e da evocação camiliana; o de Ingrid, mais ligeiro, tem a ver com o que poderíamos designar por crónica jornalística; o de Cristóvão, situa-se predominantemente nas margens do diário. Por vezes, registos combinam-se ou transferem-se: o fugaz reencontro de Matilde com Cristóvão pretendia ser acentuadamente operático. Outras vezes, a transposição leva a que cada voz se torne um eco, que pode até ser contraditório, de uma outra voz."

■ A Biblioteca, Umberto Eco, ed. Difel

Reflexão sobre a biblioteca ideal, mas igualmente crítica das bibliotecas existentes e chamada de atenção para os principais aspectos positivos de algumas bibliotecas preferidas do autor: é um texto curto, que presta a homenagem quase obrigatória a Jorge Luís Borges, e se alimenta de boas ideias práticas e de um humor inteligente e comunicativo. Eco num momento de prazer erudito e de propostas verdadeiramente úteis e sérias sobre o funcionamento d'«A Biblioteca».

■ A boneca francesa, Vincent Connor, Dom Quixote, Biblioteca de Bolso

A biblioteca de bolso da Dom Quixote enverda pela recuperação de polícias. Este Connor é um «thriller» sobre «O Peixe», o misterioso assassino que parece estar intimamente relaciona-

do com a história de um submarino alemão afundado durante a guerra, carregado de ópio encomendado por dignitários nazis...

■ Meia-Noite e um, Gavin Lyall, Dom Quixote, Biblioteca de Bolso

Outro «thriller»: este ressuscita uma rede de antigos resistentes franceses e fá-la funcionar num enredo mais recente, em que se disputam grandes interesses financeiros rivais. A história desenrola-se entre as costas da Bretanha e o Lichtenstein, e o herói será obrigado a enfrentar ora a polícia, ora um grupo de «gangsters» apostado em liquidar o multimilionário que ele escolta.

■ A virgem vermelha, Arrabal, Biblioteca de Bolso da Dom Quixote

Mais de acordo com o anterior perfil da colecção, este Arrabal de 1986, que põe em acção uma série de mitos mediáticos dos anos 70: uma grande dama da sociedade espanhola decide fazer um filho que acompanhar sozinho, e escolhe assim um «pai ocasional». A criança, uma menina, revela-se cedo sobre-dota, e, em resultado de vicissitudes particulares, torna-se conhecida sob o cognome de *Vierge Rouge*. Virá a ser abatida pela mãe com meia dúzia de tiros de revólver. Tipicamente Arrabal, está concebido como uma narrativa de acção (no sentido em que se falou, em tempos que já parecem hoje recuados, de *action painting*), e merece uma leitura atenta, por parte de quem já esteja habituado a defender-se dos habituais excessos e redundâncias do premiado autor.

■ Aventuras no comércio de peles do Alasca, John Hawkes, ed. Fragmentos

Prémio Médicis em França, no ano passado, Hawkes é mais um universitário americano empenhado no programa para graduados em «Escrita Criativa», e este seu romance põe em jogo a ligação entre um pai que encarna o Poder e sua filha, na paisagem desértica do Alasca.

■ O Estado Novo das Origens ao Fim da Autarcia, 1926-1959, segundo volume, ed. Fragmentos

Segunda parte das comunicações apresentadas no Colóquio sobre o Estado Novo: textos de João Freire, A. M. de Oliveira Marques, Filomena Bandeira, Dawn Linda Raby, Luís Vidigal, M.^a Helena Carvalho dos Santos, Carlos Fortuna, Rui Pereira, Adelino Torres, Ângela Guimarães, Stephen R. Stoer e Helena Costa G. Araújo, Júlia Teresa Leitão de Barros e Raquel Pereira Henriques, Sérgio Grácio, Jorge Ramos do O. Armindo José Baptista de Moraes, Mário Vieira de Carvalho, Fátima Nunes, Fernando Castelo Branco, Maria Cândida Proença, Maria Belo, Ana Paula Alão, Iolanda Neves Cabral, António Matos Ferreira, Paula Silveira, Nuno Teotónio Pereira, José Manuel Fernandes, Vítor Matias Ferreira, Carlos Nunes da Silva, e Armando Jorge Silva.

O livro está dividido nas secções «Os movimentos de oposição ao Estado Novo», «A questão colonial», «Ensino, Cultura e Discurso Político-ideológico» e «Arquitectura e Urbanismo».

■ Movimentos Modernos em Arquitectura, Charles Jenks, Edições 70, col. Arquitectura & Urbanismo

Manual, bem ilustrado, sobre as principais tendências da arquitectura desde 1920. Trata-se de um clássico da reflexão contemporânea sobre o tema, que analisa em profundidade as obras de criadores como Le Corbusier, Mies Van Der Rohe, Frank Lloyd Wright, Ricardo Boffil e Alvar Aalto.

■ Garcia de Resende e o Cancioneiro Geral Estudo e antologia de André Crabbé Rocha, Biblioteca Breve, ICLP

Nas dimensões limitadas da «Biblioteca Breve», editada pelo Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, a Professora André Crabbé Rocha publicou um estudo e um cioneiro Geral» de Garcia de Resende. O estudo ordena-se em três capítulos: «Garcia de Resende e o

Cancioneiro Geral», «Estrutura do Cancioneiro», «Fortuna Literária do Cancioneiro Geral». E, nas páginas de conclusão, André Crabbé Rocha escreve: «Simultaneamente repetitivo e variado, o Cancioneiro de Resende requer uma leitura atenta para se poder distinguir nele as formas e os temas codificados e as formas e temas originais, abrindo caminho para a realização de múltiplos subgéneros poéticos... Bem olhados os motivos dessa poesia, veremos que são mais variados do que à primeira vista parece...»

Se o «Documentário Antológico» é diminuto, a Bibliografia indicada é suficiente para o estudante que deseje aprofundar o conhecimento do «Cancioneiro Geral». Como bem se diz na apresentação do volume: «No Cancioneiro cintilam, embora fugazmente, todas as facetas da vida, todas as fraquezas, audácias, arrependimentos e esperanças da sociedade portuguesa da época.»

FRAGMENTOS DE UMA COMPOSIÇÃO MEDIEVAL, José Mattoso, Estampa

Pela «Editorial Estampa», na colecção «Imprensa Universitária», foi publicada uma colectânea de conferências e artigos do Professor José Mattoso, catedrático de História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. O volume tem um título, inspirado no título de uma conhecida obra de Roland Barthes, («Fragments d'un discours amoureux»): «Fragmentos de uma Composição Medieval».

Materiais fragmentários para uma «composição» que visa elucidar, ou simplesmente equacionar à luz da problemática da «Nova História», alguns «velhos problemas» que desde há séculos preocupam os nossos historiadores. No volume, os diversos «fragmentos», estão agrupados por afinidades, e o leitor vislumbra como se integrariam numa «composição» que, com traçado de obra unitária, abarcasse toda a época medieval.

A «composição» está ordenada em cinco partes: I — Portugal. História e Identidade. (Os moçárabes; Da comunidade primitiva ao município. O exemplo de Alfaiates; A formação de Portugal e a Península Ibérica nos séculos XII e XIII; As relações de Portugal com Castela no reinado de Afonso X, o Sábio; A cidade de Leiria na História medieval de Portugal). II — Feudalismo Peninsular (O feudalismo português; Sobre o problema do feudalismo em Portugal; Feudalismo e história das instituições; Feudalismo e concelhos; A propósito de uma nova interpretação; A difusão da mentalidade vassalica na linguagem quotidiana). III — Religião e Cultura (O monaquismo tradicional em Portugal no século XII; Liturgia monástica e religiosidade popular na Idade Média; Estratégias da pregação no século XIII; IV — Ao jeito da Nova História (A caça no Soajo; A realza de Afonso Henriques; Saúde Corporal e saúde mental na Idade Média portuguesa; *Refranes que dizem las viejas tras el huego*). V — Crise e Mudança (Perspectivas económicas e sociais das cortes de 1385; A nobreza e a Revolução de 1383; Breves reflexões sobre o início dos descobrimentos portugueses).

Na «Introdução» destes «Fragmentos de uma Composição Medieval», o professor José Mattoso justifica a arrumação dos materiais coligidos que, artigos, críticas, conferências, se situam, tematicamente, no âmbito cronológico dos séculos XI a XIV.

O autor insiste «no carácter enganador do conceito «medieval» e considera «como princípio fundamental o da continuidade das estruturas mentais e de muitas estruturas económicas e sociais antes e depois da crise do século XIV». A obra — só pelo título fragmentária — oferece um conjunto de materiais para «uma composição medieval» e apresenta conexões e ligações com as outras obras do autor de «Portugal Medieval. Novas Interpretações» (1985).

O eu nos outros

ERA um cão, dir-se-ia que perdido, por entre as mesas redondas da esplanada, farejando um joelho, farejando um sapato, aceitando um afago na cabeça — e, logo depois, afastando-se numa correria, sem um ladrado, ao longo dos carros estacionados frente ao mar.

— Um cão de raça — disse Anselmo para Zita, os lábios na cerveja, os olhos perdendo-se no ponto distante onde o cão se sumira.

— Um caso triste — disse Zita, de costas voltadas para os carros estacionados, tocando com a colher na chávena já vazia de café. — Queres que te conte a história...?

Anselmo distendeu-se na cadeira de lona:

— Já agora...

— Então ouve... Não interessam nomes, tá bem...? Temos um casal. Jovem. Ele bem colocado num banco, ela a terminar um curso de Letras. Não interessa, para aqui, como se vieram a conhecer. Interessa é que foi um amor à primeira vista. Pode parecer muito fora dos tempos que correm, muito romântico, mas foi mesmo assim... Bem, casaram-se. Durante os primeiros anos tudo correu muito bem. Um filho ainda os estreitou mais. Depois, ia o garoto pelos cinco anos, começaram a surgir desentendimentos entre os pais.

— Que espécie de desentendimentos...? Também não se pode saber...? — perguntou Anselmo, desviando a cadeira a fim de fugir a um raio de sol que lhe tomava os olhos.

— Isso também não interessa — observou Zita. — Encara o que te conto como um caso geral. A criança,

afectada pela zanga dos pais, tornou-se num problema: passou a falar pouco, a expandir-se cada vez menos, a esconder-se nos armários... Psicólogo, é claro. O psicólogo aconselhou aos pais uma política de harmonia, que não descurassem a atenção que o filho exigia, etc., etc., etc. Os dois, então, desfizeram-se em carinhos com o filho. Passeios de automóvel, sessões infantis de cinema, e prendas, muitas prendas... Uma das prendas foi o cão que tu viste por aqui passar.

— Nem o nome do cão se pode saber...?

— Esse sim. Vulgaríssimo. «Pinóquio». Quando o miúdo se afeiçoara às toneladas ao cão, eis que se dá o rompimento definitivo entre pai e mãe... Separaram-se mesmo, embora ainda continuem casados. O pai saiu de casa, a mãe continuou na casa. O pobre do pequeno de tudo se desinteressou... Até do cão, que o acompanhava a toda a parte. Adiantando: enquanto o miúdo, devido a um acordo estabelecido entre os pais, ora passa uma semana em casa da mãe, ora uma semana em casa do pai, e o restante tempo em casa dos avós maternos, o cão, esse, é como tu viste... Anda de lado nenhum para lado nenhum. De certa maneira, é um filho completamente abandonado. Nem o «irmão» adoptivo, o miúdo, dele quer saber...

Anselmo pigarreou — e disse:

— Estou a ver, estou a ver. Pobre garoto, pobre cão...

— E tirando os olhos limpou-os até mais não.

Pedro Alvim

Um cão na esplanada

Na terça-feira

Sete Ponto Sete

Quanto rende a publicidade feita em suportes especializados? Faça a experiência